

**SUPRAGENERALIZAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS: SOB
UM OLHAR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

ROSA LUCIA PEREIRA VIRGÍLIO NEVES

UFRJ/2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**SUPRAGENERALIZAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS: SOB
UM OLHAR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

ROSA LUCIA PEREIRA VIRGÍLIO NEVES

Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística da
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Doutora Marcia Maria
Damaso Vieira

Rio de Janeiro
2007

SUPRAGENERALIZAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS: SOB UM OLHAR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Rosa Lucia Pereira Virgílio Neves

Tese de doutoramento submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

Aprovado por:

- Orientadora
Prof^a Dr^a Marcia Maria Damaso Vieira (MN/UFRJ)

Prof^a Dr^a Aniela Improta França (UFRJ)

Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende Maia (UFRJ)

Prof. Dr. Humberto Peixoto Menezes (UFRJ – externo)

Prof^a Dr^a Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold (UFRJ – externo)

Prof^a Dr^a Ruth Elisabeth Vasconcelos Lopes (UNICAMP – suplente)

Prof^a Dr^a Marília Lopes da Costa Facó Soares (MN/UFRJ – suplente)

Defendida a tese:

Conceito:

Em 03 de dezembro de 2007

Neves, Rosa Lucia Pereira Virgílio

Suprageneralização na aquisição de causativas: sob um olhar da Morfologia Distribuída/ Rosa Lucia Pereira Virgílio Neves – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2007.

xi, 189 f: il.

Tese de Doutorado em Lingüística – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras – Departamento de Lingüística, 2007.

Orientadora: Marcia Maria Damaso Vieira

1. Aquisição da Linguagem. 2. Teoria da Gramática. 3. Lingüística. Teses. I. Vieira, Marcia Maria Damaso (Orient.) II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Lingüística. III. Suprageneralização na aquisição de causativas: sob um olhar da Morfologia Distribuída.

Aos meus adoráveis pais, Virgílio e Onexa.

Aos meus filhos, Igor e Vítor, por encherem minha vida de amor, paz, alegria e ternura.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me concedido graças durante a trajetória de desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Marcia Maria Damaso Vieira, pela sua orientação, apoio e incentivo nos diferentes momentos de elaboração desta pesquisa. Pelas inúmeras discussões e elucidações sobre os diversos tópicos e suas múltiplas sugestões de aperfeiçoamento do texto que foram fundamentais para a realização desta tese.

Aos demais professores do Curso de Doutorado do Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras/UFRJ, por também terem contribuído para o meu desenvolvimento intelectual.

Aos meus pais, Virgílio e Onexa, pelo apoio incondicional. Sem falar no amor, no carinho, na amizade, no companherismo...

Ao meu marido Marcio André, pelo seu incentivo, amor, paciência e compreensão dos momentos difíceis.

Às minhas irmãs, Renata e Paula, pelo apoio, carinho e amizade.

À amiga inseparável, Edna Inácio da Silva e Silva. Seu apoio intelectual e emocional são indispensáveis e foram fundamentais para eu prosseguir na árdua caminhada.

À amiga Patrícia Botelho Santos pelo carinho, apoio e incentivo.

RESUMO

In: Neves, Rosa Lucia Pereira Virgílio. Suprageneralização na aquisição de causativas: sob um olhar da Morfologia Distribuída. Orientador: Márcia Maria Damaso Vieira. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras. 2007. Tese de Doutorado em Linguística.

Os objetivos desta tese foram: (i) analisar a questão referente à suprageneralização das estruturas causativas, observada na aquisição do PB como L1, à luz dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída; e (ii) oferecer um conjunto de dados detalhado e organizado, englobando não só os desvios causativos, mas também outras construções já adquiridas pelas crianças em fase de aquisição.

Foram três as fontes de dados infantis aqui utilizados: (i) Figueira (1985) que engloba enunciados de Anamaria entre 2;7 e 5;0 anos; (ii) os dados por nós coletados de Igor e Gabriel que abrangem o período de 1;7 até 8;6 meses.

Através da observação e análise dos dados referentes à suprageneralização das estruturas causativas, alcançamos as seguintes conclusões sobre a aquisição da estrutura argumental dos predicados: (i) o conhecimento da estrutura argumental está dissociado do conhecimento das propriedades específicas dos verbos empregados; (ii) o argumento externo não é selecionado pela raiz lexical, mas sim por um morfema funcional; (iii) a raiz lexical seleciona argumentos internos; (iv) através do uso supérfluo do verbo “fazer” para a expressão de causa direta, percebe-se que o morfema funcional Causa é o mesmo nas causativas lexicais e nas causativas sintáticas; e (v) as crianças têm conhecimento dos morfemas da Lista 1, mas desconhecem as condições de licenciamento das raízes na Lista 2.

ABSTRACT

In: Neves, Rosa Lucia Pereira Virgílio. Suprageneralização na aquisição de causativas: sob um olhar da Morfologia Distribuída. Orientador: Márcia Maria Damaso Vieira. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras. 2007. Tese de Doutorado em Lingüística.

The aims of this thesis are: (i) to analyze the overgeneralization observed in the acquisition of causative constructions in Brazilian Portuguese as L1, in the light of Distributed Morphology; and (ii) to provide a detailed and organized set of acquisition data, related not only to the overgeneralization of causative structures, but also to all the syntactic constructions acquired by the children so that future investigators of the subject can make use of them.

We have observed and analysed three different sets of acquisition data; one collected by Figueira (1985) and (ii) two others collected by us. The ages of the children investigated ranged from 1;7 to 8;6 years old.

Through the observation and analysis of the acquisition data, we have come to the following conclusions: (i) the knowledge of the argument structure is dissociated from the knowledge of the specific properties of individual verbs; (ii) the external argument is not selected by lexical verbs, but is licensed by a functional morpheme, (iii) lexical roots select internal arguments; (iv) through the superfluous usage of the verb “fazer” (= make) for expression of direct causation, we notice that the functional morpheme Cause is the same employed in lexical and syntactic causatives; and (v) children have knowledge of the morphemes in List 1. What they have to learn in order to stop the causative overgeneralization are the licensing conditions of the lexical roots in List 2.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - OS VERBOS INACUSATIVOS, INERGATIVOS E A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA	4
1.1 – Caracterização dos verbos inacusativos e inergativos	4
1.1.1 – Critérios para a identificação dos verbos inacusativos e inergativos	7
1.2 – A caracterização dos verbos inacusativos em Português, segundo Eliseu	10
1.3 - A alternância causativa	14
1.3.1 - Diferentes visões sobre a alternância causativa	16
1.3.1.1 - A classificação de Figueira (1985)	16
1.3.1.2 - A abordagem de Pinker (1989)	18
1.3.1.2.1 - Verbos que se causativizam	20
1.3.1.3 – Levin e Rappaport-Hovav (1995).....	22
1.3.1.4 – A abordagem de Cabrera & Zubizarreta (2004)	24
CAPÍTULO 2 – ESTRUTURA ARGUMENTAL NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	28
2.1 – Lexicalismo vs. Morfologia Distribuída	28
2.2 – O léxico segundo a Morfologia Distribuída	30
2.3 – Os <i>f-nodes</i> e os <i>l-nodes</i>	32
2.4 – As condições de licenciamento dos Itens Vocabulares e a projeção argumental	34
2.5 – A derivação sintática na Morfologia Distribuída	39
2.5.1 – A inserção de Itens Vocabulares	39

2.6 – As operações morfológicas	41
2.6.1 – <i>Morphological merger</i>	41
2.6.2 – Empobrecimento	42
2.6.3 – Fissão	43
2.6.4 – Regras de reajustamento	43
2.7 - A alternância causativa na Morfologia Distribuída	44
2.7.1 – Raízes selecionam argumentos?.....	45
2.7.2 – A variação do morfema Causa, segundo Pylkkänen (2002)	49
2.7.2.1 – O parâmetro da posição sintática	51
2.7.2.2 – O parâmetro do complemento de Causa (<i>Selection</i>)	53
2.7.3 – As aplicativas.....	55
2.7.4 – Dissociação entre Voz e Causa: evidências.....	56
CAPÍTULO 3 – ESTUDOS SOBRE A SUPRAGENERALIZAÇÃO DE ESTRUTURAS CAUSATIVAS	59
3.1 – Abordagem semântica: <i>Semantic Bootstrapping</i>	60
3.1.1 – Bowerman (1974, 1978)	61
3.1.2 – Lord (1979)	61
3.1.3 – Pinker (1989).....	62
3.1.3.1 – Os dados e as hipóteses explicativas	63
3.1.4 – Marcotte (2005)	68
3.2 – Abordagem sintática: <i>Syntactic Bootstrapping</i>	69
3.2.1 - Naigles et al (1993)	70
3.2.2 – Borer (2004)	71
3.2.3 – Murasugi et al (2002)	76

3.3 – A aquisição de causativas em L2	79
3.3.1 – Montrul (1997, 1999, 2001) Cabrera e Zubizarreta (2003)	79
3.3.2 – Okamoto (2005)	81
CAPÍTULO 4 - A AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS EM PB COMO L1	86
4.1 – Metodologia	86
4.2 – Figueira (1985)	87
4.3 - A proposta de Franchi	91
4.4 – Observações sobre os dados	94
4.4.1 - Os dados de Anamaria	96
4.4.2 – Os dados do Igor	98
4.4.3 – Os dados do Gabriel	98
4.5 – Comparação com dados de aquisição de causativas de outras línguas	100
CAPÍTULO 5 - A SUPRAGENERALIZAÇÃO DE CAUSATIVAS, SOB O OLHAR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	103
5.1 – A aquisição da linguagem na MD	103
5.2 – Sobre o conhecimento sintático da criança	107
5.3 – Causativa lexical vs causativa sintática	111
5.3.1 – A representação dos dois tipos de causativas.....	112
5.4 – Conhecimento dos morfemas da Lista 1	117
5.4.1 – A projeção de estruturas argumentais.....	119
5.4.2 – Evidências de outras línguas.....	123
5.5 – As construções desviantes em PB	125
5.6 - O estatuto do verbo “fazer” nas causativas perifrásticas	128
5.6.1 - As causativas perifrásticas iniciais.....	129

5.6.1.1. - “ Fazer” como expressão do morfema Causa.....	131
5.6.1.2 - A expressão de causa indireta.....	133
5.6.2 - Os dois tipos de Causa.....	134
5.7 - As causativas lexicais.....	137
5.8 - O problema com a Lista 2.....	142
6 – CONCLUSÃO	144
7 – BIBLIOGRAFIA.....	149
8 – ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

Em Português Brasileiro (PB), certos verbos intransitivos inacusativos podem ser causativizados lexicalmente, ocorrendo então em estruturas transitivas como em (1b):

- (1) a - A porta abriu.
- b - João abriu a porta.

Nos estágios iniciais de aquisição do PB como L1, observa-se que as crianças suprageneralizam as estruturas causativas. Isto é, elas empregam todos os tipos de verbos intransitivos (inacusativos que ocorrem no par transitivo/intransitivo, inacusativos que não ocorrem no par transitivo/intransitivo e inergativos) como causativos, produzindo enunciados como em (2) e (3), considerados desviantes do ponto de vista da gramática do adulto:

- (2) Mãe, **anda** o boneco pra mim. (Igor - 3;7)
- (3) Eu vou **morrer** você, mamãe. (Gabriel - 3;11)

Não só verbos intransitivos são empregados como causativos, mas também verbos transitivos causativos ocorrem em contexto intransitivo, conforme indica o exemplo (4):

- (4) Mamãe, o lençol **tirou** todo da cama. (= saiu) (Igor - 3;4)

Nesta mesma fase de suprageneralização de estruturas causativas, percebe-se ainda que as crianças já produzem construções causativas com o verbo “fazer”. Porém, o uso deste verbo causativo pelas crianças nem sempre corresponde ao do adulto. Este é o caso do exemplo (5) em que a criança segura um ovo na mão e pede para mãe quebrá-lo, adquirindo a estrutura o sentido de causativa direta:

- (5) **Faz** quebrar o ovo, mamãe. (Gabriel - 2;9)

O emprego de “fazer” no exemplo (5) parece desnecessário, uma vez que o verbo “quebrar” por si só pode expressar causação direta na gramática do adulto. Isto é, o agente causador pode atuar diretamente no *causee* provocando a mudança de estado.

Com base nas observações aqui expostas, traçamos dois objetivos para o presente estudo: (i) analisar as suprageneralizações causativas, sob o olhar dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (MD) (Marantz, (1997); Harley e Noyer (1999 e 2000); Embick e Noyer (2005); Lemle (2005); Harley (2006); e (ii) oferecer um conjunto de dados detalhado e organizado em termos cronológicos, englobando não só os desvios causativos, mas também outros tipos de construções dominadas pelas crianças nas fases dos desvios, como interrogativas, passivas, subordinadas, e que são relevantes para o tipo de pesquisa aqui proposta.

Para a realização dos objetivos aqui delineados, nos valem de três fontes de dados: (i) Os dados de Igor coletados por mim durante o período de 1;7 até 8;6 meses; (ii) Os dados de Gabriel registrados pela orientadora, que abrangem o período de 2;7 até 7;0 anos; (iii) Os dados de Figueira (1985) que coletou enunciados de Anamaria entre 2;7 e 5;0 anos. Esta pesquisadora realizou um estudo sobre a suprageneralização de causativas em PB, tendo como base as Teorias Interacionista- Construtivista e outras abordagens.

Na MD, conforme afirmam Harley & Noyer (1999), as palavras são o *output* da sintaxe e não o *input* para a sintaxe, conforme propõe a Hipótese Lexicalista. Na Lista 1, existem apenas posições ocas e traços formais que se combinam na sintaxe através da operação de *merge* e *move* para formar as palavras: verbos, nomes e adjetivos.

As categorias lexicais das palavras são produtos dessas operações sintáticas de combinação de raízes e traços formais. Se uma raiz se combina com um elemento verbal, torna-se um verbo. Se uma raiz se combina com um elemento nominal, torna-se um nome.

Segundo Arad (1999), as estruturas argumentais dos verbos são também determinadas sintaticamente. Uma raiz lexical torna-se um verbo de um determinado tipo, dependendo do núcleo funcional vizinho (*v*) com o qual co-ocorre. Assume-se que vizinho é um núcleo verbal que pode ser de diferentes tipos: causativo, incoativo ou estativo. Assim, um vizinho do tipo causativo é um núcleo com propriedades transitivas e, conseqüentemente, introduz um argumento externo. Já um vizinho do tipo incoativo, traduzido como *become*, não licencia um argumento externo. Para Arad, então, na derivação de qualquer verbo, há um vizinho que, dependendo do tipo, seleciona ou não um argumento externo.

Os casos de alternância verbal (par transitivo/intransitivo) são vistos como casos em que uma mesma raiz ora se combina com um núcleo verbal causativo (*cause*) ora se combina com um núcleo verbal incoativo (*become*).

Então, segundo a MD, a estrutura argumental de um predicado está sujeita ao tipo de vizinho que está presente na representação. A determinação do vizinho para a estrutura argumental depende das condições de licenciamento dos Itens Vocabulares. De acordo com Harley & Noyer, se um Item Vocabular é listado como [+ Causa], a estrutura será bem formada se o Item for inserido no contexto de *v* Causa, tendo necessariamente um argumento externo no *Spec v*. Já se o Item Vocabular é listado como [- Causa], ele não vai co-ocorrer com argumento externo no *Spec v*. A estrutura será mal formada se o Item ocorrer com Causa e conseqüentemente, com um argumento externo.

Verificamos, com base na MD, que os desvios causativos infantis parecem revelar que, apesar de a criança conhecer a sintaxe da estrutura argumental dos predicados, ela ainda não domina as condições de licenciamento dos Itens de Vocabulário. Estes parecem subespecificados para [\pm Causa]. Sendo assim, ora ocorrem com argumentos externos ora ocorrem sem argumentos externos.

Através da MD, queremos mostrar que o conhecimento sobre a estrutura argumental dos predicados está dissociado do conhecimento das entradas lexicais de verbos específicos. Nesse caso, a tarefa da criança no processo de aquisição é determinar os traços referentes a cada verbo. Ela tem de aprender a entrada de vocabulário para cada verbo, pois o conhecimento das propriedades gramaticais dos verbos é adquirido um por um.

Nesta pesquisa, além dos objetivos aqui já delineados, também confrontamos diferentes propostas existentes na literatura sobre: (i) a caracterização e a diferenciação dos verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) e sobre a alternância causativa; (ii) o processo de aquisição da estrutura argumental em L1 e L2.

Sendo assim, a tese está dividida em cinco capítulos. Os capítulos 1 e 2 apresentam a revisão bibliográfica sobre os verbos inacusativos e inergativos e sobre a alternância causativa, segundo o Lexicalismo e a Morfologia Distribuída. O capítulo 3 aborda os estudos sobre aquisição de causativas em L1 e L2. O capítulo 4 é dedicado à apresentação dos dados de suprageneralização de causativas, verificados na aquisição do PB como L1. Por fim, o capítulo 5 traz a nossa análise sobre a questão da suprageneralização das estruturas causativas.

CAPÍTULO 1

OS VERBOS INACUSATIVOS, INERGATIVOS E A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA

Nesta seção, objetivamos descrever alguns critérios de diferenciação entre os verbos inacusativos e inergativos. Essa não é uma tarefa fácil, pois, existem na literatura diferentes abordagens sobre este tema. Dependendo da proposta, ora enfatiza-se o aspecto semântico, ora o aspecto sintático ou procura-se o equilíbrio entre os dois aspectos.

De acordo com Alexiadou et al (2004), para alguns autores, como (Perlmutter 1978, Pinker 1989, Pustejovsky 1995 e outros), a agentividade é a noção que determina o tipo de verbo: o argumento único dos verbos inergativos tende a ser agentivo, enquanto o argumento único dos inacusativos tende a ser um tema, um paciente ou um alvo.

Para autores como Tenny (1987) e outros é o aspecto semântico da telicidade o fator de diferenciação entre as classes verbais: verbos inacusativos tendem a ser télicos, enquanto verbos inergativos tendem a ser atélicos.

Levin e Rappaport Hovav (1995) procuram estabelecer uma correlação entre diagnósticos sintáticos e propriedades semânticas dos verbos inacusativos e inergativos: certos verbos quando aparecem em contextos sintáticos inacusativos, impõem leituras de realização e causação externa, já outros verbos quando ocorrem em ambientes sintáticos inergativos, impõem leituras de atividade e causação interna.

Passaremos agora a descrever algumas das propostas existentes na literatura que tratam das diferenças entre os verbos inacusativos e inergativos.

1.1 - Caracterização dos verbos inacusativos e inergativos

A descrição tradicional costuma classificar os verbos em Português em apenas dois tipos básicos: transitivos e intransitivos. Segundo Eliseu (1984), há basicamente dois tipos de critérios para distinguir as classes verbais: o critério semântico e o critério sintático. Segundo o critério semântico, a diferença entre formas transitivas e intransitivas ocorre, considerando-se a identificação do número e do tipo de argumentos selecionados pelos

verbos. Deste modo, um verbo transitivo se caracteriza por possuir dois argumentos. Um desses argumentos é o “Tema” e o outro é o “Agente”. Já um verbo intransitivo se caracteriza por possuir um único argumento, o “Agente”. Logo, a existência ou não de um argumento “Tema” é critério suficiente para distinguir os dois tipos de verbos. No critério sintático, leva-se em conta as configurações estruturais definidas pelos verbos. Assim, a distinção entre classes verbais se verifica nas diferentes configurações estruturais do VP, definidas pelo verbo. São transitivos os verbos que subcategorizam um constituinte nominal¹. No entanto, conforme aponta Eliseu, com base em tais critérios, como classificar, por exemplo, estruturas do tipo (1) e (2)?

- (1) a - O motorista acelerou o carro.
b - O carro acelerou.
- (2) a - O índio afundou o barco.
b - O barco afundou.

Tanto em (1b) como em (2b), o constituinte nominal em posição de sujeito é um elemento subcategorizado pelo verbo com papel temático “Tema”. A classificação tradicional não dá conta desse tipo de verbo intransitivo cujo único argumento, realizado como sujeito, é um “Tema”. Tais verbos não se enquadram nem na classe dos verbos transitivos, nem na classe dos intransitivos. Na descrição tradicional, os verbos em (1b) e em (2b) são considerados apenas verbos intransitivos. No entanto, nessas estruturas, o elemento nominal na função de sujeito é, subjacentemente, um complemento com papel semântico de tema. Na derivação de (1b) e (2b) ocorre o movimento do NP gerado na posição de complemento para a posição de sujeito. Com base na existência de verbos desse tipo, Eliseu, mostra então, que se pode considerar, pelo menos, três classes verbais básicas: transitivos, intransitivos e ergativos² (= inacusativos). A classe dos verbos ergativos é acrescentada à tipologia tradicional.

¹ “A análise em termos sintáticos e a análise segundo um ponto de vista semântico identifica como elemento crucial o mesmo fator: a presença de um elemento subcategorizado pelo verbo, correspondendo a um argumento “Tema”. (Eliseu, p. ii)

² Os verbos aqui denominados de inacusativos são chamados por Eliseu de ergativos. Neste trabalho, adotaremos os termos inacusativos e inergativos para distinguir as duas classes de verbos intransitivos.

O estudo dos verbos inacusativos nas línguas acusativas teve impulso a partir dos trabalhos de Perlmutter (1978), no âmbito da Gramática Relacional, e de Burzio (1981) que analisou os verbos inacusativos no Inglês e no Italiano dentro do quadro da Gramática Gerativa³.

Perlmutter (1978) propôs a chamada “Hipótese Inacusativa” que postula que a classe de verbos intransitivos não é homogênea e consiste de duas subclasses que apresentam diferentes configurações sintáticas: a dos verbos intransitivos inacusativos e a dos verbos intransitivos inergativos⁴ tal como representados abaixo:

- (3) a - Verbo intransitivo inergativo: DP [_{VP} V]
 b - Verbo intransitivo inacusativo : ____ [_{VP} V DP/CP]

Tais configurações mostram que em (3a) um verbo intransitivo inergativo, como por exemplo, “correr”, apresenta um argumento: o externo. Tais verbos selecionam apenas um sujeito. Já em (3b), um verbo intransitivo inacusativo, como, por exemplo, o verbo “cair”, apresenta um único argumento: o interno. Nesse caso, os verbos só selecionam um complemento como argumento.

Burzio (1986), baseado nesta proposta de Perlmutter (1978), percebeu que, em Italiano, os verbos tradicionalmente classificados como intransitivos também não constituem uma classe homogênea e ainda apresentam importantes diferenças estruturais entre si. O autor fez uma análise sintática desses verbos. Deste modo, denominou as estruturas do tipo (3b) de ergativas, postulando a Hipótese Ergativa, segundo a qual o tal tipo de verbo se caracteriza por:

- (4) (i) conter apenas um argumento, que é interno ao VP;
 (ii) não atribuir caso Acusativo a esse argumento;
 (iii) por não atribuir Caso Acusativo, não atribui tampouco papel temático a um argumento externo. Tal proposta ficou conhecida na literatura como a *Generalização de Burzio*.

³ Segundo Eliseu, a obra de Raposo (1981) abordou este problema para o Português, pela primeira vez no âmbito da Gramática Gerativa.

⁴ Estes termos são a nossa adaptação da proposta de Perlmutter.

Nessa proposta, o autor postula uma correlação direta entre o papel temático do sujeito e o caso do objeto. Tal hipótese foi criticada por diferentes autores. Em relação ao Português Brasileiro (PB), Figueiredo Silva (1996) (cf. Palmiere, 1997) considera que a afirmação (ii), citada acima, parece não se confirmar. Assim, em sentenças como: “Sujou os vidros de novo”, a autora demonstra que mesmo não havendo sujeito temático, o argumento único recebe caso Acusativo, devido à ausência de concordância entre este e o verbo. Dados como esses mostram a não existência de caso Nominativo nas construções ergativas/inacusativas.

Palmiere cita também o trabalho de Duarte (1993) referente a essa questão:

As mesmas considerações também são feitas por Duarte (1993), a partir da análise de dados do Português Brasileiro e de evidências translingüísticas, que conclui que nem todos os verbos ditos inacusativos são incapazes de atribuir Acusativo a seus objetos, seja esse caso abstrato ou morfologicamente manifesto, quer atribuído estruturalmente, ou inerentemente. Examinando várias construções com sujeito posposto, a autora demonstra que verbos inacusativos podem atribuir caso Acusativo ao NP pós-verbal, uma vez que o caso Nominativo não é atribuído a esse NP dada a ausência de concordância. (: 2-3)

Para Palmiere, apenas a propriedade (i) (o verbo inacusativo contém apenas um argumento que é interno ao VP) pode ser considerada como definidora de um verbo inacusativo. Deste modo, de acordo com a autora, o que caracteriza um verbo inacusativo é que o mesmo seleciona apenas um argumento interno e não seleciona argumento externo.

No entanto, tal propriedade não assegura a diferenciação entre verbos inacusativos que apresentam argumento único e interno dos verbos inergativos que apresentam argumento único e externo. Muitas vezes, o argumento dos verbos inacusativos pode realizar-se na sentença como sujeito.

Diante de tal constatação, alguns autores estabeleceram alguns critérios de natureza estrutural que ajudam a determinar as diferenças entre os verbos inacusativos e inergativos.

1.1.1 – Critérios para a identificação dos verbos inacusativos e inergativos

Os critérios para a identificação desses dois tipos de verbos intransitivos varia de língua para língua. Eliseu (1984), avaliando dados do português europeu, estabeleceu critérios de identificação para os dois tipos de verbos intransitivos, conforme verificaremos na próxima seção.

Alexiadou et al. (2004) propõem alguns testes para o diagnóstico de inacusatividade verbal em diversos tipos de línguas: seleção de auxiliar; possibilidade de aparecer em construções resultativas; em formas participiais; clitização com *ne* e possibilidade de ocorrência em passiva impessoal. Descreveremos a seguir esses testes para a identificação dos verbos inacusativos nas línguas examinadas.

(i) Seleção de auxiliar

De acordo com Alexiadou et al., em muitas línguas românicas e germânicas, com exceção do Inglês e do Espanhol, verbos inacusativos, como *arriver* do Francês, selecionam *BE* como verbo auxiliar. Contudo os verbos inergativos, como *rougir* do Francês, selecionam *HAVE*.

- (5) a - Marie est arrivée en retard.
 `Marie arrived late.`
 b - Marie a rougi de honte.
 `Marie became red with shame.` (Alexiadou et al.: 5)

(ii) Ocorrência em construções resultativas

Segundo os autores, uma sentença resultativa expressa o resultado da ação verbal no DP. A ação afeta somente o objeto de um verbo transitivo e nunca o sujeito. Logo, as sentenças resultativas podem aparecer com verbos inacusativos, mas não com inergativos, conforme ilustra o exemplo (6c) a seguir:

- (6) a - She licked the peanut butter clean.
 b - * Dora shouted hoarse.
 c - The bottle broke open. (Alexiadou et al.: 5)

(iii) Ocorrência em forma de particípio

Outro diagnóstico proposto por Alexiadou et al. diz respeito ao emprego da forma de particípio dos verbos transitivos. Segundo os investigadores, tais particípios podem ocorrer como predicados atributivos do objeto direto, conforme ilustra (7a). Os verbos inergativos não podem produzir tal forma participial porque não subcategorizam um complemento como indica a agramaticalidade de (7b). Já os verbos inacusativos podem ser usados como particípio em função atributiva ou predicativa (7c) porque também selecionam um argumento interno, assim como os verbos transitivos:

- (7) a - der geküßte Student
 the kissed student
 b - *der gearbeitete Student
 the worked student
 c - der eingeschlafene Student
 the fallen asleep student (Alexiadou et al.: 6)

(iv) Cliticização com *ne-*

Segundo os pesquisadores, o fenômeno da cliticização com *ne-* é um diagnóstico para a inacusatividade, pois em línguas como o Italiano, a cliticização da sentença partitiva pelo clítico *ne* só ocorre com argumentos internos, como ilustra (8a). Sendo assim, alguns verbos inacusativos permitem este tipo de cliticização conforme mostra (8b). Já os verbos inergativos não permitem (9):

- (8) a - Giovanni ne ha insultati due.
 John of them has insulted two.
 b - Ne arrivano molti.
 of them arrive many

- (9) * ne telefonano molti
of them telephone many (Alexiadou et al.: 6)

(v) Ocorrência em passiva impessoal

De acordo com Alexiadou et al., os verbos inacusativos não podem passivizar, como indica (10b), enquanto os inergativos permitem a passiva impessoal, conforme ilustra (10a):

- (10) a - Er werd hier door de jongelui veel gedanst.
It was here by the young people a lot danced
b - * Er werd door de kinderen in Amsterdam gebleven.
It was by the children in Amsterdam remained

Os pesquisadores ressaltam que os testes acima descritos, se aplicam somente a certas línguas ou grupos de línguas. Sendo assim, encontram-se na literatura muitos autores que propõem diagnósticos para línguas particulares.⁵ Em Português, podemos citar Eliseu (1984), conforme ilustraremos a seguir.

1.2 - A caracterização dos verbos inacusativos em Português, segundo Eliseu

Eliseu (1984) divide os verbos inacusativos basicamente em dois tipos: (i) os que podem ocorrer nos pares “transitivo/intransitivo”, como “quebrar” e “aumentar”; e (ii) os que não podem aparecer nos pares transitivo/intransitivo, como “naufragar” e “morrer”. A partir de testes específicos, ilustrados abaixo, o autor procura identificar os verbos inacusativos do Português Europeu (PE)⁶:

⁵ Alexiadou et al., (6) citam alguns desses autores: para o Francês, Legendre (1989), Ruwet (1991); para o alemão, Fanselow (1985), Grewendorf (1989); para o Holandês, Hoekstra (1984); para o Russo, Neidle (1989), Pesetsky (1982); para o Espanhol, Torrego (1989); para o Grego, Alexiadou e Anagnostopoulou (1997).

⁶ Exemplos de Eliseu com adaptações (10 e 21-22)

(i) Os verbos inacusativos ocorrem em construções “intransitivas” cujo constituinte nominal é o sujeito superficial das orações⁷:

- (11) a - Fugiu o ladrão.
b - O ladrão fugiu.

(ii) O sujeito superficial dos verbos inacusativos pode participar de determinados processos que afetam tipicamente o objeto direto dos verbos transitivos, como na formação do Particípio Absoluto, como ilustram (12b) e (13b). Já o sujeito do verbo intransitivo inergativo (14b), bem como o sujeito do verbo transitivo (12c), que são argumentos externos, não podem ocorrer nesse tipo de construção:

(12) Verbo Transitivo

- a - A Ana arrumou o quarto.
b - Arrumado o quarto, ...
c - * Arrumada a Ana

(13) Verbo Inacusativo

- a - O navio naufragou
b - Naufragado o navio,...

(14) Verbo Intransitivo

- a - O comboio apitou.
b - * Apitado o comboio,...

(iii) As formas participais dos verbos inacusativos têm propriedades comuns às dos participios dos verbos transitivos (como a ocorrência no Particípio Absoluto em posição predicativa (15 e 16) e atributiva (18 e 19)) que diferem das propriedades dos verbos inergativos porque estes não possuem argumento interno. Daí resulta a agramaticalidade dos exemplos (17 e 20).

⁷ O sujeito deste verbos, ao contrário do sujeito dos inergativos, partilha de algumas propriedades dos objetos

(15) Verbos transitivos

- a - A solução está encontrada.
- b - O suspeito foi detido.

(16) Verbos inacusativos

- a - A Maria está crescida.
- b - A empresa está falida.

(17) Verbos inergativos

- a - * Os atletas estão corridos.
- b - * O cão está ladrado.

(18) Verbos transitivos

- a - As soluções encontradas não são satisfatórias.
- b - O juiz libertou os suspeitos detidos.

(19) Verbos inacusativos

- a - As meninas crescidas não choram.
- b - O número de empresas falidas aumentou assustadoramente.

(20) Verbos inergativos

- a - * Os atletas corridos foram homenageados pelo governo.
- b - * O cão ladrado perseguiu os gatos.

(iv) O sujeito superficial dos verbos inacusativos não é um argumento externo “agente” e assim, não pode ser nominalizado com o sufixo “-dor”. Este sufixo seleciona verbos com argumentos externos:

diretos dos verbos transitivos, como por exemplo, ocorrer em posição pós-verbal.

- | | | |
|--------------------------|-------------------------|--------------------------|
| (21) <u>inacusativos</u> | (22) <u>transitivos</u> | (23) <u>inergativos</u> |
| a - * caídor | a - agressor | a - corredor |
| b - * crescedor | b - matador | b - nadador ⁸ |

(v) No caso dos verbos inacusativos que ocorrem em pares de construções transitiva/intransitiva, a relação semântica entre o verbo e o sujeito superficial da forma intransitiva é a mesma que existe entre o verbo e o objeto direto da forma transitiva:

- (24) a - O governo aumentou **os impostos**. (os impostos = tema)
 b - **Os impostos** aumentaram. (Os impostos = tema)
- (25) a - Os desgostos envelheceram **a Maria**. (a Maria = tema)
 b - **A Maria** envelheceu. (a Maria = tema)

A partir dos exemplos acima, percebemos a existência de um tipo de verbo intransitivo que determina construções com um único argumento interno, diferente da classe dos verbos inergativos. Estes últimos têm algumas propriedades comuns com os verbos transitivos porque ambos selecionam um argumento externo.

A caracterização dos verbos inacusativos não é simples, pois tais verbos têm afinidades com os transitivos, mas também com os inergativos. Por exemplo, as construções definidas por verbos inacusativos não admitem a forma passiva nem a formação de adjetivos em “-vel” que são possíveis a partir de verbos transitivos, mas não a partir de verbos inergativos, como ilustram os exemplos a seguir:

- (26) Verbos inacusativos
 a - * A Maria foi crescida.

⁸ De acordo com Eliseu (p. 14 e 43), as nominalizações que envolvem o sufixo agentivo “-dor” são sistematicamente impossíveis a partir de verbos inacusativos, observando-se algumas impossibilidades no caso dos transitivos (*encontrador) e intransitivos (*mentidor). Esta derivação envolve obrigatoriamente o argumento externo (...) se a estrutura argumental dos verbos inacusativos não contiver nenhum argumento externo, a formação de nominais em “-dor” a partir deste tipo é previsivelmente, impossível.

(27) Verbos transitivos

a - A solução foi encontrada.

(28) Verbos inergativos

a - * Os atletas foram corridos.

(29) inacusativos

a - * crescível

b - * falível

(30) transitivos

a - reparável

b - resolúvel

(31) inergativos

a - * corível

b - * soluçavel⁹

A partir dos fatos aqui apresentados, constatamos que os critérios estabelecidos para fazer a diferenciação entre os verbos inacusativos e inergativos podem variar, dependendo da proposta teórica. Passamos agora a descrever e a discutir a alternância causativa, conforme abordagens teóricas divergentes.

1.3 – A alternância causativa

Neste seção, objetivamos definir os conceitos de causativa lexical e de transitividade. Nem sempre existe um consenso entre os diferentes autores e correntes teóricas para a definição destes conceitos. Apresentamos aqui as propostas de Figueira (1985), Pinker (1989), Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Cabrera e Zubizarreta (2004) para a alternância causativa.

Em Português, alguns tipos de verbos inacusativos, como, por exemplo, “aumentar”, “envelhecer”, “quebrar”, “afundar” e “abrir”, admitem alternância causativa, ou seja, ocorrem no par transitivo/intransitivo:

⁹ Segundo Eliseu (p. 41-42), a semelhança entre os verbos inacusativos e intransitivos (= inergativos), quanto à impossibilidade de formação de adjetivos em “-vel”, deve-se ao fato de ambos os tipos de verbos possuírem um único argumento nuclear. Em (ii) o argumento externo do adjetivo corresponde necessariamente ao argumento interno da estrutura transitiva. Assim, a derivação das formas adjetivais deste tipo implica uma operação sobre as estruturas argumentais iniciais.

(i) O Pedro resolveu o problema.

(ii) O problema é resolúvel.

- (32) a - O governo aumentou os impostos.
b - Os impostos aumentaram.
- (33) a - Os desgostos envelheceram a Maria.
b - A Maria envelheceu.
- (34) a - Maria quebrou o copo.
b - O copo quebrou.
- (35) a - O pirata afundou o navio.
b - O navio afundou.
- (36) a - Paulo abriu a porta.
b - A porta abriu.

Nesses exemplos, percebemos que a relação semântica entre o sujeito da contraparte intransitiva e o objeto da transitiva é a mesma: ambos são o tema.

Do ponto de vista sintático, as estruturas do tipo (a), consideradas isoladamente, são tipicamente transitivas, apresentando características próprias para este tipo de construção como: poderem ser passivizadas e substituírem o DP complemento por um clítico acusativo.

- (37) a - Maria quebrou o copo.
b - O copo foi quebrado.
c - Maria o quebrou.

Já as estruturas do tipo (b), consideradas isoladamente, são construções intransitivas apresentando propriedades inacusativas. O sujeito destes verbos, ao contrário do sujeito dos intransitivos inergativos, compartilha de algumas propriedades dos objetos diretos dos verbos transitivos, como, por exemplo, ocorrer em posição pós-verbal:

(38) a - Os impostos aumentaram.
b - Aumentaram os impostos.

(39) a - O navio afundou.
b - Afundou o navio.

(40) a - A porta abriu.
b - Abriu a porta.

Tanto a análise em termos sintáticos quanto a análise semântica identificam, como elemento principal, o mesmo fator: a presença de um elemento subcategorizado pelo verbo, correspondendo a um argumento “tema”.

Na literatura existem várias propostas sobre a representação destes verbos e a derivação da alternância causativa. A seguir, apresentamos algumas delas.

1.3.1 – Diferentes visões sobre a alternância causativa

1.3.1.1 - A classificação de Figueira (1985)

Figueira, que segue a linha interacionista-construtivista, considera como causativo lexical os pares de verbos supletivos. Verbos em que o item causativo não tem nenhuma relação morfológica com o item não-causativo apesar de compartilharem propriedades semânticas. Deste modo, verbos totalmente diferentes integram as classes dos causativos lexicalizados.¹⁰

(41) a – Não-causativo

- morrer
- sair
- nascer
- aprender

b – Causativo

- matar
- tirar, expulsar
- parir
- ensinar

¹⁰ Exemplos retirados de Figueira (: 21).

- ver
- conhecer
- cair
- sumir, desaparecer
- acabar
- vir, chegar
- acreditar
- mostrar
- apresentar
- derrubar
- esconder, guardar
- consumir
- trazer
- convencer

De acordo com a autora, a delimitação destes verbos não se faz a partir de uma regra morfológica ou sintática. A criança tem de aprender cada item separadamente, já que não há regras que produzem os itens causativos a partir de sua contraparte não causativa. Assim, para Figueira (:22) “é uma questão de estrutura lexical que faz que se diga “Pedro matou Maria” e não “Pedro morreu Maria”.

Figueira considera os verbos que apresentam a alternância transitivo/intransitivo como causativos sintéticos (= causativa lexical). Para a investigadora, as sentenças intransitivas (42a)¹¹ expressam uma mudança de estado e as sentenças transitivas (42b) expressam a ação que provoca a alteração de estado:

(42) **a - Intransitivos (não-causativos)** **b - Transitivos (causativos)**

- | | |
|--------------------|-----------------------------|
| A porta abriu. | Maria abriu a porta. |
| A janela fechou. | Maria fechou a janela. |
| A vidraça quebrou. | O menino quebrou a vidraça. |
| O pano rasgou. | Maria rasgou o pano. |
| A canoa virou. | O homem virou a canoa. |

Segundo a autora, um item verbal idêntico quando ocorre na estrutura NV adquire sentido não-causativo, mas quando aparece na configuração NVN veicula sentido causativo.

Veamos, a seguir, propostas de análise diferentes das de Figueira que seguem a Hipótese Lexicalista dentro da abordagem gerativa.

1.3.1.2 - A abordagem de Pinker (1989)

Pinker (1989) segue a Hipótese Lexicalista. Para o autor, as palavras são armazenadas no léxico mental com um conjunto de suas propriedades, denominado de entrada lexical. A entrada lexical contém os seguintes tipos de informação: (a) morfológica; (b) fonológica; (c) categoria sintática (Nome, Verbo, Adjetivo); (d) estrutura argumental; e (e) estrutura semântica.

A estrutura semântica ou léxico-semântica impõe restrições em aspectos determinados de um evento.

Os verbos que alternam são aqueles relacionados a duas entradas lexicais diferentes que compartilham a mesma raiz e componentes da estrutura léxico-semântica. Através de uma regra lexical uma entrada lexical é associada a outra.

Segundo Pinker, causativa lexical é um verbo transitivo, significando causação. Tal verbo tem uma forma idêntica a de um verbo intransitivo, significando o evento causado.

De acordo com o autor, as causativas lexicais se aplicam a casos de causação direta ou contato físico. Causas indiretas são expressas por uma causativa perifrástica em que um verbo intransitivo ou transitivo é encaixado como um complemento de *make* ou outro verbo como *cause* ou *let*.

Assim, na análise de Pinker, as causativas lexicais são incompatíveis para a expressão de causações mediadas por ações voluntárias ou por processos psicológicos do causador. Este fato é denominado *directness effect*, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(43) Sally made the ball bounce/ the puck slide/ the baby burp/ the children laugh/ the Red Sox triumph (by her enthusiastic cheers).

(44) Sally bounced the ball/ slid the puck/ burped the baby/ *laughed the children/ *triumphed the Red Sox.

(45) John made the glass break by startling the carpenter, who was installing it.

¹¹ Exemplos retirados de Figueira (p. 22)

(46) *John broke the glass by startling the carpenter, who was installing it.

(Pinker: 49)

No que se refere à alternância causativa, o autor, como já mencionado, sugere que tal tipo de fenômeno envolve duas estruturas argumentais: uma intransitiva e outra transitiva.

Pinker considera que o núcleo principal expresso por verbos de ação de uma estrutura argumental transitiva é “*X acts on Y*”. Nesta estrutura, o segundo argumento, “*Y*”, é tradicionalmente chamado de paciente. O autor faz uma diferenciação para os conceitos de paciente e tema que implicará na determinação do verbo causativo.

Para Pinker, o papel temático de paciente deve estar inerentemente envolvido em uma ação realizada por um agente, mas não acarreta necessariamente uma mudança específica.

Por outro lado, um tema é previsto para estar em um lugar ou estado ou para sofrer uma mudança de lugar ou estado, independentemente se ele é ou não causado por um agente. O autor ilustra tal afirmação com o seguinte exemplo: “*if a bug dies (bug = theme), it is definitely dead, but it could have become so at the hands of an exterminator or because of old age.*” (: 85).

De acordo com Pinker, há verbos que especificam argumentos que são ao mesmo tempo paciente e tema: “*when I cut an apple, the apple must have a cut in it, and the cut must have been effected by my acting on it in a certain way*”. (: 85).

Segundo o autor, um verbo que especifica um argumento que pode ser tanto um paciente quanto um tema, tal como *cut*, *chip*, *shatter*, ou *kill* é um verbo causativo. Essa diferença semântica tem, por sua vez, diferenças gramaticais associadas.

Em relação à estrutura argumental dos verbos intransitivos, Pinker considera que há pelo menos dois núcleos temáticos distintos: um formando a base dos verbos intransitivos, em que *X* realiza alguma ação ou atividade, como por exemplo, os verbos *run*, *walk*, *sleep*, *eat*, *breathe*, *cry* e *dance*. O outro forma a base dos verbos inacusativos em que *X* passa por alguma mudança de lugar ou estado, como, por exemplo, *bounce*, *slide*, *melt* e *open*. De acordo com o autor, os sujeitos dos verbos intransitivos são agentes, ao passo que os sujeitos dos verbos inacusativos são, geralmente, temas.

1.3.1.2.1 - Verbos que se causativizam

Pinker afirma que nem todos os verbos intransitivos podem se transformar em transitivos causativos e nem todos os transitivos causativos podem se transformar em intransitivos. Para o autor, há três classes principais de verbos intransitivos que podem se causativizar¹²:

(i) Verbos de mudança de estado físico:

Pinker observa que na forma intransitiva, a mudança não é causada por um agente externo identificado.

- (47) The box opened/ closed/ melted/ shrank/ shattered.
I opened / closed/ melted/ shrank / shattered the box.

(ii) **Verbos de movimento** em que a ação precisa ser internamente causada voluntariamente ou involuntariamente:

- (48) The log slid/ skidded/ floated/ rolled/ bounced.
Brian slid/ skidded/ floated/ rolled/ bounced the log.

(iii) **Verbos que envolvem modos de movimento** que na forma transitiva, o sentido é de coação ou encorajamento do movimento:

- (49) The horse walked/ galloped/ trotted/ raced/ ran/ jumped/ past the barn.
I walked/ galloped/ trotted/ raced/ ran/ jumped/ jogged the horse past the barn.

O autor menciona também outras subclasses de verbos que parecem apresentar uma alternância causativa, mas que, na verdade, não alternam:

¹² Os exemplos de (47 a 58) foram retirados de Pinker (: 130-132)

(iv) Verbos de movimento com uma direção lexical específica. Tais verbos definem o tema como “*a dimensionless point undergoing a translation in space*”.

(50) a - My son went to school.
b - * I went my son to school.

(51) a - His sister came home from the hospital.
b - * He came his sister home from the hospital.

(v) Verbos de volição ou ações causadas internamente:

(52) a - Sally ate.
b - * Bert ate [= fed] Sally.

(vi) Verbos que denotam existência ou não existência

(53) a - Bobby died.
b - * Catherine died Bobby.

(54) a - The bird vanished.
b - * The pin vanished the bubble.

(vii) Verbos que expressam emoção:

(55) a - The audience smiled.
b - * Irv smiled his audience.

(viii) Verbos de emissão de luzes, sons e substâncias:

(56) a - The light glowed.
b - * Barbara glowed the light.

(57) a - The saw howled.
 * Billy howled the saw.

(58) a - The sauce bubbled.
 b - * Hazel bubbled the sauce.

Segundo Pinker, há motivações para a ocorrência das classes de verbos possíveis de causativização:

(i) Algumas línguas não fornecem nenhum verbo transitivo que permita expressar a noção de que *X* age em *Y*, fazendo *Y* mudar, agir ou mover. Não há verbos que signifiquem a causa de alguém *to rejoice, cry, shout, drink, talk, ou sleep*. Para Pinker, é como se tais eventos fossem inerentemente não causados por um agente externo, pois eles envolvem uma causa interna inerente que deve mediar qualquer efeito de um agente externo.

(ii) O outro tipo de motivação é completamente diferente: “For some kinds of events, both inchoative intransitive and causative transitive meanings exists, but they are not allowed to share the same verb root, such as *kill and die, bring and come, or take and go*” (: 133).

Para o autor, isso se deve não por causa da existência ou inexistência de possíveis conflitos de significações, mas devido à existência ou não de uma pequena série de regras lexicais que os mapeie.

Passaremos agora para a abordagem de Levin e Rappaport-Hovav (1995).

1.3.1.3 – Levin e Rappaport-Hovav (1995)

Levin e Rappaport-Hovav observaram a tendência nas línguas naturais de certos argumentos com um determinado papel semântico ocuparem posições sintáticas específicas. Tal fato seria indicativo de que as propriedades sintáticas dos verbos são determinadas por seus significados.

Dentro do quadro da Semântica Lexical, as autoras adotaram a noção de Estrutura Conceptual Lexical onde o significado verbal é decomposto em primitivos semânticos, como ilustra a representação do verbo “quebrar” em (59):

(59) a - Break: [x DO something] Cause [y Become broken]

De acordo com tal proposta, os verbos têm dois níveis de representação: a representação léxico-semântica, como (59a), e a representação sintática (chamada de estrutura argumental) que vai determinar os argumentos projetados na sintaxe, como (59b)

Verbos com alternância causativa apresentam uma única representação léxico-semântica, mas duas estruturas argumentais distintas: uma diádica em que Causa externa é projetada na estrutura argumental e outra em que só o segundo componente (*Become*) da representação lexical é projetado na estrutura argumental.

A diferença de transitividade é, pois, tratada como um processo derivacional e não como uma consequência de entradas lexicais distintas. Assim, a contraparte intransitiva de *break* é derivada por uma regra lexical, *linking rule* que suprime o argumento externo antes do mapeamento para a estrutura argumental, conforme indica (59b):

Derivação de *break* intransitivo:

(59) b - Break: [x DO something] Cause [y Become broken]

	↓	↓
Ligação lexical	∅	
Regras <i>Linking</i>		
Estrutura argumental		<y>

Segundo as autoras, verbos como *break* têm uma semântica causativa mesmo na sua contraparte intransitiva. *Break* intransitivo descreve um evento que necessita de uma força externa. Os verbos causados externamente são os de mudança de estado e os de movimento: mover, rolar, etc.

Há verbos internamente causados que descrevem eventos decorridos de características internas do participante, tais como: vontade, características físicas, reações emocionais, tais como: rir, brincar, falar, tremer, etc.

A estrutura léxico-semântica de um verbo internamente causado é como (59c):

(59) c - Laugh [x laugh]

Com base na representação léxico-semântica e na estrutura argumental, Levin e Rappaport estabelecem uma divisão dos verbos intransitivos em três classes:

- (i) Os inacusativos com Causa externa (diádicos) que alternam, como: quebrar, abrir, afundar, etc.
- (ii) Os inacusativos sem Causa externa (monádicos), que são causados internamente e não participam da alternância, como: morrer, nascer, desaparecer, etc.
- (iii) Os inergativos também causados internamente, mas com argumento externo, como: rir, cantar, gritar, etc.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav, somente os verbos inacusativos causados externamente (os diádicos) podem participar da alternância causativa. A representação léxico-semântica desses verbos já contém um elemento causador externo.

Passamos agora para a abordagem de Cabrera e Zubizarreta (2004).

1.3.1.4 - A abordagem de Cabrera e Zubizarreta (2004)

Cabrera e Zubizarreta¹³ propõem que os verbos que entram no par transitivo/intransitivo são classificados como causativos lexicais. De acordo com as pesquisadoras, os verbos típicos da alternância causativa estão associados à mudança de estado, como os verbos inacusativos *break/romper*, conforme os exemplos (60) abaixo. Também os verbos inacusativos que expressam mudança de lugar, como os do espanhol *subir* 'go up' *bajar* 'go down', como nos exemplos (61)¹⁴, participam dessa alternância:

(60) a - Peter broke the window. / Pedro rompió la ventana.

b - The window broke. / La ventana se rompió.

(61) a - Pedro subió al niño a la mesa.

b - El niño se subió a la mesa.

¹³ Cabrera e Zubizarreta realizaram um estudo que investigou se as propriedades das causativas lexicais de L1 se refletiam na aquisição de Inglês e de Espanhol como L2 por falantes nativos do Inglês e do Espanhol. O foco do estudo das autoras foi o fenômeno da suprageneralização das causativas (**Peter laughed the girl. *Peter caused the girl to laugh.* / **Peter arrived the girl at school late. *Peter caused the girl to arrive at school late.*).

¹⁴ Os exemplos (60) e (61) foram retirados de Cabrera e Zubizarreta (: 1)

Segundo as autoras, a forma transitiva assume a seguinte estrutura sintático-semântica:

(62) CAUSE [Change of State/ Location]

As autoras afirmam que a forma transitiva das causativas lexicais são estruturas que contêm um objeto direto afetado pela mudança de estado ou locação.

De acordo com as pesquisadoras, os verbos inergativos, como, por exemplo, *laugh/reir*, não apresentam alternância causativa por não acarretarem mudança de estado ou de locação. Sendo assim, não podem participar da alternância causativa, conforme ilustra a agramaticalidade dos exemplos a seguir:

(63) a - * Peter laughed Mary.

Mary laughed.

b - * Pedro rió a Maria.

Maria se rió.

“Peter caused Mary to laugh.”

(Cabrera e Zubizarreta: 2)

Cabrera e Zubizarreta mencionam o fato de que nem todos os verbos inacusativos em Inglês e Espanhol que acarretam mudança de estado ou lugar ocorrem como causativo lexical. Os verbos inacusativos que não entram no par transitivo/intransitivo incluem os verbos de aparição *occur/ocurrir* e verbos de movimento *arrive/llegar* e também os verbos de mudança de estado, como “morrer”, “nascer”, etc., conforme mostram os exemplos abaixo:

(64) a - * Peter occurred an accident. / * Pedro ocurrió un accidente.

“Peter caused an accident to occur.”

b - An accident occurred./ Un accidente ocurrió.

(65) a - * Peter arrived Mary at school late. / * Pedro llegó a María tarde a la escuela.

* Pedro caused Mary to arrive at school late.”

b - Mary arrived at school late. /María llegó a la escuela tarde.

A não manifestação desses verbos na alternância transitivo/intransitivo não se deve a uma restrição gramatical, mas sim a uma idiossincrasia lexical, conforme sugerem as autoras.

As investigadoras observam que, embora, os verbos inergativos não possam participar da alternância causativa, em Inglês os que indicam mudança de lugar, quando admitem um sintagma preposicional, tornam-se inacusativos e podem ocorrer em uma estrutura transitiva.

Quanto tais verbos não envolvem um PP, é impossível causativizá-los, como ilustram os exemplos (b) abaixo:

(66) a - The soldiers marched./ Los soldados marcharon.

b - * The general marched the soldiers/ * El general marchó los soldados

(67) a - John danced/ Juan bailó.

b - * John danced Mary/ * Juan bailó Maria.

(Cabrera e Zubizarreta: 3)

No entanto, em Inglês, se esses verbos são acompanhados por um PP com o papel temático de meta, eles compartilham das propriedades dos verbos inacusativos, como a de poder participar no par transitivo/intransitivo. O mesmo não ocorre em Espanhol, já que inexistente a possibilidade de licenciamento de PP com esse tipo de verbo. Os exemplos abaixo ilustram esse fato:

(68) a - The soldiers marched to the camp.

b - John danced to the other side of the room.

- (69) a - The general marched the soldiers to the camp.
b - John danced Mary across the room.
- (70) a - * Los soldados marcharon al campamento.
b - * Juan bailó al outro lado del salón.
- (71) a - * El general marchó a los soldados al campamento.
b - * Juan bailó a María al outro lado del salón.

(Cabrera e Zubizarreta: 3)

Em Português, os verbos inergativos de movimento compartilham das características dos verbos inergativos em Espanhol e, deste modo, não apresentam uma contraparte causativa, como podemos observar em (72):

- (72) a - * O general marchou os soldados para o acampamento.
b - * João dançou a Maria para o outro lado do salão.

Neste capítulo, oferecemos um breve resumo sobre a diferenciação feita por alguns investigadores entre verbos inergativos e inacusativos.

A questão da alternância transitivo/intransitivo foi revista aqui tendo como base os seguidores do Lexicalismo, como Pinker (1989), Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Cabrera e Zubizarreta (2004) .

No capítulo 2, apresentamos esses mesmos temas, diferenças entre classes verbais e alternância de valência, a partir do olhar de outra Teoria: a Morfologia Distribuída, elaborada por Halle e Marantz (1993).

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA ARGUMENTAL NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Nesta capítulo, objetivamos descrever alguns dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (MD) com base nos textos de Marantz (1997), Harley e Noyer (1999 e 2000) Embick e Noyer (2005) e Lemle (2005). Também apresentaremos as idéias principais sobre causativização, com base em Harley e Noyer (1998), Folli e Harley (2002) e Pylkkänen (1999 e 2002).

2.1 – Lexicalismo vs. Morfologia Distribuída

Na literatura, há muitas teorias que procuram explicar o processo de formação das palavras, embora de formas bastante diferenciadas. Dentre tais teorias, destacam-se as Teorias Lexicalistas e a Morfologia Distribuída (MD).

Lieber (1992, *apud* Pfau (2000)) é, por exemplo, adepta da abordagem lexicalista. De acordo com a investigadora, os afixos e as raízes são itens lexicais que contêm tanto os traços fonológicos quanto os morfossintáticos e relacionam a forma fonológica com o significado e a função. Nesta abordagem, é primordial que os morfemas se combinem para criar as palavras.

Segundo Marantz (1997), nas teorias lexicalistas, as palavras são criadas no léxico através de processos que se diferenciam dos processos sintáticos. Existem morfemas que se combinam no léxico para formar as palavras que são os átomos da sintaxe. Assim, dentro desta abordagem, as operações sintáticas não enxergam e não manipulam os morfemas dentro das palavras. As palavras são armazenadas no léxico junto com as suas propriedades idiossincráticas, em entradas lexicais, conforme vimos no capítulo anterior.

No lexicalismo, são as informações contidas na entrada lexical que determinam a configuração sintática.

Lemle (2005: 6) considera assim a diferença entre as teorias lexicalistas e a MD:

A diferença crucial entre a teoria da Morfologia Distribuída (MD) e as teorias lexicalistas é esta: na MD os traços sintático-semânticos que entram na computação sintática não são acoplados desde o início com traços fonológicos, ao passo que nas teorias lexicalistas as unidade lexicais que são

o *input* da sintaxe são dotadas de traços fonológicos, traços semânticos e traços formais desde o início da derivação (desde a numeração, na Teoria Minimalista).

Segundo apontam Folli e Harley (2002), para a maioria dos seguidores do lexicalismo é o significado verbal, estabelecido em sua entrada lexical, que determina o mapeamento de seus argumentos em posições sintáticas específicas. Essa idéia pode ser vista em alguns princípios postulados por lexicalistas, como o Princípio da Projeção, segundo o qual a informação lexical deve ser sintaticamente representada em todos os níveis.

Como vimos no capítulo anterior, Levin e Rappaport-Hovav (1995) assumem a existência de um nível de representação lexical – *Lexical Conceptual Structure* – onde a estrutura interna do significado verbal é decomposta em predicados.

Os seguidores de uma outra corrente, o construcionismo, como Borer (2004), Kratzer (1996) e Marantz (1997) assumem, todavia, a postura de que é a estrutura funcional/aspectual em que o verbo é inserido que determina a interpretação verbal. Essa é a posição assumida pela Morfologia Distribuída. A decomposição do significado é feita, pois, na sintaxe.

A MD é pois, uma teoria muito diferente do Lexicalismo. Na MD não há um léxico, no sentido tradicional. Os morfemas são traços de representações morfossintáticas. A sintaxe não opera com itens lexicais, ao invés disso, ela gera as estruturas, combinando traços morfossintáticos com raízes ocas através de operações como mover e concatenar. Tais combinações de traços com raízes são subseqüentemente enviadas aos componentes morfológico e fonológico de um lado, e à Forma Lógica e Enciclopédica, de outro.

Harley e Noyer (1999) descrevem três propriedades que distinguem a MD de outras teorias morfológicas: a Inserção Tardia (*Late Insertion*), a Subespecificação de Itens Vocabulares (*Underspecification of Vocabulary Items*) e a Estrutura Sintática Hierárquica o Caminho Todo (*Syntactic Hierarchical Structure All the Way Down*).

A Inserção Tardia refere-se à hipótese de que os nós terminais são feixes de traços sem conteúdo fonológico. Apenas depois da sintaxe é que as expressões fonológicas (Itens de Vocabulário) são inseridas na estrutura. Sendo assim, os nós terminais contêm apenas traços abstratos, sem conteúdo fonológico. Devido a esta característica, a MD é considerada separacionista, já que considera que os mecanismos

responsáveis pela produção sintática são separados dos mecanismos que produzem a expressão morfofonológica.

Por Subespecificação de Itens de Vocabulário, entende-se que as expressões fonológicas não possuem categorias pré-determinadas. Isso significa que elas não precisam estar totalmente especificadas para as posições sintáticas em que irão ser inseridas.

A última propriedade, Estrutura Sintática Hierárquica o Caminho Todo, significa que as mesmas operações (*merge* e *move*) determinam a combinação dos elementos na formação de sintagmas e de palavras.

Harley e Noyer (1999: 3) afirmam que “*DM is piece-based in the sense that the elements of both syntax and of morphology are understood as discrete constituents instead of as (the results of) morphophonological processes*”.

2.2 – O léxico segundo a Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída, conforme proposta por Marantz (1997) e Harley e Noyer (1999 e 2000) é uma abordagem sobre a arquitetura da gramática que postula uma relação direta entre a sintaxe e a morfologia, propondo que um único sistema gerativo, a sintaxe, é responsável tanto pela estrutura interna das palavras quanto pela estrutura dos sintagmas.

Nesse modelo, a palavra, no início da derivação, é formada por operações sintáticas (*Merge* e *Move*) e depois, no curso da derivação, ela é submetida a dois outros módulos independentes, a morfologia (do inglês *morphological structure MS*) e a fonologia ou forma fonológica (do inglês *Phonological Form PF*).

O léxico da visão tradicional é distribuído em vários outros componentes. A derivação sintática na MD acessa separadamente três listas diferentes: *Lista Um*, *Lista Dois* e *Lista Três*, conforme descrevemos a seguir.

A *Lista Um* fornece as unidades com as quais a sintaxe opera: os morfemas abstratos ou traços de natureza sintático-semântica¹, como, por exemplo, [*past*], [*pl*] , [*cause*], etc. Lemle e França (2004) propõem, também, como traços abstratos os morfemas: verbalizador, nominalizador, adjetivador, relacionador, pessoa, número, tempo, complementizador, agentivizador, aplicativo dentre outros. A outra unidade da

¹ A nomenclatura traços de natureza sintático-semântica, ao invés de morfemas abstratos e posições ocas aos invés de Raiz para a Lista Um é proposta por Lemle (2005).

Lista Um são as *posições ocas* que, segundo Lemle, são previstas para receberem posteriormente a inserção de raízes. As duas unidades são destituídas de traços fonológicos.

A *Lista Dois* é a lista de Itens Vocabulares (do inglês *Vocabulary Items - VI*) ou Peças do Vocabulário² que, de acordo com Lemle, correspondem às raízes e às peças funcionais como, por exemplo, os prefixos, sufixos e as marcas de concordância. Lemle considera que as Peças do Vocabulário são segmentos dotados de traços semântico-sintáticos e de substância fônica. Sendo assim, as Peças correspondem à relação entre segmento fonológico e informação sobre o contexto gramatical (i.e. sintático-semântico e morfológico) em que serão inseridas, isto é, sobre as suas condições de licenciamento.

Para ilustrar essa relação, utilizaremos alguns exemplos de Harley e Noyer (1999: 4):

(1) Esquema do Item de Vocabulário

signal ↔ *context of insertion*

Exemplo de Itens de Vocabulário

a - /i/ ↔ [__, + plural]

Afixo do Russo (Halle 1997)

b - /n/ ↔ [__, + participante e falante, plural]

Um clítico em Catalão (Harris 1997a)

Neste esquema, segundo Harley e Noyer, todos os Itens de Vocabulário devem conter conteúdo fonológico, que pode ser “*any phonological string, including zero or Ø*” (: 4). Por exemplo, o tempo passado de certos verbos do Inglês é Ø. Nesse caso, o sufixo zero bloqueia o /-d/ *default* desse tempo. Desse modo, encontra-se *drove*, mas não *drive-d* ou *drove-d*. O sistema temporal do Inglês determina também que, para a terminação [-passado, -particípio], quando o sujeito não é o singular de 3ª pessoa, o sufixo é igualmente Ø. Mas, nesse caso, o sufixo Ø é um traço *default* para o [-passado] no nó temporal como um todo.

A Lista 3 ou Enciclopédia é a lista da informação semântica que associa as expressões fonológicas com os significados.

A estrutura da gramática assumida na MD está ilustrada abaixo, tal como proposta por Harley e Noyer (1999):

(2)

Lista A → Traços morfossintáticos

([Det] [1st] [cause] [+past] [raiz] [pl] etc...)

↓ ↓ ↓ ↓

Operações sintáticas
(*Merge, Move*)

↙ ↘

Operações morfológicas
(Estrutura morfológica)(e.g. *morpheme merge, fission*)

Forma Lógica

↓

↓

Lista B: *Phonological Form* → Interface Conceptual ← Enciclopédia ← Lista C
↓ (“*Meaning*”) (conhecimento não lingüístico)(Inserção de Itens de Vocabulário (*Spell-Out*),
Regras de Reajustamento, Regras fonológicas)

Passaremos agora a descrever como são inseridos os Itens de Vocabulário nos nós terminais derivados na sintaxe.

2.3 – Os *f-nodes* e os *l-nodes*

Para a MD, o termo morfema designa um nó terminal sintático (ou morfológico) abstrato sem conteúdo fonológico. De acordo com Harley e Noyer (1999), nos trabalhos recentes em MD, Halle (1992) propôs uma distinção entre morfemas concretos, com expressão fonológica fixa e morfemas abstratos, cuja a expressão fonológica era postergada para depois da sintaxe. No entanto, os trabalhos mais recentes em MD admitem a Inserção Tardia de todas as expressões fonológicas, abandonando-se a proposta inicial de Halle de se distinguir os morfemas em concretos e abstratos.

Sendo assim, Harley e Noyer (1998), *apud* Harley e Noyer 1999), propõem uma análise alternativa para a distinção entre morfemas concretos vs morfemas abstratos. Segundo os autores, os morfemas são de dois tipos básicos: *f-morphemes* (*f-nodes*) e *l-morphemes* (*l-nodes*)³. O conteúdo dos *f-nodes* consiste em um feixe de traços sintático-semântico disponibilizado pela Gramática Universal. O falante não tem escolha para a inserção vocabular que é determinística. Os *f-nodes* são tradicionalmente conhecidos como morfemas funcionais, formando uma classe de categorias fechadas.

² Lemle denomina os Itens de Vocabulário de Peças do Vocabulário.

³ *f* = formal e *l* = lexical.

Por outro lado, os *l-nodes* são definidos tradicionalmente como os morfemas lexicais, formando uma classe de categorias abertas. Eles constituem em uma classe que denota conceitos específicos da língua, em que há escolha por parte do falante para a inserção vocabular. O conteúdo fonológico de um *l-node* não pode ser pré-determinado. Sendo assim, a forma fonológica de um morfema-raiz ($\sqrt{\quad}$) pode ser livremente inserida, porém sujeita às condições de licenciamento (*Licensing conditions*) de que trataremos mais detalhadamente a seguir.

Sobre essa relação entre os morfemas, Pfau (2000: 86) fornece o seguinte exemplo:

- (3) a - **The** cat chase-**d** a mouse
 b - **Die** Frau hör-**te** **ein** Geräusch
the.f.NOM woman hear-PAST a. n. ACC sound
 “The woman heard a sound.”

No exemplo acima, os Itens Vocabulares *the*, *-d*, e *a* em (a) e *die*, *-te*, e *ein* em (b) são inseridos de forma determinística. Tais Itens são sujeitos à estrutura sintática, contendo os nós terminais com os traços compatíveis com os deles, como [*definite*], [*past*] e [*indefinite*]. Por outro lado, na escolha de Itens Vocabulares como *cat* ou *Frau* “*woman*”, o falante não encontra restrições de natureza gramatical e poderia, por exemplo, ter escolhido os itens *dog* ou *man*.

Harley e Noyer postulam também a hipótese de que os *l-nodes* são acategoriais e têm sua categoria definida apenas no contexto sintático pela combinação com morfemas categoriais como *vezinho*, *enezinho*, *azinho*. Tal hipótese é denominada de *The l-node hypothesis*, conforme descrevemos a seguir:

The l-node hypothesis:
 Categories for which spell-out is not deterministic are not distinguished in syntax.
 Corollary: Syntax does not manipulate categories such as N, V or A.
 (Harley e Noyer, 2000: 8)⁴

A Hipótese do *l-node* defende a idéia de que as raízes lexicais são neutras em termos categoriais. Um *l-node* ou *Root* se encontra em certas relações locais com os morfemas doadores de categorias, os *f-nodes*, logo, os *l-nodes* adquirem o estatuto

⁴ “A Hipótese do *l-node*: Categorias em que o *spell-out* não é determinístico não são distinguidas na sintaxe. Resultado: A sintaxe não manipula categorias tais como N, V ou A”.

categorial no contexto sintático em que ocorrem, ao invés de terem especificações categoriais inerentes. Desse modo, um mesmo Item Vocabular pode aparecer em diferentes categorias, dependendo do contexto sintático em a raiz aparece, conforme apontam Harley e Noyer (1999: 4):

(...) the Vocabulary Item *destroy* is realized as a noun *destruct-(ion)* when its nearest licenser is a Determiner, but the same Vocabulary Item is realized as a participle *destroy-(ing)* when its nearest licensers are Aspect and *v*; if Tense appears immediately above Aspect, then the participle becomes a verb such as *destroy-(s)*⁵.

De acordo com a afirmativa acima, nessa abordagem, não há, por exemplo, um *l-node* verbal ou nominal, pois um único *l-node* pode aparecer em qualquer contexto sintático que a derivação criar para ele, ou seja, a sintaxe gera as estruturas livremente. Considerando-se tal perspectiva, surge uma questão: como restringir a inserção de Itens Vocabulares para que eles não ocorram em contextos sintáticos inapropriados?

Para responder a essa questão, a MD propõe que cada Item Vocabular seja listado com um conjunto de condições de licenciamento. A seguir, explicitaremos melhor tais condições.

2.4 – As condições de licenciamento dos Itens Vocabulares e a projeção argumental

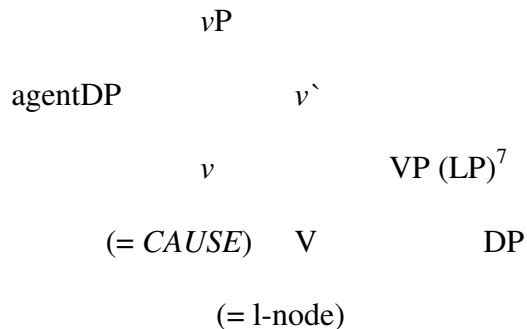
Na MD, as raízes lexicais são inseridas em uma estrutura já formada pela sintaxe. Elas devem ser licenciadas ou não para ocorrerem em certas posições. Nesta abordagem, a noção tradicional de “categoria” é substituída pelas “Condições de Licenciamento dos Itens Vocabulares”. A inserção dos itens lexicais em uma determinada estrutura sintática depende das condições de licenciamento que eles possuem. Não só a categoria sintática, mas também as suas propriedades de seleção são determinadas pelas condições de licenciamento.

Segundo Harley e Noyer, as restrições de inserção dos Itens Vocabulares ocorrem porque cada item é listado com um conjunto de condições para o licenciamento. Então, se um Item é listado como [+ *v*] a estrutura só será bem formada se o Item ocorrer no contexto de verbinho. Mas se o Item for listado como [- *v*], ele não poderá ocorrer no contexto de verbinho.

⁵ “(...) o Item Vocabular *destroy* é realizado como um nome *destruct-(ion)* quando seu licenciador é um Determinante, mas o mesmo Item Vocabular é realizado como um particípio *destroy-(ing)* quando os licenciadores são Aspecto e *v*; se tempo aparece imediatamente acima de Aspecto, o particípio torna-se um verbo como *destroy (s)*”.

Harley e Noyer exemplificam os *l-nodes* (nódulos lexicais), considerando a abordagem do VP cindido para a formação verbal, conforme proposta por Travis (1994), Kratzer (1996), Harley (1995), Hale e Keyser (1993). Tais autores argumentam que o argumento externo, o agente, é gerado no especificador de um verbo leve (*light verb* *v*) ou VOICE⁶, sendo projetado separadamente acima de VP, conforme ilustra a representação abaixo:

(4) *destroy* – CAUSE = *destroyed* (*resultant state*)



(Harley e Noyer: 9)

O verbo *destroy* é transitivo, então o vezinho (*v*) que seleciona o argumento externo é Causa. O verbo mais baixo, V, é o nódulo lexical que denota o estado resultado da ação. Assim, a combinação de um nódulo lexical com uma projeção funcional de *v* Causa gera o sentido do verbo.

Harley e Noyer (:10) fornecem outros exemplos:

(5) a - John grows tomatoes.

[_{νP} [_{DP} John] [_{ν′} CAUSE [_{LP} grown [_{DP} tomatoes]]]]

b - The demolition team exploded the casino

[_{νP} [_{DP} The demolition team] [_{ν′} CAUSE [_{LP} exploded [_{DP} the casino]]]]

⁶ De acordo com Harley e Noyer, o núcleo de *νP* é uma projeção funcional de significados, como por exemplo: BE (estativo) e CAUSE e BECOME (eventivos), mas não está necessariamente limitada a estes sentidos. É Kratzer que postula que o argumento externo é introduzido por *Voice*. Marantz (1997), assim como Pylkkänen assumem essa posição.

⁷ Harley e Noyer substituem o termo VP por LP para enfatizar que o VP deriva a sua categorização verbal de um contexto *νP*, ao invés de especificações categoriais inerentes.

Nos exemplos acima, os verbos *grow* e *explode* para produzirem sua versão transitiva, devem ter nódulos lexicais, denotando algo como “estado resultado” (*resultant state*), combinando-se com o morfema Causa. Já na versão intransitiva inacusativa, como nos exemplos a seguir, o vezinho deve ser HAPPEN ou BECOME, sem agente em seu especificador.

(6) a - Tomatoes grow.

[_{vP} BECOME [_{LP} grown [_{DP} tomatoes]]]

b - The balloon exploded.

[_{vP} BECOME [_{LP} exploded [_{DP} the balloon]]]

Apesar de a sintaxe gerar as estruturas livremente, a inserção dos Itens Vocabulares em um nó terminal apropriado é determinada pelas informações listadas nas condições de licenciamento de cada item. Assim, de acordo com Harley e Noyer, se um Item Vocabular é listado como [+Causa], a estrutura será bem formado se este for inserido no contexto de *v* Causa, tendo necessariamente um argumento externo no *Spec*, *v*. Já se o Item Vocabular é listado como [-Causa], a estrutura será mal formada se o Item ocorrer em contexto Causa. Os autores consideram que o Item Vocabular não especifica diretamente que ele requer um *Spec v*. O Item especifica somente que ele requer um determinado tipo de vezinho (*v*).

O Item de Vocabulário pode ser subespecificado para ocorrer em um determinado ambiente sintático. Ele pode, por exemplo, ser subespecificado para [$\pm v$], [$\pm Be$], [$\pm DP$], [$\pm Causa$]. Se um Item é especificado para [- *v*], obviamente ele não pode ser especificado para [+ Causa]. Harley e Noyer (:13-14) propõem o esquema a seguir, fornecendo exemplos de Itens Vocabulares com as condições de licenciamento, associadas com o conteúdo enciclopédico:

	Fonologia	Condições de Licenciamento	Enciclopédia
(7)			
a.	sink	[$\pm v$], [+ DP], [$\pm cause$]	what we mean by sink
b.	big	[- <i>v</i>], [+DP]	what we mean by big
c.	open	[$\pm v$], [+ DP], [$\pm cause$]	what we mean by open

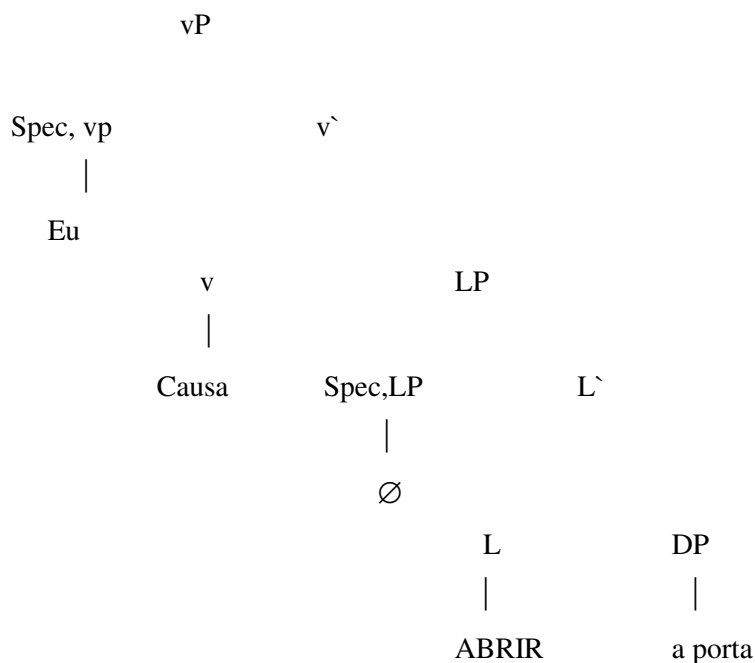
d.	destroy	[+ v], [+ DP], [+ cause]	what we mean by destroy
e.	arrive	[+ v], [+ DP], [- cause]	what we mean by arrive
f.	grow	[+ v], [+DP], [\pm cause]	what we mean by grow

O esquema acima ilustra, dentre outras coisas, que a alternância de estrutura argumental ocorre quando os Itens Vocabulares podem ser licenciados para mais de uma estrutura sintática, ou seja, quando as condições de licenciamento são subespecificadas. Conforme verificamos os verbos *sink*, *open*, *grow* são licenciados para ocorrerem tanto em uma estrutura transitiva quanto em uma estrutura intransitiva inacusativa. Sendo assim, a inserção dos Itens no nó terminal apropriado é condicionada pelas informações listada nas condições de licenciamento de cada Item.

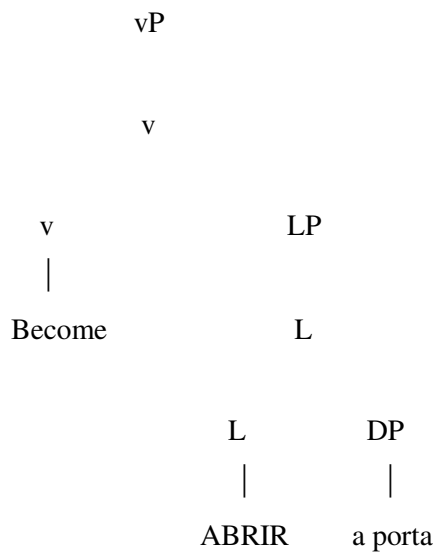
Então, por exemplo, o Item Lexical “abrir” apresenta como condições de licenciamento [+ v], [+DP],[\pm Causa] e pode então ser licenciado tanto para uma estrutura causativa quanto para uma estrutura inacusativa, conforme ilustram as estruturas abaixo:

- (8) $\sqrt{\text{abrir}} \rightarrow V_{\text{causativo}} = [+v], [+DP], [+Causa]$
 $\searrow V_{\text{inacusativo}} = [+v], [+DP], [-Causa]$

(9) Contraparte Causativa



(10) Contraparte Inacusativa



Esta proposta permite que tanto a contraparte causativa quanto a inacusativa se derivem de uma raiz comum. Existem línguas, como, por exemplo, o Hebraico, em que uma única raiz pode ser combinada aos diferentes tipos de vezinhos, tornando-se um verbo transitivo, estativo ou incoativo, como ilustram os dados abaixo, retirados de Arad (1999:3):

- (11) a - ysv + CaCaC = yasav (estar sentado: estativo)
 b - ysv + hiCCiC = hosiv (fazer alguém sentar: causativo)
 c - ysv + hitCaCeC = hityasev (sentar-se, incoativo)

Os casos de alternância verbal (par transitivo/intransitivo) são vistos como casos em que uma mesma raiz ora se combina com um núcleo verbal causativo ora se combina com um núcleo verbal incoativo (*become*). Vemos, então, que a estrutura argumental de um predicado, depende do vezinho que está presente na representação e das condições de licenciamento dos Itens de Vocabulário. Uma raiz, quando subespecificada para [\pm Causa] pode ocorrer na alternância transitiva/intransitiva.

Não se faz necessário, então, determinar várias entradas lexicais para uma mesma palavra, conforme sugerem propostas de natureza lexicalista.

2.5 - A derivação sintática na Morfologia Distribuída

As unidades que compõem a *Lista Um*, os traços de natureza sintático-semântica e as *posições* ocas, são as unidades submetidas às operações sintáticas de *Mover* (*move*) e *Juntar* (*merge*) morfemas. Esta última operação forma os diagramas arbóreos que constituem a estrutura sintática. Já a primeira, é responsável por mover os morfemas para junto de outros, resultando na montagem de feixe de traços gramaticais (não-fonológicos). Essas operações se aplicam fase a fase e, de acordo com Lemle (2005), são demarcadas por traços categorizadores⁸, sendo cada nova fase iniciada pelo *merge* de um novo traço categorizador. Ao final de cada fase, os traços computados são enviados ao componente morfofonológico e à Forma Lógica. Vejamos como funcionam esses dois componentes.

2.5.1 – A inserção de Itens Vocabulares

Os Itens de Vocabulário constituem uma relação entre expressão fonológica e informação sobre onde deve ser inserido; isto é, sobre as suas condições de licenciamento.

No componente morfológico ocorre, fase a fase, a inserção dos Itens Vocabulares (Itens Lexicais ou Peças de Vocabulário), os quais possuem substância fônica e podem ser raízes acategoriais e peças funcionais. Segundo Lemle (: 7):

A operação de preenchimento dos traços semântico-sintáticos com Peças de Vocabulário compatíveis é denominada *Inserção Lexical* ou *Inserção de Vocabulário*. Assim, neste modelo, a Inserção Lexical é separada da computação sintática, e é tardia, pois é posterior à sintaxe.

A Inserção Vocabular, também denominada de *Spell-Out*⁹, fornece os traços fonológicos aos nós terminais sintáticos desde que as condições de licenciamento sejam satisfeitas. Pode ser que, no processo de Inserção Vocabular, um conjunto de Itens

⁸ Conforme Lemle (p. 8), “Entende-se por traços ou morfemas categorizadores os que, juntados a uma RAIZ, são os responsáveis por criarem um verbo (*vir*), um nome (*desventura*), ou um adjetivo (*eventual*), denominados no jargão, respectivamente, *vezinho*, (*little-v*), *enezinho* (*little-n*), *azinho* (*little-a*).”

⁹ Lemle (: 8-9) chama atenção para o fato de que: “A inserção de Peças de Vocabulário e a remessa para a Enciclopédia é o estágio da derivação mais semelhante ao que é chamado de *Spell-Out* na terminologia do minimalismo lexicalista de Chomsky. No entanto, em face da diferente arquitetura deste modelo, convém aposentar o termo *spell-out* e chamar este estágio da derivação de ‘inserção vocabular’ e ‘remessa para a enciclopédia’.

Vocabulares de natureza funcional entre em competição para a inserção. Sendo assim, os Itens Lexicais são sujeitos ao Princípio do Subconjunto (cf. Halle, 1997, *apud* Harley e Noyer, 1999), conforme descrito abaixo:

Subset Principle

The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.¹⁰

Em linhas gerais, o Princípio do Subconjunto significa que a condição que licencia a inserção de um Item Vocabular de natureza funcional é que ele combine com todos ou com um subconjunto dos traços gramaticais (traços sintático-semânticos) provenientes da estrutura sintática. A inserção não ocorrerá se o Item Vocabular contiver traços ausentes ou que não se combinem com os traços da estrutura sintática. Se diversos Itens encontrarem as condições para inserção, o Item que contiver o maior número de traços especificados que correspondem com os do morfema terminal tem de ser o escolhido.

Depois de feita a inserção vocabular, a estrutura é enviada de um lado para o componente fonológico que derivará a representação fonética e, de outro lado para a Lista Três, a *Enciclopédia*, onde ocorrerá a leitura idiomática. Ou seja, a *Enciclopédia* é consultada depois do *output* de PF/ LF, fornecendo “a parte convencional da leitura semântica” (cf. Lemle: 8). É o lugar onde se dá a negociação semântica da palavra entre a raiz e o morfema categorizador.

Na Forma Lógica, as outras camadas sintáticas da palavra recebem uma leitura composicional, de acordo com os traços abstratos existentes.

Uma das propostas centrais da MD é identificar e explicar em que condições ocorrem as operações (morfológicas e fonológicas) da Forma Fonológica. É importante destacar que as operações que se aplicam na Morfologia são motivadas por características particulares de cada língua.

¹⁰ Princípio do Subconjunto: O expoente fonológico de um Item Vocabular é inserido em um morfema no nó terminal se o Item combina com todos ou com um subconjunto de traços gramaticais específicos no morfema terminal. A inserção não ocorrerá se o Item Vocabular contiver traços ausentes no morfema. Onde muitos Itens Vocabulares encontram condições para a inserção o Item que contiver o maior número de traços especificados que correspondem com os do morfema terminal tem de ser escolhido`.

A seguir, descreveremos brevemente algumas operações morfológicas, baseadas em Harley e Noyer (1999) Pfau (2000) e Embick e Noyer (2005):

2.6 – As operações morfológicas

A primeira operação morfológica que vamos descrever é a *Morphological Merger* e, em seguida, *Impoverishment* (Empobrecimento) e *Fission* (Fissão) e por último, *Readjustment Rules* (Regras de Reajustamento). De acordo com Embick e Noyer (2005), certas operações podem ocorrer antes da Inserção Vocabular, como por exemplo, o Empobrecimento que elimina traços. Ao contrário da Fissão que ocorre concomitantemente com *spell-out* e permite a inserção de mais de um Item Vocabular em um único terminal sintático. Passemos agora à análise destas operações.

2.6.1 - *Morphological merger*

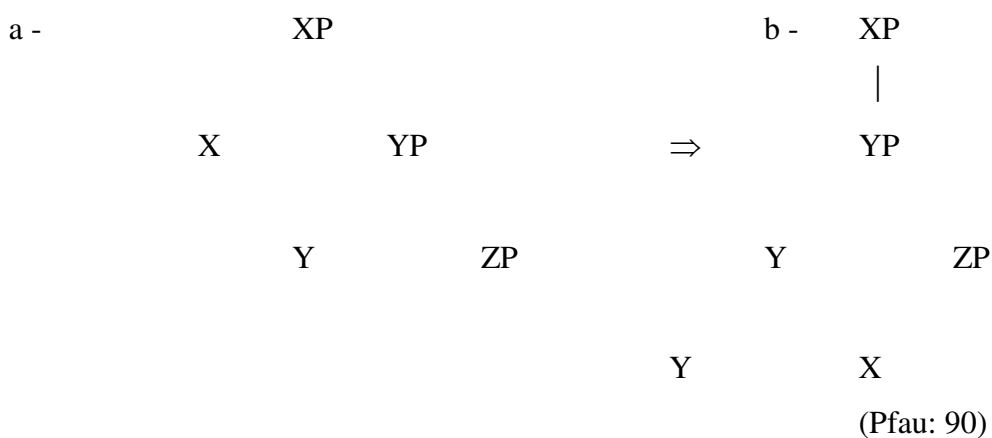
De acordo com Pfau (2000), *Merger* junta nós terminais abaixo do nó de um núcleo, mas mantém dois nós terminais independentes abaixo deste nó. Marantz (1988, *apud* Pfau: 90) definiu a operação *merger* da seguinte forma:

Morphological Merger

At any level of syntactic analysis (D-structure, S- structure, phonological structure), a relation between X and Y may be replaced by (expressed by) the affixation of the lexical head of X to the lexical head of Y. (Marantz 1988, p. 261).¹¹

As estruturas a seguir ilustram a aplicação desta operação:

(12) Aplicação da *Morphological Merger*



¹¹ União morfológica: Em qualquer nível da análise sintática (estrutura-D, estrutura-S, estrutura fonológica) uma relação entre X e Y deve ser substituída pela afixação do núcleo lexical de X no núcleo lexical de Y.

O autor (: 90) afirma que “Merger exchanges a structural relation between two elements at one level of representation for a different structural relation at a subsequent level”. A *Morphological Merger* é uma operação estrutural que altera as estruturas hierárquicas, mas não reduz o número dos distintos morfemas.

2.6.2 - Empobrecimento

O Empobrecimento é uma operação da morfologia que atua como restrição à coocorrência de traços. Tem por função bloquear a inserção de Itens Vocabulares mais específicos, substituindo-os por itens menos específicos. Vejamos o exemplo a seguir de Harley e Noyer (1999: 6):

(13) Sufixos adjetivais Norueguês

Forte	[-neuter]	[+neuter]
[-pl]	∅	-t
[+pl]	-e	-e
Fraco	[-neuter]	[+neuter]
[-pl]	-e	-e
[+pl]	-e	-e

De acordo com os pesquisadores, em Norueguês, há três modos distintos ($t \sim e \sim \emptyset$) de sufixos adjetivais que ocorrem na posição sintática forte (*strong*), mas na posição fraca (*weak*) só há um ($-e$). O conjunto de Itens vocabulares é então representado da seguinte forma:

(14) Itens de Vocabulário do Norueguês

/t/	←→ [__, -pl + neut] / Adj + __
∅	←→ [__, -pl - neut] / Adj + __
/e/	←→ nos demais contexto / Adj + __

Conforme Harley e Noyer descrevem, na posição sintática fraca, uma regra de Empobrecimento se aplica, suprimindo qualquer valor para o traço gênero. A regra é representada a seguir:

(15) Empobrecimento

$$[\pm \text{neuter}] \rightarrow \emptyset$$

Os autores (: 6) concluem que “Impoverishment thus guarantees that neither the Vocabulary Items t nor \emptyset can be inserted, since both require explicit reference to a value for $[\pm \text{neuter}]$. Insertion of the general case, namely $-e$, follows automatically”. (p.6). Vamos descrever agora a Fissão.

2.6.3 - Fissão

De acordo com Harley e Noyer, a Fissão foi originalmente proposta por Noyer (1997) para explicar situações em que um único morfema podia corresponder mais de um Item Vocabular. A Fissão reflete a não-correspondência direta de um-para-um no mapeamento entre terminais sintáticos e peças fonológicas. Esta operação corresponde a separação de um dado nó terminal em uma seqüência de dois nós terminais. Quando um morfema sofre o processo de Fissão, os Itens Vocabulares não estão em competição para a inserção, pois automaticamente, uma posição adicional torna-se disponível sempre que o Item Vocabular é inserido. Segue-se a formalização desta operação, conforme proposta por Calabrese (1998: 76.):

(16) Fissão

$$\begin{array}{c}
 A' \\
 \\
 A \\
 | \qquad \qquad A \\
 [x,y] \rightarrow [x] \quad [y]
 \end{array}$$

Descreveremos a seguir as *regras de reajustamento*.

2.6.4 - Regras de reajustamento

Conforme Halle e Marantz (1993) destacam, nem sempre, a informação fonológica contida nas entradas vocabulares é suficiente para assegurar que, em todos os casos, o *output* fonológico correto seja gerado. Desse modo, as regras de

é monádica, pois apresenta apenas o segundo componente da representação semântica na sua estrutura argumental:

(19) (ii) [y Become z]

Vê-se, então, que o significado lexical de um verbo determina o seu comportamento sintático.

Para os seguidores do construcionismo, a decomposição do significado é realizada na sintaxe. Na Morfologia Distribuída, as raízes lexicais que participam da alternância são subespecificadas em termos de uma de suas propriedades de licenciamento: [\pm Causa]. Quando a raiz lexical é inserida na configuração que contém o vizinho Causa, obtém-se a forma transitiva. Quando a raiz lexical é inserida na configuração que contém vizinho *Become*, tem-se a forma inacusativa:

(20) (iii) Causa + Raiz Afund. = Afundar transitivo

(21) (iv) Become + Raiz Afund. = Afundar inacusativo

De acordo com os seguidores do construcionismo, alguns ou todos os argumentos são inseridos por núcleos funcionais. Para Borer, todos os argumentos verbais são licenciados por categorias aspectuais.

Segundo os seguidores da Morfologia Distribuída, como Harley e Noyer (1999), Arad (1999) Harley (2006), Folli e Harley (2002), os tipos de vizinhos são responsáveis pela ocorrência ou não do argumento externo na derivação da estrutura verbal. Os argumentos internos parecem fazer parte das raízes. Isto é, são selecionados pelas raízes.

Para outros investigadores, porém, os argumentos internos são também licenciados por núcleos funcionais conforme veremos a seguir.

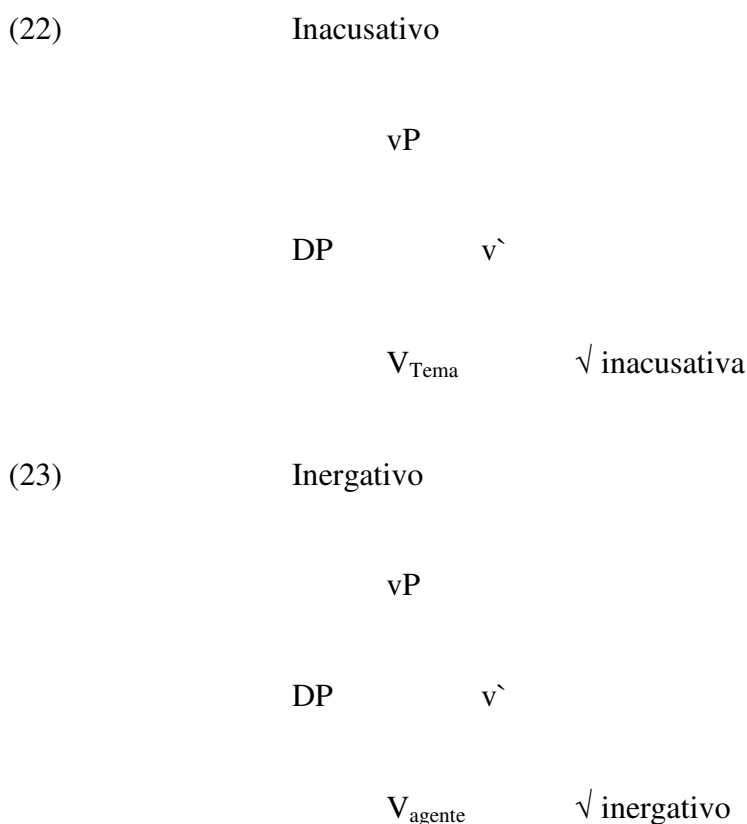
2.7.1 – Raízes selecionam argumentos?

Deal (2007), através de um experimento baseado na interpretação de verbos intransitivos do Inglês, usados transitivamente, confronta duas hipóteses relacionadas ao licenciamento de argumentos internos. A saber:

(i) Visão simétrica: De acordo com tal hipótese, defendida por Jelinek (1998) e Borer (2004), as raízes verbais são totalmente subespecificadas em termos de propriedades sintáticas e semânticas.

É consenso na literatura que o argumento externo é introduzido por um núcleo funcional (Voz ou Causa, por exemplo). A visão simétrica postula, porém, que nem verbos inergativos nem inacusativos introduzem um argumento.

A diferença entre esses dois tipos de verbos está no tipo de núcleo verbal com o qual se combinam. Os verbos inacusativos se juntam a V_{Tema} e os verbos inergativos se juntam com V_{Agente} , conforme ilustram as representações abaixo:



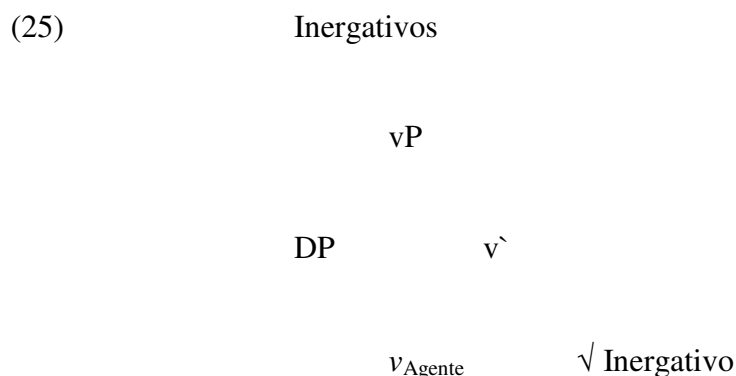
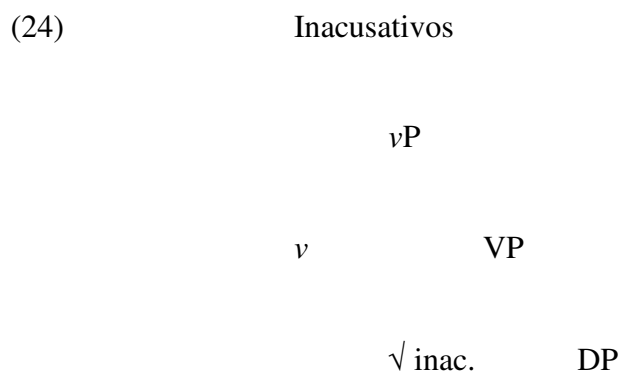
(Deal, 2007: 3)

É a estrutura sintática que distingue essas duas classes verbais, já que as raízes verbais não são diferenciadas.

Todas as projeções de argumentos são realizadas através do licenciamento das projeções funcionais.

(ii) Visão assimétrica: Segundo esta hipótese, seguida por Deal (2007) e Kratzer (2003), as raízes verbais inacusativas introduzem um argumento interno, mas não as

raízes verbais inergativas. O único argumento da raiz inergativa é licenciado pelo núcleo funcional que introduz agentes. As representações a seguir ilustram esta posição:



Tomando como base a proposta de Pylkkänen (2002) de que Causa introduz uma estrutura bi-eventiva e não um argumento, a possibilidade de causativização de intransitivos é explicada de modos distintos pelas duas hipóteses.

Para a visão simétrica, o fato de que os inacusativos podem participar da alternância causativa significa que ou νP ou a raiz inacusativa podem ser encaixadas em Causa. O oposto ocorre com os inergativos. Como as raízes intransitivas, segundo esta hipótese, não são distinguidas sintaticamente, não há meios de bloquear as raízes inergativas de participarem da alternância causativa, se for a raiz que se encaixa sob Causa. Se for νP que se encaixa sob Causa, só νP inacusativo será licenciado. νP inergativo será bloqueado nesta configuração.

Para a visão assimétrica, a alternância causativa é explicada pelo fato de que Cause pode selecionar projeções de raízes e não raízes nuas. Isto é, Causa seleciona eventos completos, com os seus argumentos. As representações abaixo ilustram essa diferença:

- (26) Inacusativo
- Causa VP
- √ DP
- (27) * Inergativo
- Causa √

Deal elaborou um experimento para testar essas duas hipóteses sobre as propriedades de licenciamento de argumentos das raízes verbais. A autora usou sentenças agramaticais com verbos intransitivos inergativos e inacusativos que não alternam em contextos transitivos, como *The zum arrived the dax*, bem como sentenças gramaticais e pediu aos participantes do experimento que os classificassem em termos de naturalidade em uma escala de 1 a 4. Também foi solicitado aos participantes nativos monolíngues do Inglês que fornecessem uma paráfrase para o significado das sentenças.

Os resultados do experimento revelaram que os sujeitos tenderam mais a construir estruturas causativas com verbos inacusativos do que com verbos inergativos.

Segundo a autora, a causativização de um verbo inergativo faz com que o *parser* atribua um significado distinto para a nova raiz: “ (...) the parser must come up with a whole new root. This costly consequence disfavors the causativizations of unergative roots only” (:12).

Esses achados são facilmente explicados se a visão assimétrica que distingue os dois tipos de raízes verbais for adotada. Verbos que selecionam argumentos internos são mais naturalmente causativizados do que verbos que não selecionam, como os inergativos.

Então, as raízes inergativas e as inacusativas possuem representações diferentes, como postula a visão assimétrica.

Para reforçar esta conclusão, podemos citar Deal:

this finding follows naturally from an account where unaccusative and unergatives differ in root type: unaccusative introduce arguments, whereas unergative roots do not. The finding is not predicted on a theory where all

argument introduction is factored out in functional structure. Such results provide a bound on how underspecified verbal roots can be: theme arguments must remain root arguments, whatever else is factored out¹² (:1).

Além da questão do licenciamento de argumentos internos, há a de argumentos externos. Para uma parte dos investigadores, o agente é introduzido por *vezinho* (Causa ou Do, conforme sugerem Folli e Harley). Para outros, como Kratzer (1996), Marantz (1997) e Harley (2006) e Pylkkänen (1999, 2002), é *Voz* (= *voice*) que introduz o argumento externo.

Passaremos agora a descrever a proposta de Pylkkänen (2002) sobre o estatuto do morfema *Causa* e suas parametrizações.

2.7.2 – A variação do morfema *Causa*, segundo Pylkkänen (2002)

De acordo com Pylkkänen, embora os efeitos sintáticos e semânticos da causativização pareçam similares entre as línguas, conforme ilustram os exemplos de (28-30 a-b)¹³, na verdade, as construções causativas apresentam variações significativas. Por exemplo, em Inglês, verbos inergativos e transitivos não possuem contraparte causativa (31), enquanto em Japonês e Finlandês tais tipos de verbos podem ser causativizados (32-33). Ou seja, em Inglês a causativização está limitada aos verbos inacusativos, enquanto que em Japonês e Finlandês verbos inergativos e transitivos também podem se causativizar:

(28) Inglês:

a – Noncausative:

The window broke.

b – Causative:

Lisa broke the window.

(29) Japonês:

a – Noncausative:

Yasai-ga kusa-tta.

¹² Este achado segue naturalmente de uma proposta onde inacusativos e inergativos diferem em tipos de raízes: inacusativos introduzem argumentos, ao passo que raízes inergativas não introduzem. O achado não é previsível em uma teoria onde a introdução de todos os argumentos seja fornecida na estrutura funcional. Tais resultados fornecem uma pista sobre o quão subespecificada as raízes verbais podem ser: argumentos temas devem permanecer como argumentos de raízes, seja o que for mais retirado delas.

Vegetable-NOM rot-PAST

‘The vegetable rotted’

b – Causative

Taroo-ga yasai-o kus-ase-ta.

Taro-NOM vegetable-ACC rot-CAUSE-PAST

‘Taro caused the vegetable to rot’

(30) Finlandês:

a – Noncausative:

Ikkuna hajo-si.

window.NOM broke-PAST

‘The window broke’

b – Causative:

Liisa hajo-tti ikkuna-n.

Liisa.Nom break-CAUSE window-ACC

‘Liisa broke the window’

(31) Inglês:

a – Unergative root:

* John cried the baby.

b – Transitive root:

* John learned Mary Finnish.

(32) Japonês

a – Unergative root:

John-ga kodomo-o nak-asi-ta.

John-NOM child-ACC cry-CAUSE-PAST

‘John made the child cry’

b – Transitive root:

John-ga Taroo-ni Eigo-o os-hie-ta.

John-NOM Taro-DAT English-ACC learn-CAUS-PAST

‘John taught Taro English’ (Lit: John made Taro learn English)

¹³ Os exemplos de 28 a 33 foram extraídos de Pykkänen (2002, p. 73-74)

(33) Finlandês

a – Unergative root:

Jussi itke-tt-i las-ta.

Jussi cry-CAUSE-PAST child-PART

‘Jussi made the child cry’.

b – Transitive root:

Taro ope-tt-i Jussi-lle japani-a.

Taro.NOM learn-CAUSE-PAST Jussi-ABL Japanese-PART

‘Taro taught Jussi Japanese’ (Lit: Taro made Jussi learn Japanese)

Para a autora, a questão que se coloca face às diferentes possibilidades de causativização entre as línguas é a seguinte: como manter uma abordagem única para o fenômeno da causativação diante de tal variação? Para solucionar essa questão, Pylkkänen (2002) sugere uma hipótese que envolve a relação sintática e semântica das causativas, segundo a qual, a variação do fenômeno da causativização entre as línguas ocorre devido a dois parâmetros relacionados ao morfema causativo: a projeção sintática do morfema causativo (*Voice-Bundling* e *Non-Voice-Bundling*) e a seleção de complementos (*Selection*), conforme veremos a seguir.

2.7.2.1 – O parâmetro da posição sintática

Para Pylkkänen, o morfema Causa só introduz um evento. Não é o responsável pelo licenciamento do argumento externo. Seguindo Kratzer (1996), a autora assume que é *Voice* (ou *Voz*) que introduz o argumento externo. Tal projeção funcional se encontra estruturalmente acima de Causa.

O morfema causativo vai ser parametrizado segundo a sua projeção na sintaxe e segundo o seu complemento. No primeiro tipo de parametrização, há dois tipos de possibilidades: *Voice-Bundling* e *Non-Voice-Bundling* que se referem à variação na realização sintática do morfema Causa. O núcleo de Causa pode ser projetado de dois modos: em um núcleo sintático próprio ou em adjunção ao núcleo *Voice*, introdutor do argumento externo.

Em línguas *Non-Voice-Bundling*, o causativo e o núcleo licenciador de argumento externo são introduzidos em dois núcleos sintáticos separados, conforme

mostra a representação (34). Segundo Pylkkänen, as causativas do Japonês e do Finlandês possuem esta estrutura.

(34) *Non-Voice-Bundling* (ex.: Japonês e Finlandês)

x

Voice

Cause

(Pylkkänen, 2002: 76)

Como Causa e argumento externo estão sintaticamente dissociados, é possível haver em línguas do tipo *Non-Voice-Bundling* estruturas em que haja Causa, mas não a expressão de um agente.

Essa opção faz com que as estruturas causativas possam ser ambíguas entre uma interpretação com agente e uma causativa adversativa, conforme ilustram os exemplos do Japonês a seguir:

(35) Taroo-ga musuko-o korob-ase-ta.

Taro-NOM son-ACC fall down-CAUSE-PAST

(a) 'Taro caused his son to fall down`.

(Taro fez o filho cair)

(b) 'Taro was affected by his son falling down`

(Taro foi afetado pela queda do filho)

(Pylkkänen, 2002: 165)

Na causativa adversativa, não há nenhum agente envolvido. Em (35b), o sujeito *Taro* não tem interpretação agentiva e é afetado pelo evento. Tal fato mostra que o morfema Causa não introduz um agente, mas um evento. Quando há um agente causador, o morfema Voz é introduzido na derivação. Quando não há um agente causador só Causa é introduzido, o que resulta em uma interpretação não-agentiva.

Se o núcleo Causa é projetado em adjunção ao núcleo *Voice*, isto é, introduzidos no mesmo núcleo sintático, como ilustra a estrutura (36) do Inglês tem-se (*Voice-Bundling*). Neste caso, o causativo fica condicionado à presença do argumento externo.

(36) *Voice-Bundling causative* (Inglês)

(a) x

[Voice, Cause]

(b) VoiceP

Mary Voice`

[CAUSE, θ_{ext}]

break glass

(Pylkkänen, 2002: 76-91)

Em línguas do tipo *Voice-Bundling*, como o Inglês, a presença do morfema Causa sempre está relacionada à interpretação de um agente.

De acordo com Pylkkänen, o parâmetro da posição sintática de Causa demonstra apenas uma parte da variação da construção causativa entre as línguas. O complemento de Causa ou *Selection* é outro modo de estabelecer as diferenças entre as causativas em termos interlingüísticos.

Passaremos agora a descrever o segundo parâmetro.

2.7.2.2 – O parâmetro do complemento de Causa (*Selection*)

O tipo do complemento de Causa constitui uma segunda origem da variação entre as línguas. Pylkkänen postula que os núcleos causativos se dividem em três tipos diferentes:

- (i) Núcleos que podem combinar-se com constituintes contendo um argumento externo, denominado *Phase-selecting Cause*;
- (ii) Núcleos que selecionam VPs sem argumento externo, denominado *Verb-selecting Cause*;
- (iii) Núcleos que selecionam como complemento uma raiz categorialmente neutra, denominado *Root-selecting Cause*, funcionando assim como verbalizador/categorizador, já que deriva um verbo.

Em línguas que são *Root-selecting* e *Non-Voice-Bundling*, verbos inergativos podem ser causativizados porque há uma posição para o argumento externo ser gerado. Este é o caso do Japonês, conforme aponta Pylkkänen.

Em Japonês, verbos inergativos podem ser causativizados porque o *causee* pode ser introduzido acima de Causa e abaixo de Voz:

- (37) John-ga kodomo-o nak-asi-ta
 John-nom criança-acus. Chorar-Causa-Pass.
 (João fez a criança chorar)
 Lit: “João chorou a criança”

A construção acima é uma causativa lexical. Uma evidência de que “chorar + causa” é causativa lexical vem do fato de que pode ser causativizada novamente com *sase*. Neste caso, a causativa lexical se encaixa à causativa sintática:

- (38) Taroo-ga Jiroo-ni sensei-o nak-as-ase-ta
 Taroo-nom Jiroo-dat professor-acus. chorar-causa-
 (Taro fez Jiroo fazer o professor chorar)
 Lit: “Taro fez Jiroo chorar o professor”

Uma estrutura causativa inergativa é impossível em línguas do tipo *Voice-Bundling* como o Inglês e o Português, línguas em que o morfema causativo é também selecionador de raiz. Neste caso, não há uma posição para licenciar o *causee*, argumento do verbo inergativo. Daí a agramaticalidade das construções abaixo:

- (39) *The teacher cried the student.
 (40) *O professor chorou o aluno.

Em línguas em que o morfema causativo é parametrizado tanto como *Voice-Bundling* quanto *Root-Selecting*, somente verbos inacusativos podem ser causativizados lexicalmente.

Não só o argumento externo é introduzido por um núcleo funcional. Objetos também são licenciados pelo núcleo aplicativo.

2.7.3 – As aplicativas

Pylkkänen também oferece uma tipologia para o morfema aplicativo que introduz um objeto à construção.

Segundo a autora, existem dois tipos de morfemas aplicativos:

(i) Aplicativo baixo: Relaciona duas entidades em uma relação de posse. O objeto introduzido nesse tipo de construção é, em geral, interpretado como beneficiário do evento. O termo baixo se refere à posição ocupada pelo morfema aplicativo na representação:

(41)

verbo
DP
Applic DP

O aplicativo baixo só é licenciado em contexto transitivo, já que necessita de duas entidades, dos dois objetos, em uma relação de posse.

Um exemplo de aplicativo baixo vem das construções com *dative-shift* do Inglês:

- (42) a – I baked a cake for John
b – I baked (aplic) John a cake.

No exemplo (42b), o beneficiário *John* se torna um objeto sintático. Isso é possível devido à presença de um morfema aplicativo que, no caso do Inglês é abstrato: \emptyset .

(ii) Aplicativo alto: O morfema aplicativo alto denota uma relação entre uma entidade (o objeto aplicativo) e um evento. Esse tipo de morfema aplicativo é verificado com verbos inergativos em diversas línguas. O termo alto tem a ver com a posição acima do verbo, que ocupa na representação:

(43)

aplic.
x
verbo

Línguas da família Tupi-Guarani, como o Guarani, possuem aplicativos altos, de acordo com Vieira (comunicação pessoal), conforme ilustram os dados abaixo em que se vê um verbo inergativo ocorrendo com objeto direto:

Guarani:

- (44) a - o-ke kunhã pyri
 3 – dormir mulher com
 'Dormiu com a mulher`
- b - o-ro-ke kunhã
 3 – Aplic. – dormir mulher
 'Dormiu (com) a mulher`

Vimos que Pylkkänen parametriza dois morfemas: o aplicativo e o causativo. O primeiro licencia um objeto. O segundo só fica associado ao agente se a língua for do tipo *Voice-Bundling*.

Existem outras propostas na literatura que assumem essa dissociação entre argumento externo e Causa. Apresentamos mais uma delas, sugerida por Alboin e Barrie (2005) para a língua Onondaga.

2.7.4 - Dissociação entre Voz e Causa: evidências

Alboin e Barrie (2005) investigam a alternância transitiva em Onondaga com a finalidade de discutir, dentre outras coisas: se as raízes nuas introduzem argumentos; se o morfema que introduz o argumento externo é também responsável pelo caso acusativo; e se Causa licencia argumento externo.

As autoras assumem inicialmente que as raízes nuas selecionam argumentos. Com base na manifestação de caso acusativo com verbos inacusativos em Onondaga, elas decidem pela hipótese de que não há uma associação entre argumento externo e caso acusativo (Generalização de Burzio). Isto é, o morfema com traços de caso acusativo não é o mesmo que introduz o argumento externo. Se fosse, como explicar a manifestação de caso acusativo com verbos inacusativos cujo único argumento tem a interpretação de tema?

Para Alboin e Barrie, *v* (verbalizador) ou Tr (transitivo) possuem traços de caso acusativo. Seguindo Kratzer (1996), as autoras assumem que o núcleo Voz é responsável pela introdução de argumento externo.

Diferentemente de Kratzer, porém, elas postulam que Voz não corresponde ao núcleo Causa. De acordo com Kratzer, o especificador de Voz é interpretado como agente se o evento for uma atividade. Se o evento for causativo, o especificador de Voz é interpretado como Causador.

As autoras adotam a idéia de Pykkänen (2002) segundo a qual o morfema *Cause* só introduz um evento causativo e não um argumento externo. Evidência para tal hipótese vem de dados de Onondaga em que o morfema causativo aparece com uma raiz inacusativa e nenhum argumento extra é introduzido. A única leitura obtida é de que a mudança de estado foi causada sem o auxílio de um argumento externo:

Onondaga

(45) ol – yugw – e – **hd** – ih

Loc. – 1^a pl. acus. – vir de – **Causa** – estado

‘Nós todos viemos de lá?’

Os dados de Onondaga serviram, então, para Alboin e Barrie concluírem que existem três núcleos funcionais dissociados, cada qual com o seu papel: *v* ou Tr, responsável pela liberação do caso acusativo; Voz, responsável pelo licenciamento de argumento externo; e Causa, responsável pela introdução de um evento causativo apenas.

Línguas como Onondaga possuem, de acordo com a tipologia de Pykkänen (2002) para o morfema Causa, *Non-Voice Bundling* o que torna mais clara a dissociação entre os morfemas Voz e Causa. Línguas do tipo *Voice-Bundling* sempre têm associadas as noções de agente e Causa, o que dificulta a observação da função de cada tipo de núcleo funcional.

Vimos neste capítulo que, de acordo com a MD, o evento Causa é representado na sintaxe e não no léxico, em uma representação léxico-semântica, conforme postulam os lexicalistas.

O argumento externo, bem como certos tipos de objetos são introduzidos por núcleos funcionais. O argumento externo, segundo Harley e Noyer (1998) e Folli e Harley (2002), é licenciado por *v*. Este vezinho pode ser do tipo Causa ou do tipo *Do* e

também funciona como categorizador da raiz, transformando-a em verbo. Já para Pylkkänen (1999 e 2002), é *Voice* que introduz um evento e pode, dependendo do complemento que seleciona, funcionar como categorizador de verbo (no caso de o complemento ser uma raiz).

A associação entre a noção de agente e o evento Causa só ocorre em línguas, como o Inglês e o Português, em que o núcleo Causa ocupa a mesma posição sintática que o núcleo *Voice*.

Ainda segundo a MD, a alternância causativa ocorre quando os Itens de Vocabulário são subespecificados para [\pm Causa]. Essa é a proposta de Harley e Noyer (1999).

No próximo capítulo, discutiremos a questão da aquisição das construções causativas, tanto em L1 quanto em L2.

CAPÍTULO 3

ESTUDOS SOBRE A SUPRAGENERALIZAÇÃO DE ESTRUTURAS CAUSATIVAS

A aquisição da estrutura argumental dos predicados parece não ser uma tarefa fácil para as crianças. Elas devem aprender quantos argumentos cada verbo possui e também as diferentes relações semânticas expressas pelos verbos. As crianças apresentam um longo período em que mostram ainda não dominar as propriedades de subcategorização (ou propriedades de seleção) dos verbos.

Na literatura, encontram-se muitos trabalhos que mostram dados de crianças, de diferentes línguas, produzindo suprageneralização de estruturas causativas. Os pesquisadores apresentam diferentes explicações para este fenômeno, dependendo de seus aportes teóricos. De maneira geral, as propostas se dividem entre adotar uma explicação semântica ou uma explicação sintática. Assim, há, na literatura, duas hipóteses principais que investigam os processos de aquisição da estrutura argumental dos predicados: *Semantic Bootstrapping* e *Syntactic Bootstrapping*.

A hipótese denominada de *Semantic Bootstrapping*, que tem como adeptos Grimshaw (1981), Pinker (1989), Grimshaw e Pinker (1990) e Randall (2004), postula que o conhecimento sintático inicial está reduzido à semântica de determinados verbos, aprendidos nas interações. As crianças projetam as estruturas verbais baseadas exclusivamente no conhecimento das entradas lexicais dos verbos. Sendo assim, a representação lexical do verbo contém informações da projeção sintática dos argumentos. Ou seja, é a entrada lexical do verbo que determina a natureza dos argumentos e a sua projeção sintática.

A segunda hipótese, *Syntactic Bootstrapping*, que tem como adeptos Landau e Gleitman (1985), Gleitman (1990 e 1995), Lidz et al. (2003) e Borer (2004), postula que, ao invés de a criança usar o significado verbal para aprender as estruturas sintáticas, é a estrutura sintática que as ajuda a adquirir os conceitos básicos dos verbos. Ou seja, a aquisição do significado verbal é dependente do conhecimento das estruturas sintáticas. Segundo tal hipótese, a estrutura argumental é computada sintaticamente, independente da

informação lexical. É a configuração sintática que vai determinar a interpretação dos argumentos e dos verbos.

De acordo com Borer (2004), a *Semantic Bootstrapping* assume que a entrada lexical é a única fonte de informação para a projeção sintática da estrutura argumental, tanto para a criança, quanto para o adulto. Para adeptos da *Syntactic Bootstrapping*, porém é a sintaxe dos argumentos que irá determinar a interpretação do verbo, pois tais informações se derivam da estrutura sintática.

Faremos aqui um breve resumo de alguns dos trabalhos que tratam da aquisição da estrutura argumental e da suprageneralização das estruturas causativas em L1. Abordaremos também estudos que tratam da aquisição da estrutura argumental em L2.

3.1 – Abordagem semântica: *Semantic Bootstrapping*

De acordo com a hipótese *Semantic Bootstrapping*, para que as crianças adquiram categorias sintáticas abstratas, elas partem de pistas semânticas. A categoria gramatical nome é derivada da categoria abstrata objeto. A categoria gramatical verbo é associada à categoria abstrata ação. Conforme informam Barner e Bale (2002: 784) sobre tal hipótese: “If a word is the name of an object, it is assigned the category N. If it describes an action, it is assigned the category V.” As noções sintáticas são, então, induzidas de noções semânticas transparentes.

Do mesmo modo, a estrutura argumental dos verbos é determinada por sua semântica aprendida de situações vivenciadas pela criança. É a partir do significado verbal que sua estrutura temática é estabelecida

Começaremos a nossa discussão pelos trabalhos que apresentam uma explicação semântica para o fenômeno da suprageneralização: Bowerman (1974, 1978), Lord (1979), Pinker (1989) e Marcotte (2005).

3.1.1 - Bowerman (1974, 1978)

De acordo com Pye e Loeb (1998), Bowerman (1974, 1978) observou que as suprageneralizações das estruturas causativas de suas filhas¹, ocorreram com verbos intransitivos em contextos transitivos. A autora notou ainda que o início das suprageneralizações se seguiu ao aparecimento das primeiras construções perifrásticas com *make* e *get*. A pesquisadora postulou que há uma generalização dos traços sintático/semântico de Causa que se aplicam aos verbos intransitivos.

Para Bowerman, a aquisição verbal inicial é semanticamente incompleta e somente, por volta dos dois anos, as crianças começam a analisar o sentido dos verbos em componentes semânticos distintos. Então, elas passam a compreender que a alternância causativa acrescenta um componente Causa ao sentido do verbo, licenciando a adição do agente.

De acordo com Marcotte (2005), Bowerman considera que as crianças algumas vezes violam as restrições de alternância causativa presente na gramática do adulto, pois elas adquirem o modelo sintático associado com a alternância, mas não as restrições semânticas-lexicais.

Segundo Pye e Loeb (1998), o estudo de Bowerman está focado em analisar e explicar o processo inicial de produção das suprageneralizações das causativas, deixando de lado o declínio de tais estruturas na gramática da crianças.

3.1.2 - Lord (1979)

Lord² considerou que as crianças constróem um paradigma lexical para a alternância causativa. Elas aplicam este paradigma tanto para um verbo intransitivo quanto para um transitivo. Sendo assim, quando a criança aplica o paradigma para um verbo intransitivo, como, por exemplo, *fall*, pode ocorrer de se acrescentar um argumento agente na estrutura ocasionando a suprageneralização transitiva *I did fall my vitamin*. Já se a criança utilizar o

¹ Os dados coletados por Bowerman serão apresentados em 3.1.3 e em outros trechos deste trabalho.

² De acordo com Pye e Loeb (1998), Lord (1979) foi a primeira pesquisadora a relatar que as crianças suprageneralizam construções causativas tanto com verbos intransitivos (c.f. *I danced the bears*) quanto com verbos transitivos (c.f. *The car fixed*), nos estágios iniciais de aquisição do Inglês.

paradigma em um verbo transitivo, pode ocorrer a retirada de um argumento agente da estrutura argumental, ocasionando a suprageneralização intransitiva, conforme a construção a seguir, com o verbo *eat*: *And corn doesn't crunch; it eats!*

3.1.3 - Pinker (1989)

Pinker (1989) realizou um estudo importante sobre a aquisição da estrutura argumental dos predicados em Inglês como L1. O seu foco de análise são as suprageneralizações observadas com as construções causativas, locativas e com objeto duplo (= *dative-shift*).

O autor segue a corrente lexicalista que postula que o significado verbal é codificado na Estrutura Lexical Conceptual (*Lexical Conceptual Structure* – (LCS)) – um nível de representação lexical constituído por um número de primitivos semânticos – *GO*, *ACT*, *BE*, *STAY* – e variáveis no lugar dos argumentos. Este nível de semântica lexical é aprendido de situações particulares em que o verbo ocorre.

A estrutura argumental dos verbos é determinada pela sua semântica lexical e se projeta na sintaxe segundo um conjunto de regras de coindexação (= *linking rules*) inatas que fazem uma associação entre cada argumento e sua posição sintática.

A alternância da estrutura argumental é vista como o resultado de operações semânticas.

Pinker afirma que o conhecimento sintático inicial é dependente da semântica lexical dos verbos. Então, o investigador segue a hipótese do *Semantic Bootstrapping*, ao sugerir que é o conhecimento do significado verbal que vai determinar a sua estrutura argumental. A posição sintática dos argumentos é previsível do significado do verbo.

Os verbos se agrupam em classes, de acordo com os seus componentes de significado. Então, verbos que participam de alternância no nível argumental compartilham certos componentes de significado.

3.1.3.1 - Os dados e as hipóteses explicativas

Pinker se utilizou de dados de produção de suprageneralizações de causativas, coletados por outros pesquisadores, como Bowerman (1982).

Os dados abaixo constituem o *corpus* analisado pelo pesquisador:

- (1) **Come** it closer (= bring it closer) (C.- 2;9)
- (2) Mommy, can you **stay** this open? (C. - 2;6)
- (3) He **disappeared** himself. (C. - 4;2)
- (4) I'm **singing** him (puxando a corda de uma caixa de música no formato de um passarinho) (C. - 3;1)
- (5) Kendall **fall** that toy (K.- 2;3)
- (6) He`s gonna **die** you, David (H.- 4;0)
- (7) Eva`s gonna **die** it (C.- 5;0)
- (8) But I can`t **eat** her (C. - 3;3)
- (9) **Go** me to the bathroom, before you go to bed (C.- 3;10)
- (10) I'm **talking** my birdie (puxando a corda de uma caixa de música no formato de um passarinho) (E.- 2;2)
- (11) Don`t **giggle** me (enquanto alguém fazia cócegas em E.) (E. - 3;0)
- (12) Will you **have** (= give) me a lesson (C. - 4;0)

(Pinker: 23-25)

Esses erros de suprageneralizações se prolongam por muito tempo, conforme afirma Pinker. Christie, uma das crianças da pesquisa, representada por C nos exemplos acima, produziu estruturas causativas incorretas dos 2;1 até 7;11, um período de quase seis anos.

Pinker oferece três possíveis explicações para a ocorrência dos desvios:

(i) **Aplicação ampla de uma regra lexical (*broad-range rules*)**. Estas são regras universais que definem o que pode ser uma estrutura argumental possível em qualquer língua. Tais regras definem a bi-direcionalidade das operações semântico-lexicais sobre uma classe de verbos semanticamente coerentes.

Um erro provocado pela aplicação das regras *broad-range* é assim definido por Pinker (: 337)

If for a given error no other English verbs would be appropriate in that argument structure if the semantics of the verbs used was appropriated in the context and if the thematic core of the broad range rule also fits the content, it was probably overapplication of a rule that was the cause.³

Pinker distingue as regras *broad-range* das regras *narrow-range* que define as subclasses semanticamente coerentes que podem participar da alternância. Estas regras são específicas de cada língua.

Através da aquisição dessas regras mais restritas a criança pára de produzir as suprageneralizações das causativas.

Segundo Marcotte (1998), essas regras definem três conjuntos de verbos em relação à possibilidade de alternância:

(a) os verbos que não satisfazem as condições impostas pelas regras *broad-range* e assim, não podem participar de nenhuma alternância de estrutura argumental; (b) os verbos que satisfazem as condições das regras *broad-range*, mas não as condições das regras *narrow-range*; e (c) os verbos que satisfazem as condições das duas regras e assim podem participar da alternância.

(ii) Acesso ao radical inapropriado. Outra causa do erro seria o acesso ao radical verbal errado por pressões do discurso.

De acordo com Pinker, esse tipo de erro é assim definido: Se a estrutura argumental que serviria de *input* para a aplicação da regra não existir na língua-alvo e se for possível encontrar um verbo que se encaixe perfeitamente em termos semânticos e sintáticos naquela construção e se os componentes de significado do verbo empregado não forem apropriados ao contexto, deve ter ocorrido uma seleção incorreta de radical verbal. Como exemplo, Pinker oferece (13):

(13) **Keep** me a favor (= do)

(iii) Desconhecimento da representação semântica do verbo. Esse tipo de erro é caracterizado pelo uso inapropriado do significado de um verbo. A criança emprega erroneamente o radical de um verbo não-causativo para um verbo com significado

³ “Se para um dado erro nenhum outro verbo em Inglês for apropriado naquela estrutura argumental, se a semântica do verbo usado for apropriada para o contexto e se o conteúdo temático da regra *broad-range*

causativo. Pinker denomina esse erro de *malapropismo*. Esse seria o caso dos erros causativos em Hebraico em que nenhuma palavra ocorre de forma idêntica tanto em estruturas causativas quanto em não-causativas. Existem diferenças morfológicas que diferenciam esses pares na língua. Contudo, as crianças falantes do Hebraico usam as formas em contextos inapropriados, o que leva ao desvio.

De acordo com essa proposta de Pinker, as crianças deixam de produzir os erros quando adquirem o significado de cada verbo, quando acessam as formas verbais corretamente e quando aprendem as regras *narrow-range* para a alternância causativa.

Pinker agrupa os verbos em sub-classes semanticamente definidas, a saber:

(14)

- (i) movimento direcionado: vir, ir, cair, levantar, derrubar
- (ii) saída de existência: morrer, desaparecer, sumir
- (iii) estado: ficar, ser, esperar
- (iv) posse: ter
- (v) psicológico: lembrar, doer, aprender, sentir
- (vi) emissão involuntária: suar, sangrar.
- (vii) internamente causado: florescer
- (viii) expressão de emoção semi-voluntária: rir, chorar, gargalhar
- (ix) ação voluntária: comer, beber, falar, cantar, nadar, subir

Para o investigador, as cinco primeiras sub-classes são passíveis de sofrerem causativização por meio das regras *broad-range* porque existem verbos com conteúdo causativo que não são morfologicamente relacionados a eles, apesar de expressarem o mesmo tipo de evento. Este é o caso dos pares: *come/bring*; *die/kill*; *fall/drop*; *have/take*; *remind/remember*; *learn/teach*. Nos dados coletados por Bowerman, esses verbos constituem 77% dos erros causativos.

No caso dos verbos das classes expressão de emoção semi-voluntária e ação voluntária, Pinker oferece explicações distintas para os seus usos na alternância. Um verbo como *giggle* em *Don't giggle me* é consequência de *malapropismo*. A criança confundiu os radicais *giggle* e *tickle*. A ocorrência de *eat* em *Don't eat it me* também é explicada da

também se adequar ao contexto, provavelmente é a aplicação generalizada dessa regra que é a Causa.”

mesma maneira. É um caso de *malapropismo*. Ao invés de acessar *feed*, a criança busca *eat*. O mesmo acontece com o uso de *drink*.

Os outros casos, segundo Pinker, são empregados para se referirem a brinquedos e denotam causa direta, talvez com um significado diferente para o radical usado nesse contexto. Somente 2% das sentenças envolvem causativa com verbos de atividade com um *causee* animado. De acordo com Pinker (:304) “Only 2% clearly involve causation of activity by an animate causee, which the notion of direct causation that is grammaticized into the causative semantic structure rules out”.

A causativização desse tipo de verbo que classificamos aqui como inergativos, mas que Pinker classifica como verbos de expressão de emoção semi-voluntária e de ação voluntária, é tratada como um caso de *malapropismo*.

Segundo Pinker, já que a suprageneralização de causativas pode ser vista como o resultado da aplicação da regra *broad-range* que depende de uma estrutura semântica, envolvendo Causa, somente verbos que não são causativizados, devido à restrição da regra *narrow-range* vão ser causativizados mais produtivamente. Os verbos que não são causativizados porque cognitivamente são incompatíveis com causa direta, como os verbos de atividade voluntária, não são esperados nos erros causativos.

Para o autor, a causativa lexical nunca é usada para a expressão de causa indireta. Essa conclusão é alcançada após a realização de um experimento que se deu da seguinte maneira: verbos intransitivos de ação foram apresentados a crianças de 4 anos. Elas eram solicitadas a descreverem o que estava ocorrendo quando um boneco causava um outro boneco a participar da ação recém apresentada.

Em um contexto, um boneco manipulava o outro. Em um segundo contexto, um evento intervinha na execução da ação, como por exemplo, causando um boneco a jogar bolas no outro. A causativização só era dada para o contexto com causa direta e nunca com causa indireta. Isto é, um verbo intransitivo de ação, nunca era usado na forma de causativa lexical para expressar causa indireta.

Em relação à causativização de verbos transitivos, Pinker defende uma outra hipótese que vai de encontro à proposta de Bowerman. Segundo tal proposta, a suprageneralização de causativas envolve a adição de um argumento externo, vinculado à introdução de um componente causativo. Pinker argumenta todavia que, se a regra de

causativização tivesse como consequência a introdução de um argumento externo, era de se esperar que certos verbos transitivos se transformassem em bi-transitivos com o sujeito demovido para o estatuto de objeto; como em **I ate John the apple*. (= Eu fiz John comer a maçã).

Apesar de os dados de aquisição parecerem demonstrar a adição de um argumento externo, aumentando a valência do verbo, esta não é a interpretação adequada:

(15) You can **drink** me the milk (= feed) (J. - 3;8)

(16) Mama, **take** me a bath (H. - 4;0)

(17) I want to **watch** you this book. (C.- 4;3)

(= I want you to watch this book)

Para Pinker, todos esses casos de conversão de transitivo para bi-transitivo envolvem uma noção de posse. São, na verdade, construções com objeto duplo e não causativas. Em (17), *watch* significa *show*.

O autor argumenta que o causativo só admite poucos transitivos. Esses poucos transitivos são verbos psicológicos, como *see/show*; *remember/remind*; *understand/explain* ou os que indicam a doação de algo para consumo, como *eat/feed*; *drink/give to drink*.

Assim como Bowerman admite que a suprageneralização de causativas começa a ocorrer tão logo a criança passa a produzir a causativa perifrástica, Pinker comenta sobre o problema de compreensão desse tipo de causativa nos estágios iniciais da aquisição. De acordo com o autor, crianças entre 3 e 4 anos, ao ouvirem causativas lexicais e causativas perifrásticas com verbos de ação voluntária *sing*, *dance*, *jump*, *run*, para expressar causa indireta, ficam indecisas em escolher entre as duas formas. Mas essa dificuldade não reside na possibilidade do uso da causativa lexical para a expressão de causa indireta, mas sim na complexidade sintática que a causativa perifrástica envolve, com encaixamento oracional. Apesar de crianças falantes do Inglês exibirem essa dificuldade (“their preferences in the task were at chance (52%)”), línguas em que causa indireta é expressa por morfema causativo e não por uma construção perifrástica, verifica-se que as crianças não encontram nenhuma dificuldade nem na atuação nem na compreensão dessas sentenças. Então, para Pinker o fato de as crianças falantes do Inglês não terem rejeitado as causativas lexicais

agramaticais com verbos de ação como expressão para causa indireta é devido ao processamento das causativas perifrásticas.

3.1.4 – Marcotte (2005)

Marcotte (2005) se opõe à proposta de Pinker (1989) e propõe *Intrusive Results Hypothesis*, para dar conta do fenômeno da suprageneralização das estruturas causativas do Inglês. Segundo esta hipótese, o conhecimento da realização das regularidades da estrutura argumental das crianças tem a forma de construção de paradigmas que liga em pares verbos e construções. Os erros ocorrem porque a construção dos paradigmas pelas crianças contém ligações hipotéticas erradas de construções verbais.

Nesta abordagem, o léxico codifica um conjunto de pares possíveis de construções verbais. Tais construções são inicialmente adquiridas como modelos de realização argumental dos verbos, mas eventualmente analisadas semanticamente, perdendo as informações da realização argumental.

Neste tipo de léxico, a Causativa Transitiva (= Causativa lexical) e a Causativa Perifrástica têm estruturas idênticas. O fato de a criança ouvir os adultos usando todos os verbos intransitivos na forma perifrástica para falar de eventos causativos e alguns verbos usados tanto com a Causativa Perifrástica quanto com a Causativa Transitiva na alternância causativa, leva as crianças a construírem a hipótese de que todos os verbos intransitivos podem aparecer nas duas construções causativas, ocasionando os erros causativos.

Marcotte acrescenta ainda, diferentemente de Pinker (1989), que não há conhecimento gramatical inato, guiando as crianças para que elas deixem de fazer a suprageneralização de estruturas causativas. A suprageneralização cessa porque as crianças têm acesso a evidência negativa⁴.

Para o pesquisador, as evidências positiva e negativa constituem-se de objetos mentais que reformulam os diferentes mecanismos de produção de hipóteses lingüísticas na aquisição. A única condição necessária para a produção de evidência negativa e positiva relevante para a aquisição da alternância causativa é que as crianças escutam os adultos

⁴ Segundo Marcus (1993:58, apud Marcotte 2004): a evidência positiva é simplesmente o *input*, ou seja, as sentenças que as crianças escutam, enquanto a evidência negativa são as informações sobre sentenças que não aparecem no *input* [...] baseadas em mecanismos internos da criança.

falar e estes utilizam-se de diferenças pragmáticas. As crianças percebem estas diferenças e deixam de construir hipóteses erradas para os pares de construções verbais.

Passaremos agora a apresentar os trabalhos que seguem a hipótese da *Syntactic Bootstrapping*; como o de Borer (2004), que propõem uma abordagem sintática para a aquisição da estrutura argumental e para a suprageneralização das estruturas causativas.

3.2 – Abordagem sintática: *Syntactic Bootstrapping*

De acordo com a *Syntactic Bootstrapping*, o significado do verbo é adquirido da estrutura argumental na sintaxe. É a posição sintática que os argumentos ocupam na estrutura que determina a sua interpretação. Isto é, o contexto sintático determina o significado de um verbo e a interpretação de seus argumentos

Segundo Guasti (2002), o uso de pistas sintáticas para a determinação do significado verbal tem início em Brown (1957) que afirmava que as crianças recorrem às propriedades morfossintáticas das palavras para a distinção entre nome e verbo.

A hipótese por trás da *Syntactic Bootstrapping* é que há uma correlação entre sintaxe e semântica. Para inferir o significado de “quebrar”, de acordo com o relato de Guasti (:83), a criança “exploit the innate expectation that syntax and semantic are correlated in conjunction with the extralinguistic context in which the sentence is uttered”. Se o verbo ocorrer em um arcabouço sintático transitivo, a criança vai tender a postular uma interpretação do contexto com agente e tema. O agente se associa ao sujeito, ao passo que o tema se associa ao objeto. Como agente e tema estão presentes em estruturas causativas, a criança também infere que “quebrar” tem significado causativo. Já, ao ouvir um verbo como “rir” que ocorre com um único argumento no papel de agente, a criança não confere um significado causativo porque o agente não age sobre uma outra entidade.

Guasti observa que a informação sintática por si só não fornece à criança o significado mais restrito, mais apurado da palavras. Este significado é adquirido pela observação do contexto extra-lingüístico.

As pistas sintáticas só revelam à criança propriedades mais globais sobre o significado verbal, tais como: Causa, expressa em uma construção transitiva; transferência

de posse, expressa em uma estrutura bi-transitiva; e estado mental, expresso por complementos oracionais.

3.2.1 – Naigles et al (1993)

Naigles et al (1993) conduziram experimentos com a finalidade de checar a hipótese do *Syntactic Bootstrapping*, segundo a qual as crianças fazem uso da sintaxe para adquirir o significado da estrutura verbal. Os investigadores queriam saber se as crianças interpretavam os verbos de acordo com o arcabouço sintático em que ocorriam ou se desconsideravam a estrutura e interpretavam os verbos de acordo com os seus significados. *Frame Compliance* é o termo usado para a estratégia de determinar o significado do verbo com base na estrutura sintática em que aparece. *Verb Compliance* é a estratégia que determina o significado da sentença com base nas restrições do verbo empregado.

Naigles et al testaram 120 crianças com idades entre 2;5 e 12 anos de idade, bem como adultos, utilizando-se de encenação (*act-out*) com bonecos de madeira, representando personagens da Arca de Noé.

Tanto sentenças gramaticais quanto agramaticais foram empregadas. Estas últimas eram constituídas por verbos transitivos e bitransitivos usados intransitivamente, como em (18) e (19), bem como verbos intransitivos usados transitivamente, como em (20):

- (18) * The lion puts in the ark.
- (19) * The zebra brings to the ark.
- (20) * The elephant comes the giraffe to the ark.

Os resultados mostraram que as crianças menores eram *Frame Compliance* porque alternavam o significado do verbo, segundo o arcabouço sintático em que estava inserido. Em *The elephant comes the giraffe to the ark*, *come* é interpretado como *bring*. Em *The zebra brings to the ark*, *bring* é interpretado como *come*.

Já as crianças maiores, a partir dos 5 anos, bem como os adultos, se mostraram *Verb Compliance*, ao usarem as restrições do verbo para interpretarem as sentenças, chegando a modificar a estrutura para a interpretação.

Lidz et al. (2003) que também seguem a hipótese *Syntactic Bootstrapping*, argumentam que em línguas com causativa morfológica, como Kannada, uma língua dravidiana, as crianças se baseiam na sintaxe e não na morfologia para interpretar, em experimentos, situações causativas.

3.2.2 – Borer (2004)

Nesta seção, faremos um breve resumo da proposta de Borer (2004).

A autora pesquisa a aquisição da estrutura argumental nas gramáticas iniciais do Hebraico, argumentando a favor da *Syntactic Bootstrapping*.

Borer (1997, 2004) segue a abordagem construcionista, segundo a qual é a configuração sintática dos argumentos que determina a sua interpretação. O verbo funciona apenas como modificador da estrutura eventiva que resulta da configuração. Não é o verbo, portanto, que determina as propriedades estruturais da oração.

De acordo com a pesquisadora, nas gramáticas iniciais, deve existir um estágio em que as estruturas funcionais são completamente conhecidas, mas o significado de um determinado verbo talvez não seja.

Se tal estágio realmente existe, isso será uma evidência a favor da *Syntactic Bootstrapping*, já que essa abordagem postula que a ligação entre a posição sintática dos argumentos e a sua interpretação é independente de qualquer propriedade semântica de um verbo.

Com base nos dados do Hebraico, a autora mostra que a projeção dos argumentos verbais está dissociada do conhecimento lexical: “the syntax of argument structure is known, but knowledge of the properties of specific vocabulary items may be missing or fuzzy.” (: 289).

Borer argumenta que a *Syntactic Bootstrapping* não é só a hipótese mais plausível para explicar a aquisição da estrutura argumental dos verbos, como também é a única hipótese compatível com a gramática do adulto.

A investigadora segue Gleitman (1990) que desafia a hipótese *Semantic Bootstrapping* ao afirmar que o conhecimento sintático não se deriva do conhecimento da semântica lexical de verbos, aprendida do contexto. Na verdade, é o conhecimento sintático

da estrutura argumental que leva ao conhecimento específico de verbos: (:298) “argument structure is computed syntactically, and independently of lexical information, thereby stripping the verbal lexical entry of its crucial role in the determination of the projection of arguments”.

A autora indica dois estágios no processo de aquisição da estrutura argumental do Hebraico, até que a criança atinja a gramática alvo: o estágio morfofonológico > o estágio morfossintático > gramática dos adultos.

No primeiro estágio, o morfofonológico, a criança mostra ter conhecimento da estrutura sintática eventiva, e um conhecimento de vocabulário deficitário. Neste estágio, a criança produz a sintaxe da estrutura argumental completa com ordem e caso dos NPs corretos. Apresenta também a estrutura funcional correta verificada pelas marcas flexionais de tempo e concordância.

Esse conhecimento da estrutura argumental não pode ser derivado do conhecimento dos verbos empregados, porque estes são inseridos em contextos sintáticos inapropriados ou são expressos em formas inexistentes na língua-alvo. As crianças aprendizes do Hebraico como L1 usualmente selecionam uma forma verbal morfofonologicamente correta, mas morfossintaticamente incorreta.

No estágio I, ou estágio morfofonológico ocorre o que Borer denomina de Neutralização de Valência.

Nos dados a seguir, verifica-se o emprego de verbos na forma *binyan* incorreta. Ao invés da forma “mostrar”, a criança usa a forma que expressa “ver”; ao invés da forma para “alimentar”, ela emprega “comer”:

(21) *ra'iti.I 'et há-ciyurim le-'aba.*

saw.ISG OM the-paintings to-daddy.

'I saw the paintings to Daddy.' (cf. adulto *her'eti*. V mostrou)

Lit. Eu vi os desenhos para papai`

(22) *'ani roca se-'aba yokal.I 'oti aḵsab.*

I want that-daddy eat.FUT. 3.SG. OM.me now

'I want Daddy to eat me now.' (cf. adulto *ya'akil.VV'* alimentar. FUT. 3. SG')

'Eu quero Papai me alimentar agora`

(Borer: 298)

O emprego da raiz está correto para expressar o significado pretendido, mas é a forma morfofonológica do verbo que está incorreta. A criança emprega também formas verbais transitivas em contexto bitransitivo, o que equivale a um aumento da valência dos verbos. Também são reportados casos em que formas verbais transitivas são empregadas em contextos intransitivos:

- (23) ze lo *mesader*.III Na'ama, 2;2
 this no arrange
 'It doesn't fit/become arranged.'
 'Não serve, não encaixa`.'
 (cf. adulto *mistader*. VII 'ser arrumado/encaixado.INTRANS')
- (24) ze lo *madbiq*.V Na'ama, 2;2
 this no stick.TRANS
 'It doesn't stick'.
 'Não gruda`.'
 (cf. adulto *nidbaq*.II 'grudar.INTRANS')
- (25) ken hu *moci*.V leḅad Na'ama, 2;3
 yes he take-out alone
 'It comes out by itself, too.'
 'Ele saiu por si só`.'
 (cf. adulto *yoce*.I 'vir')
- (26) tir'r 'ek kol há-xalab sapak.I
 look how all the-milk spilled.trans
 'Look how all the milk spilled.'
 'Olhe, como todo o leite derramou`'
 (cf. adulto *nispak*.II 'derramar`. INTRANS')

- (27) lama ha-delet lo *potaxat*.I?
 why the-door no open. TRANS
 ‘Why doesn’t the door open?’
 ‘Por que a porta não abriu?’

(cf. adulto *nip₂taxat*.II ‘abrir. INTRANS’; Berman 1982)

(Borer: 239)

O uso incorreto da forma morfológica do verbo em mais de um contexto de valência é denominado por Borer de “Neutralização de Valência”, conforme ela exemplifica com a tabela abaixo:

Neutralização de valência

- (28) a. Formas intransitivas usadas transitivamente (*aumento de valência*)

Forma do adulto	Forma neutralizada da criança	Significado do adulto das formas neutralizadas
i. <i>hik’ib</i> . V ‘ferir.causa’	<i>ka’ab</i> .I	‘ferir.INTRANS’
ii. <i>his’ir</i> . V ‘sair.TRANS’	<i>nis’ar</i> .II	‘ficar’
iii. <i>liklek</i> .III ‘sujar’	<i>hitlaklek</i> .VII	‘ficar sujo’

- b. Formas transitivas usadas intransitivamente (*decréscimo de valência*)

Forma do adulto	Forma neutralizada da criança	Significado do adulto das formas neutralizadas
i. <i>nizraq</i> .II ‘lançar.pass’	<i>zaraq</i> .I	‘lançar. ativo’
ii. <i>mitxabeq</i> .VII ‘abraçar.recip.’	<i>mexabeq</i> .III	‘abraçar.TRANS’

(Borer: 299)

A criança nesse estágio ainda tem de aprender que uma forma *binyan* associada com uma raiz não é condicionada apenas por fatores morfo-fonológicos, mas também por

morfossintáticos. A forma verbal correta é condicionada pelo traço sintático MO⁵.

Os dados acima apresentados mostram que a criança ainda não tem, nessa fase, o conhecimento específico do item vocabular empregado, embora já tenha adquirido a capacidade de projetar sintaticamente a estrutura argumental de todos os tipos de verbos.

O estágio II do desenvolvimento da aquisição do vocabulário é denominado por Borer de estágio morfossintático. Nesse estágio, a criança já sabe que a escolha de uma forma *binyan* particular é condicionada pela estrutura sintática de evento. O erro de uso de formas se justifica da seguinte forma: a criança considera a morfologia *binyan* como um tipo de concordância associado a uma estrutura sintática de eventos determinada.

A criança continua a confundir as formas que possuem a mesma função eventiva e a favorecer o uso de formas morfossintáticas muito especiais.

(29) lama' at *madxipa.V'* oti kaka (3;2)

Por que você me empurrou tanto?

(cf. adulto *doxepet.I*)

(30) 'ani yoda at lehad *le-haxlic.V'* et ha-na alayin (3;3)

I know alone to-take.off OM the-shoes

Eu sei apenas tirar MO os sapatos

(cf. adulto *la-xloc.I*)

(31) ze mamas *masrip.V'* oti, há-semes (4;7)

it really burns me the-sun

O sol queimou-me de verdade.

(cf. adulto *sorep. I*)

(Borer: 323)

A criança substitui formas de *binyan* I por formas do *binyan* V, mostrando uma fase de suprageneralização. Ela evita as formas de *binyan* I porque são definidas em termos de propriedades morfossintáticas. Ela já aprendeu que as formas morfossintáticas verbais específicas devem ser inseridas em estruturas sintáticas eventivas com traços iguais.

Em linhas gerais, Borer propõe que as crianças, ao adquirirem a estrutura

⁵ MO equivale a marcador de objeto (*Object Marker*)

argumental, não recorrem à semântica dos verbos. Ao invés disso, elas têm o conhecimento sintático da projeção de argumentos, independentemente de seu conhecimento de vocabulário.

O *insight* de Borer é de que as crianças conhecem a projeção sintática dos argumentos, mas não as propriedades específicas dos verbos:

Computationally, the child is sophisticated and adult like at a very early age. It is exactly those aspects of the linguistic behaviour which are not computational in nature and which may very well interact with general cognitive development, which the child comes to acquire fully at a late stage, well past the solidification of the computational system. It is thus precisely in this respect that the child is a little automaton, computationally sound — but conceptually lacking: a grammar machine. (Borer, p. 331)⁶

3.2.3 – Murasugi et al (2002)

No processo de aquisição das causativas no Japonês, Murasugi et al (2002) argumentam que as causativas lexicais são adquiridas mais cedo do que as causativas sintáticas.

Para os autores, seguindo Matsumoto (2000), o morfema causativo *-(s)ase* é ambíguo entre uma leitura lexical e uma leitura sintática em algumas construções, conforme sugerem os exemplos abaixo:

- (32) Taroo-ga Hanako-ni kutu-o hak-(s)asetta
 Taroo-NOM Hanako-DAT sapato-ACC colocar-CAUS-PAST

a - Taroo deu ordem para Hanako colocar os sapatos. (causativa sintática)

b - Taroo colocou os sapatos em Hanako. (causativa lexical)

Na interpretação (a) *-(s)ase* é uma causativa sintática. O morfema toma *vP* como complemento e o NP-*ni* é interpretado como agente.

⁶ “Computacionalmente, a criança é tão sofisticada como um adulto já nos estágios iniciais de aquisição. É exatamente os aspectos do comportamento linguístico que não são computacional *in natura* e que podem interagir muito bem com o desenvolvimento cognitivo geral, que a criança começa a adquirir em estágio posterior, depois da solidificação do sistema computacional. É precisamente em relação a isto que a criança é um pouco autômoma, computacionalmente perfeita - mas faltando conceitos: uma máquina gramatical”.

Em (b), a estrutura envolvida é de uma causativa lexical. O morfema causativo forma um complexo com o verbo lexical e tem-se aí uma única oração. O NP-*ni* é interpretado semanticamente como alvo.

Murasugi et al realizaram um estudo longitudinal com um menino, Akkun, durante um período de cinco anos, e constataram os seguintes estágios de aquisição das causativas do Japonês:

(i) Estágio 1: a aquisição de estruturas bitransitivas por volta dos 2 anos.

No início desta fase, a criança não usava nenhum verbo, como atesta o exemplo a seguir:

(33) Koe, AKKun, Mama, hai doozyo Ø (2;5)

Isto, Akkun, mamãe por favor (verbo lexical)

(Mamãe, por favor, dê isto para Akkun).

Um pouco mais tarde, a criança começa a usar o verbo *do*, (*suru* na forma adulta e *tiyu* na forma da criança):

(34) Kotyan koe Akkun hai doozyo tiyu (2;7)

Kotyan isto Akkun por favor do

(Akkun dá isto para Kotyan)

(ii) Estágio 2: Por volta dos 3 anos, a criança observada, continua a empregar o verbo *do* e começa a adquirir verbos bitransitivos específicos.

No exemplo abaixo, vê-se a criança empregando o verbo “dar” (*ageru* para o adulto e *ageyu* para a criança).

(35) Kinnou Akkun akatyan toki papa ni koe ageta (2;10)

tempos atrás A. bebê quando papai para isto dar

(Akkun deu isto para papai quando era bebê)

É neste estágio que começam a surgir “erros” causativos envolvendo pares transitivo-inacusativos que são relacionados morfológicamente, como *miseru* (= mostrar) e *miru* (= ver):

(36) Koe ziityan-ni miyu (2;9)

Este vovô para ver (= mostrar)

(Eu vou) ver isto para o vovô

Ao mesmo tempo, porém, Akkun usava a forma correta para “mostrar”:

(37) Baatyan ni koe mityeyu (2;10)

Vovó para isto mostrar

(Eu) mostrei isto para a vovó.

(iii) Estágio 3: O sentido causativo é dado pelo verbo lexical sem o emprego do sufixo –*(s)ase*:

(38) Mama-ga pantyu nui-da toki (3;2)

Mamãe-nom calças tirar-pass quando

(... quando mamãe tira minhas calças)

Significado pretendido: Quando mamãe tira as minhas calças.

Significado literal: Quando mamãe tira as calças dela.

É nesse estágio que se inicia de forma esporádica o uso do –*sase* lexical:

(39) Akkun-ni tabe-sase-tee (3;6)

Akkun para comer-caus-pedido

(Por favor, alimente Akkun.)

(iv) Estágio 4 – A partir dos 5 anos de idade, Akkun passa a usar as causativas sintáticas produtivamente.

(40) biru-dake nom-sase-te kudasai (5;3)

cerveja só beber-caus-pedido por favor

(Só cerveja, deixe-me beber)

Os dados do Japonês observados pelos autores mostram, então, que as causativas lexicais são adquiridas antes das causativas sintáticas. As causativas lexicais são adquiridas quase que no mesmo período que as estruturas bi-transitivas. No início, o morfema

causativo –*sase*, no seu uso lexical, não se faz presente. Só a partir dos 5 anos é que a causativa sintática, envolvendo dois eventos é adquirida.

O fenômeno da suprageneralização das estruturas causativas atestados na aquisição de L1, também é verificado na aquisição de L2 em diferentes línguas (cf. Juffs 1996, Moore 1993, Rutherford 1987, Montrul 1997, 1999, 2001 a e b, Helms-Park 2001 *apud* Cabrera e Zubizarreta 2003). Sendo assim apresentaremos neste capítulo o resumo de alguns desses estudos.

3.3 – A aquisição de causativas em L2

A aquisição de causativas em L2 também se constitui um tema de investigação para vários autores. O interesse de muitos desses pesquisadores é discutir o papel da estrutura argumental da L1 na aquisição de verbos da L2.

A seguir, faremos um breve resumo de alguns estudos que tratam do tema em diferentes perspectivas: Montrul 1997, 1999, 2001, Cabrera e Zubizarreta 2003.

3.3.1 – Montrul (1997, 1999, 2001), Cabrera e Zubizarreta (2003)

A literatura aponta Montrul (1997, 1999, 2001) como uma das pesquisadoras que deu grandes contribuições para o estudo da aquisição da estrutura argumental em L2. A autora investigou a relação entre a semântica lexical e a morfologia derivacional na aquisição de verbos que apresentam a alternância transitiva/incoativa em Turco, Espanhol e Inglês como segundas línguas.

De acordo com Cabrera e Zubizarreta (2003), Montrul (1997 e 1999) argumenta que os aprendizes de L2 suprageneralizam as construções causativas, assim como as crianças aprendizes de L1. Ambos utilizam-se de uma grade *default* léxico-semântica transitiva fornecido pela Gramática Universal⁷, assim como representado abaixo:

(41) [Agent [CAUSE [Patient [BECOME predicate]]] ↔ (NP CAUSE NP BECOME verb)

⁷ Montrul baseia a sua hipótese em Levin e Rappaport Hovav 1995.

Nos estágios iniciais de aquisição, os aprendizes de L1 e L2 associam esta grade com qualquer verbo, segundo a proposta de Montrul. Através de testes, a pesquisadora constatou que sentenças como “*The magician disappeared the rabbit*” e “*The dentist cried the child*” não foram rejeitadas pelos aprendizes de Inglês como falantes de Espanhol, embora essas construções não sejam permitidas nem em L1 nem em L2.

Assim, conforme apontam Cabrera e Zubizarreta, Montrul propõe que a suprageneralização das causativas é independente da transferência de L1 e ocorre devido à falta de conhecimento dos traços léxico-semânticos que especificam quais verbos podem alternar. Tais traços são fundamentais na distinção das diferentes classes de verbos intransitivos que participam da alternância causativa. Assim que os falantes aprendem estes aspectos, eles deixam de recorrer à grade *default* e as suprageneralizações deixam de ocorrer.

No entanto, será realmente a falta de conhecimento dos significados dos verbos a causa da suprageneralização das causativas em L1 e em L2?

Cabrera e Zubizarreta consideram que a suprageneralização de causativas em L2 ocorre devido a fatores sintáticos. As pesquisadoras observaram que os aprendizes de Inglês e de Espanhol como L2⁸ testados conhecem o significado dos verbos intransitivos que eles aceitam como causativos, pois traduzem corretamente tais verbos da L1 para a L2. Sendo assim, a falta de conhecimento do significado desses verbos não parece ser a real causa da suprageneralização das estruturas causativas.

Para as pesquisadoras, a suprageneralização de causativas em L2 e em L1 não tem completamente a mesma origem. No entanto, consideram que as crianças que produzem tais tipos de estruturas associam livremente uma estrutura intransitiva com um significado causativo, independentemente do tipo de verbo. Tal fato é similar à estratégia sintática que os aprendizes de L2 utilizam na aquisição dos verbos.

Cabrera e Zubizarreta observaram que tanto aprendizes do Inglês como L2, falantes do Espanhol, quanto os do Espanhol como L2, falantes do Inglês aceitaram melhor causativas lexicais com verbos que codificam mudança ou de estado ou de movimento, como “chegar” e “dançar + PP), do que com verbos que não codificam mudanças, como os inergativos “rir” e “dançar”.

De acordo com as investigadoras, em algum estágio do processo de aquisição, o aprendiz de L2 ignora a informação lexical de classes particulares de verbos e aplica uma grade sintática geral $NP_1 V NP_2$ que é compatível com o significado $NP_1 \text{ cause } NP_2$, independente do tipo de verbo.

As pesquisadoras verificaram ainda que em estágios mais avançados da aquisição de L2, os aprendizes começam a transferir as propriedades lexicais específicas dos verbos da L1. Então, tanto o templatado NP V NP quanto tais restrições lexicais determinam a aplicação da regra causativa em L2.

Ambos os grupos rejeitam causativas lexicais com verbos que não alternam na L1, como “chegar”, “morrer” e “rir”. Também cada grupo passa a rejeitar as estruturas causativas não atestadas na L1.

Os aprendizes do Espanhol, falantes de Inglês, passam a aceitar incorretamente estruturas com verbos de movimento + PP em L2, como no exemplo (42):

(42) *El general marchó a los soldados al campamento.

Já os aprendizes do Inglês, falantes do Espanhol, rejeitam tais construções que são possíveis em L2, mas não em L1, como o exemplo abaixo:

(43) The general marched the soldiers to the camp.

A pesquisa de Cabrera e Zubizarreta parece apontar para o fato de que os aprendizes de L1 e L2 dominam a estrutura sintática dos verbos, mas algumas vezes desconhecem os ambientes habilitadores que os licenciam.

3.3.2 – Okamoto (2005)

Okamoto (2005) aponta para o fato de que nem sempre a estrutura argumental de um verbo em uma dada língua exibe o mesmo padrão que seu equivalente em outra língua. A base de sua comparação é a alternância transitiva em Inglês e Japonês.

Em Japonês, mas não em Inglês, tal alternância é morfologicamente marcada na raiz verbal e nos marcadores de caso, como ilustram os dados a seguir:

⁸ O estudo das autoras envolveu aprendizes de Inglês como L2, falantes do Espanhol, bem como aprendizes

(44) John-ga doa-o kowa-shi-ta
 John-nom porta-acus quebrar- Tran.-pass.
 'João quebrou a porta`.

(45) Doa-ga kowa-re-ta
 porta-nom. quebrar-intr-pass.
 'A porta quebrou`

O autor assume a proposta de Harley (1995) de que a morfologia presente na alternância transitiva do Japonês é um reflexo do núcleo funcional eventivo *Cause* ou *Become*. A transitividade, para ele, é definida como (:2): “a linguistic representation of whether a change in the real world is brought about by an change in the entity itself or under influence of an external force”, e é introduzida por um núcleo funcional. *Become* é o *vezinho* da contraparte intransitiva que toma como complemento VP que denota o resultado final da mudança de estado. *Cause* é o *vezinho* da contraparte transitiva que seleciona um argumento externo em Spec.

Assim, a alternância transitiva surge quando os Itens de Vocabulário são sub-especificados para os contextos sintáticos que os licenciam.

Okamoto menciona a explicação de Levin e Rappaport Hovav (1995) para a alternância causativa. Segundo as autoras, somente verbos de mudança de estado externamente causados podem participar da alternância, devido à sua estrutura lexical conceitual que permite que o evento causado fique totalmente não- especificado. Dessa maneira, um verbo como *rust*, apesar de denotar mudança de estado, não pode participar da alternância porque não é externamente causado. Já um verbo como *cut*, apesar de ser externamente causado, não pode participar da alternância porque tem causação especificada; isto é, precisa de um instrumento.

Essas restrições parecem se aplicar apenas no Inglês. Conforme aponta o autor, o Japonês permite uma classe mais abrangente de verbos na alternância transitiva. Então, não só verbos cuja causa pode não ser especificada, mas também aqueles com causa especificada podem alternar. Esse é o caso de verbos com *cut*, *find*, *disappear* e *occur*.

(46) Himo-ga kir-e-ta
 corda-nom cortar-intr. – pass.
 ‘A corda cortou’.

(47) Magician usagi-o ke-shi-ta
 mágico-nom coelho-acus. Desaparecer-tran. – pass
 ‘O mágico desapareceu o coelho’.

O autor lembra ainda que os morfemas (vezinhos) são de dois tipos: (i) os que selecionam uma raiz; (ii) os que selecionam uma categoria.

Os morfemas que selecionam raízes neutras exibem semi-produtividade e enxergam os traços da raiz localmente. O significado da combinação é arbitrário.

Os morfemas que selecionam categorias exibem produtividade e o significado da combinação é composicional, previsível do significado da raiz. Os traços que tais morfemas enxergam localmente são os de vezinhos: *Cause* e *Become*.

As alternâncias morfológicas em Japonês expressam os morfemas que selecionam raízes. O morfema *sase-* é o que seleciona categoria e se concatena com *vP*. O quadro abaixo ilustra a distribuição de raízes e morfemas em Inglês e Japonês:

(48)

Tipo de morfema		Seleciona-Raiz		Seleciona-Categoria
Tipo de <i>v</i>		Become	Cause	Cause
Cut, find	J	√	√	
	I	x	√	
Disappear, occur	J	√	√	
	I	√	x	√

x = incompatível √ = ocorrente

Nota-se que, se uma contraparte não está disponível, como ocorre com o uso transitivo de *disappear* em Inglês, o morfema que seleciona uma categoria, como *make*,

compensa essa ausência, já que possui traços semelhantes ao morfema que seleciona uma raiz não é possível. Neste caso, evitar a *indirectness* envolvida no evento que resulta da atuação de dois vizinhos eventivos.

Okamoto conduziu um experimento com duas perguntas subjacentes: (i) se os aprendizes de Japonês como L2, falantes de Inglês, transferem a estrutura argumental de L1; e (ii) se a estrutura argumental da L2 é afetada pelo padrão morfológico da alternância transitiva da L1.

O autor testou as seguintes hipóteses:

- (a) Hipótese 1: Haverá evidência da transferência do padrão morfológico da L1.
- (b) Hipótese 2: Onde a estrutura argumental da L1 forma um subconjunto da estrutura argumental de L2, haverá evidência de uma transferência inicial da estrutura argumental da L1, mas o aprendiz irá adquirir a estrutura argumental da L2, com base no *input* positivo. Neste caso, os aprendizes irão rejeitar os dados em (46) e (47).
- (c) Hipótese 3: Onde a estrutura argumental da L1 forma um conjunto mais abrangente do que a da L2, o super conjunto da estrutura argumental persistirá

O teste foi baseado no experimento de Montrul (2001) e constituiu uma tarefa de julgamento de aceitabilidade de figuras via internet. Uma figura que ilustrava um evento transitivo, com agente, ou um evento intransitivo, sem agente, era apresentada ao sujeito, seguida de pares de sentenças em Japonês: (a) para figuras ilustrativas de eventos intransitivos; e (b) para figuras ilustrativas de eventos transitivos:

- (49) a - The rabbit disappeared vs The rabbit was disappeared.
- b - Magician disappeared the rabbit vs Magician made the rabbit disappear

A idéia por trás do uso dessas construções era a de que em estruturas em que, em Inglês, não ocorre a contraparte transitiva, por exemplo, o aprendiz de Japonês iria recorrer para a causativa sintática.

Os resultados mostraram transferência da estrutura argumental da L1 até nos grupos mais avançados. O efeito da L1 mais forte foi observado em verbos do tipo “desaparecer” que não possuem uma contraparte transitiva na L1.

Okamoto sugere que:

The introduction of an external argument into an unaccusative root is harder than the removal of the CAUSE prime from a transitive structure... there is no L1 equivalent construction which offers semantic similarity to the Vt version of the non-alternating unaccusative, thus it is plausible that learners had difficulty in finding a possible thematic interpretation for the external argument in a sentence such as “Mary fell the bottle”. (:18)⁹

No próximo capítulo, apresentamos a questão da aquisição das causativas em Português Brasileiro como L1, tendo como base os dados de Figueira (1985) e os enunciados por nós coletados. Também comparamos os dados de causativas desviantes do PB com os dados do Inglês.

⁹ “A introdução de um argumento externo em uma raiz inacusativa é mais difícil do que a remoção da Causa de uma estrutura transitiva... não há construção equivalente na L1 que oferece similaridade semântica para a versão transitiva de um verbo inacusativo que não alterna, então é plausível que os aprendizes tenham dificuldade em encontrar uma possível interpretação temática para o argumento externo em uma sentença como *Mary fell the bottle*”.

CAPÍTULO 4

A AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS EM PB COMO L1

Neste capítulo, o nosso objetivo é apresentar a metodologia utilizada neste estudo e os dados referentes à suprageneralização das construções causativas verificados nos estágios iniciais de aquisição do Português Brasileiro (PB).

Como o trabalho de Figueira (1985), pioneiro neste tipo de investigação, para o PB, serviu como fonte de dados para o nosso estudo, também comentaremos sobre os seus achados.

Ao investigar a aquisição das construções causativas, Figueira observou o fenômeno da suprageneralização, envolvendo não só causativas lexicais, mas também causativas perifrásticas. Estas últimas quase não são abordadas na literatura referente à aquisição de causativas, mas são igualmente importantes para a compreensão do fenômeno da suprageneralização. Sendo assim, também será aqui apresentada a proposta de análise de Franchi (1989) para as causativas com “fazer” observadas nos dados disponíveis em Figueira.

Mostramos também os dados de produção espontânea de duas outras crianças – Igor e Gabriel - que foram por nós registrados. Por fim, comparamos os dados de causativas desviantes do PB com os dados do Inglês.

Iniciamos o capítulo, descrevendo a metodologia por nós utilizada.

4.1 - Metodologia

Para realizarmos esta pesquisa, nós utilizamos três fontes de dados:

- (i) Os dados de Igor coletados por mim durante o período de 1;7 até 8;6 meses;
- (ii) Os de Gabriel registrados pela orientadora, que abrangem o período de 2;7 até 7;0 anos;
- (iii) Os dados de Figueira (1985) que coletou enunciados de Anamaria entre 2;7 e 5;0 anos.

Coletamos os dados de produção infantil por meio de gravações e pela observação e anotação da fala espontânea, obtida nos ambientes naturais das crianças envolvidas: Igor - meu filho - e Gabriel - filho da orientadora desta tese. Não realizamos

nenhum tipo de experimento para observar a compreensão ou para obter dados referentes às estruturas causativas.

Utilizamos também o *corpus* coletado por Figueira (1985). Esta pesquisadora realizou um estudo longitudinal do desenvolvimento da expressão da causatividade na fala de uma criança, Anamaria (A.), no período entre 2;7 e 5;0 anos. Figueira trabalhou com dados de duas fontes de coleta: “a) o Diário, feito pela mãe (a própria pesquisadora); b) as sessões de ‘audiotape’, realizadas em contexto natural, em que a criança interage com um adulto (a mãe, na maioria das vezes). Estas totalizaram 109 sessões e aproximadamente 82 horas de gravação.” (Figueira: 2)

A literatura atesta o fenômeno sob investigação em outras línguas. Sendo assim, utilizamos também, para efeitos de comparação, dados do Inglês, baseados respectivamente nos trabalhos de Pinker (1989) e Marcotte (2005).

Na próxima seção, apresentamos um breve resumo das idéias de Figueira.

4.2 – Figueira (1985)

Figueira realizou um estudo longitudinal do desenvolvimento da expressão da causatividade na fala de sua filha, Anamaria (A.), no período entre 2;8 e 5;0 anos. Para a coleta do *corpus*, a autora trabalhou com dados de duas fontes: “a) o Diário, feito pela mãe (a própria pesquisadora); e b) as sessões de ‘audiotape’, realizadas em contexto natural, em que a criança interage com um adulto (a mãe, na maioria das vezes). Estas totalizaram 109 sessões e aproximadamente 82 horas de gravação.” (Figueira: 2)

Neste estudo, a investigadora se propôs a descrever e a explicar as etapas de organização do subsistema de causatividade, utilizando, para isso, uma abordagem interacionista-construtivista¹. É a partir dos desvios de estruturas causativas produzidas pela criança que a autora fundamenta a sua análise. Figueira observou, nos dados de A, dois tipos de desvios envolvendo a expressão de causatividade que ela intitulou de classe dos desvios 1 e classe dos desvios 2.

¹ Segundo Figueira, o modelo interacionista-construtivista considera a criança um ser ativo, agindo na construção gramatical, pois interage com o meio. De acordo com a autora, a hipótese central do cognitivismo, de base piagetiana, poderia ser assim formulada: “o desenvolvimento lingüístico é precedido e parcialmente determinado pelo desenvolvimento cognitivo. Em outras palavras, adotar tal hipótese seria assumir que, ao incorporar as estruturas lingüísticas, a criança já possuiria, ao nível cognitivo, estruturas não lingüísticas correspondentes. (: 5). A autora assume uma mudança da proposta cognitivista sobre a relação entre cognição e linguagem. Segundo Figueira, “cognição e linguagem são mutuamente determinantes e seu desenvolvimento é interdependente” (: 7).

No primeiro tipo, a criança utiliza um item não-causativo como causativo. A investigadora considera como não-causativo os verbos que tratamos aqui como inergativos e inacusativos. Segundo Figueira, estes dois tipos de desvios se iniciam em estágios diferentes da aquisição.

Vejamos alguns dos exemplos de Figueira: (76-89) para os desvios do tipo 1:

- (1) Mãe, não sei se este balanço vai te **cair** (= Mãe, não sei se este balanço vai te derrubar) (A.- 3;8)
- (2) (A apanha uma florzinha na jardineira e dá para Elza)
Eu vou **morrer** essa. (= Eu vou matar essa (florzinha) (A.- 4;8)
- (3) Eu vou **dormir** ele aqui. (= Eu vou fazer ele dormir aqui) (A.- 4;7)
- (4) (A brinca de pôr a bonequinha para engatinhar)
Agora, **engatinhar** ela, eu não consigo. **Engatinhar** ela, eu não consigo.
(= Fazer ela engatinhar eu não consigo)
M. Quem não consegue? Hum?
A. Ela. Essa bonequinha. (A.- 4;4)

No segundo tipo de desvio, que se intensificam a partir dos 4 anos, a criança usa um item causativo como não-causativo:

- (5) **Matou** em meu pé. (A.- 2;10) (= Morreu em meu pé)
- (6) (A brinca com copos de refrigerante que juntara na festa de aniversário do dia anterior)
M. Que cê falou do copo, bem? Hein?
A . Lá na festa **derrubou** isso aí... (= Lá na festa caiu isso aí) (A.- 3;7)
- (7) (A mãe se lembra de que A pintara as unhas em Uberaba)
M. Será que ainda tem esmalte que a Ivone passou?
A . Não. **Tirou** tudo. (= Saiu tudo) (A.- 3;2)
- (8) (A mostra à mãe que o durex que prendia o pano da boneca está saindo)
Tá tirando o durex, mãe. Mãe, o durex **tá tirando** (= Tá saindo o durex) (A.- 4;6)

Figueira, que segue a abordagem interacionista, explica os desvios causativos através de uma hipótese sintático-semântica: como a criança, nos estágios em que se

observa os desvios, ainda não fixou a diátese² específica dos verbos, ela emprega-os indiferentemente em construções causativas ou não-causativas. A criança se utiliza da ordem sintática –NVN-, reservando a posição pré-verbal para o agente e a pós-verbal, para o objeto. Nas construções não-causativas a ordem é VS, como nos exemplos de (6) a (8).

A criança assume que tais verbos que aparecem nas construções desviantes têm a mesma flexibilidade que aqueles que ocorrem no par transitivo/intransitivo, como “abrir”, “afundar” e “queimar”. É a presença ou ausência de um sujeito agentivo que determina o significado causativo .

Segundo a autora, a hipótese explicativa para os desvios 1 e 2 relacionados à aquisição de causativas é a seguinte: a criança investe na ordem sintática, deixando implícito que não leva em conta as operações lexicais. (...) “a criança usava a ordem sintática como recurso gramatical único e suficiente para a expressão de uma situação em que um agente podia ou não estar envolvido, ignorando as marcas lexicais.” (: 199)

Para Figueira, aprender ou dominar o sistema de causatividade em português é reconhecer a extensão das classes dos causativos lexicalizados³ (morrer/matar, sair/tirar, cair/derrubar, aprender/ensinar, conhecer/apresentar, etc.), dos causativos sintáticos (abrir, fechar, quebrar, rasgar, virar, etc.) e o uso particular da classe de causativos com o auxiliar “fazer” e “deixar” (fazer cair, fazer morrer, fazer sair, fazer acreditar, fazer conhecer, etc.).

A autora ressalta, ainda, que a análise dos causativos lexicalizados “derrubar, matar, tirar, enfiar”, por exemplo, como agentivos, e de “cair, morrer, sair, entrar” e outros como não-agentivos ocorre, na gramática infantil, de maneira local e independente de uma regra geral produtiva, atingindo um a um os itens, em diferentes momentos do processo de aquisição.

Vale ressaltar ainda que a causativa sintética (= lexical) é usada pela criança para a expressão tanto de causa direta, manipulativa e imediata, de acordo com a classificação de Shibatani (1975), quanto para a expressão de causa indireta, diretiva e mediata:

² A definição de diátese seguida pela autora é a estabelecida por Carlos Franchi (1976). Segundo tal definição, diátese verbal se caracteriza:

- a) pelo número de argumentos que têm papel temático atribuído pelo verbo;
- b) pela natureza desse papel temático;
- c) pela orientação das relações estabelecidas pelos argumentos.

³ Para Figueira, causativo lexical se refere aos pares supletivos (morrer/matar; cair/derrubar), ao passo que causativo sintático se refere ao verbos que alternam no par transitivo/intransitivo.

- (9) Ela **caiu** (a colher) (= derrubou) (A.- 4;07) (causa direta)
 (10) Ai! Cê me **errou** (= fez eu errar) (A.- 4;10) (causa indireta)

O uso de causativa perifrástica com o verbo “fazer” ocorre, de acordo com Figueira, após os três anos. Nos exemplos abaixo, vê-se a introdução de um outro agente junto com o verbo “fazer”:

- (11) Meu pai **fez** eu **acordar** (A.-3;07)
 (12) Quem **fazeu** ele **tirar** ela daí (A.- 4;07)

Figueira também observa que na aquisição da causativa perifrástica, a criança usa o verbo “fazer” tanto para expressar causa indireta, exemplos acima, quanto causa direta, como em (13):

- (13) Eu vou **fazer tirar** (a blusa). (A.- 4;9) (causa direta)

Em (13), a situação é que a criança molhou a blusa e precisa tirá-la .

Segundo Figueira, o uso inicial das causativas perifrásticas está associado semanticamente à causa indireta. Essa seria “a maneira de a criança tirar de si o peso da responsabilidade do papel de agente”, de acordo com a sua proposta.

- (14) [Obedecendo aos pais, a criança fizera o mesmo caminho sala e quarto várias vezes para guardar seus brinquedos. Ao final, os pais constatam que ela está molhada de suor. A criança se dirige então à mãe:]
 - Foi você que me **fez molhada** (A.- 3:00)
- (15) [Anamaria tinha espalhado discos no chão e está quase pisando neles].
 M: Não pisa nas coisas não, Anamaria.
 [A mãe esbarra na criança e faz com que ela pise no material]
 A: Você que tá **fazendo pisar** (A.- 3;02)

Essa transferência de culpa seria a “eficácia externa” da estruturação da linguagem. Mas como observa Figueira, a emergência dessas construções não têm apenas esse papel. Além de eficácia externa, tem também eficácia interna, pois leva a criança a reorganizar o seu sistema gramatical.

Franchi (1989) faz uma reanálise dos desvios causativos produzidos por Anamaria, tendo como base o Modelo de Princípios e Parâmetros. O foco de Franchi são as causativas perifrásticas.

4.3 - A proposta de Franchi

Franchi chama a atenção para o fato de que, no período de emergência das causativas perifrásticas, o que ocorre é a adoção, por parte da criança, de um mecanismo de ampliação da “rede argumental, criando uma posição marcada para o agente”.

Nesse período, a criança ainda não domina os diversos tipos de causação e assim, emprega a causativa perifrástica para expressar causa direta também. Ela passa, então, por uma fase em que usa “fazer” tanto para expressar causa direta quanto causa indireta, da mesma forma que usa as causativas lexicais para expressar esses diferentes tipos de causação.

Na verdade, de acordo com esta autora, o que predomina nesse período emergencial é o uso das causativas perifrásticas com o sentido de causa manipulativa, direta e imediata.

Franchi tenta, então, analisar essas ocorrências. Como bem lembra a autora, com base em Comrie (1981), as causativas com “fazer” parecem envolver dois predicados autônomos: um que expressa causatividade e outro que expressa o evento, estado ou propriedade.

Esses dois predicados são claramente observados em construções como:

(16) Quem **fazeu** [ele **tirar** ela daí]. (A.- 4;07)

A investigadora observa, porém, que esse tipo de causativa complexa com “fazer” + verbo transitivo é extremamente raro nos dados de Anamaria. Há, de acordo com ela, apenas dois casos de causativas com objeto explícito. A maioria dos dados acontece com estruturas intransitivas:

(17) Eu **faço** ele **andar** (A.- 3;02)

Nesse tipo de causativa perifrástica, o sujeito, quando não é pronominal, ocorre em posição pós-verbal:

(18) A chuva **fazeu cair** a amora. (A.- 3;09)

(19) A subida **faz pesar** a barriga. (A.- 4;08)

Na maioria dos casos, porém o sujeito não é expresso:

- (20) **Faço sair** [e] (A.- 3;11)
- (21) Eu **vou fazer tirar** [e] (A.- 4;09)
- (22) Eu que **fiz** [e] **escovar** [e] (A.- 4;10)

Essas construções com “fazer” são equiparadas por Franchi com aquelas causativas sintéticas em que o causado ou objeto afetado, quando expresso por NP, ocorre em posição pós-verbal.

As construções com “fazer” e o verbo subordinado formam, segundo Franchi, um único predicado complexo, como indicam as representações a seguir:

- (23) A chuva [**fazeu cair**] a amora. (A.- 3;09)
- (24) Resfriado [**faz entupir**] o nariz. (A.- 4;11)

Em (23) e (24), o *causee* estaria na posição de objeto direto, segundo a análise de Franchi.

Esse predicado complexo se correlaciona com as causativas sintéticas, conforme sugere Franchi para o par abaixo:

- (25) Você [saiu] o esmalte do dedo. (= tirar)
- (26) Você [fez sair] o esmalte do dedo. (= tirar)

A autora ainda ressalta que a criança emprega construções iguais às línguas ergativas em que o sujeito intransitivo e o objeto direto possuem o mesmo comportamento, com exceção dos pronomes pessoais.

Franchi traduz esse padrão ergativo pela hipótese da inacusatividade. Então, nos estágios iniciais da aquisição, a criança opera com uma regra de causativização de um núcleo relacional constituído por um verbo e um tema. Este, segundo a autora, é o elemento mais importante na especificação do sentido do verbo e determina a diátese verbal. Já o agente, é um argumento externo que recebe a sua interpretação composicionalmente, através do verbo + tema. O que caracteriza a diátese verbal no período dos desvios é a presença do tema e não do agente.

A intuição de Franchi é assim traduzida:

Pode-se, agora entender por que a presença ou não de uma função temática agentiva, atribuída a um argumento externo, não possui um papel relevante, na caracterização da diátese verbal no período de aquisição considerado.

Sugiro que a elaboração da rede temática tem que passar pelo processo inicial de constituição do sintagma verbal prevalecendo inicialmente a estrutura interna do núcleo verbal e do seu tema, composicionalmente responsáveis pela função temática de argumento externo. (:18)

Sendo assim, não são distintos os pares abaixo em termos de estrutura argumental:

- (27) a - Tirou a ponta. (A.- 4;0) (= saiu)
b - Saiu a ponta.
- (28) a - Luíza **veio** uma menina. (A.- 3;11) (= trouxe)
b - Luíza trouxe uma menina.

É justamente a função temática externa que ainda não foi incorporada à diátese verbal. Além disso, o fato de o SN permanecer em posição pós-verbal parece indicar que o processo de formação de cadeia argumental ainda não está disponível, em consonância com Borer e Wexler (1987), segundo Franchi.

O emprego de “fazer” pela criança é, de acordo com a autora, um mero recurso para a inserção de um agentivo. Dessa maneira, explica-se o uso indiferenciado de “fazer” com verbos como “tirar/sair”, “cair/derrubar”, “morrer/matar”, conforme mostram os esquemas abaixo:

- (29) tirar
sair
derrubar + SN (intransitivo)
morrer
matar
- (30) SN + [[fazer tirar] + SN (transitivo)
sair
cair
derrubar
morrer
matar

Os dados abaixo mostram a ocorrência de “fazer” como um mero introdutor de agente:

- (31) [De noite, ao escovar os dentes, A. molha a blusa do pijama; vai trocar, justificando para a mãe:]
- Molhou essa, né? Eu vou [**fazer tirar**]

Franchi sugere que as evidências positivas ajudarão a criança a fixar a diátese apropriada dos verbos em questão. Além disso:

A ocorrência paradigmática de uma forma verbal causativa incluída no léxico é motivo suficiente para, por um lado, bloquear a produtividade das construções composicionais com “fazer” no seu valor semântico relacionado de causa imediata; por outro lado, favorecer a especialização de sentido abrindo margens para uma análise de diferentes tipos de causação. (: 26)

Na próxima seção, apresentamos os dados de suprageneralização de causativas, observados nos enunciados das três crianças.

4.4 – Observações sobre os dados

Averiguamos, nos dados produzidos pelas três crianças, os mesmos tipos de desvios com verbos inacusativos, já que elas os usam indistintamente como transitivos ou intransitivos. A transitivização de inergativos parece ser um pouco menos freqüente e varia de sujeito para sujeito. Os desvios com verbos transitivos usados como intransitivos ou bi-transitivos envolvem um menor número de verbos do que os desvios com os verbos intransitivos.

Nos dados produzidos pelas três crianças, ocorrem dois tipos de desvios:

- i) Alternância de valência com adição de argumentos: neste caso, um verbo inacusativo ou inergativo passa a transitivo. Verbos transitivos também passam a bitransitivos;
- ii) Alternância de valência com retirada de argumento: neste caso, um verbo transitivo passa a intransitivo ou um verbo bitransitivo passa a transitivo.

Em termos descritivos, podemos afirmar que o argumento adicionado ou retirado é sempre o agente.

Seguem abaixo dois quadros que ilustram os tipos de desvios infantis. No quadro (1), mostramos o primeiro tipo de alternância e no (2), o segundo tipo, com retirada de argumentos.

Quadro (1): Alternância de valência verbal com adição de um argumento

ALTERNÂNCIA DE VALÊNCIA VERBAL NOS DADOS INFANTIS		
ADIÇÃO DE UM ARGUMENTO AGENTIVO		
Verbo inergativo → transitivo	Verbo inacusativo → transitivo e bitransitivo	Verbo transitivo → bitransitivo
Andar Mãe, anda o boneco pra mim. (Igor – 3;7)	Aparecer Eu vou aparecer o balão. (Gabriel – 6;2)	Aprender A vovó Necinha aprendeu matemática pra mim. (=ensinar) (Igor - 5;0)
Correr Vou correr os bandidos do mal. (Igor – 5;0)	Cair O mar vai cair a barraca. (Gabriel - 3;8)	Aceitar Aceita uma coca-cola pra ela.(=oferece) (A. 3;11)
Dormir Eu vou dormir todos os carinhos na minha cama. (Igor – 5;0)	Desaparecer Você foi desaparecer o mico. (Gabriel – 4;11)	Ver Sabe o que eu queria te ver? (A.- 4;2) (=mostrar)
Engatinhar Engatinhar ela eu não consigo. (A.- 4;4)	Entrar Olha, pai, eu entrei tudo. (A. 3;11)	Saber Eu queria saber outra pra você (= Contar) (A. 4;2)
Ficar Fica ele aqui (A. – 3;2)	Morrer Eu vou morrer ele. (Gabriel – 4;10)	
Pular Mãe, pula ele para mim (Igor – 7;8)	Nascer Ela tá nascendo dente. (A.- 4;4)	
Rir Nenhum palhaço consegue rir toda a platéia (Gabriel – 6;7)	Sair Eu saio você do berço. (A.– 4;10)	
Subir Me sobe. É alto aqui. (A. – 3;8)	Sofrer Quem sofreu ela? (A. – 4;10)	
Tomar banho/injeção É você que vai me tomar banho. (Igor – 5;1)	Sumir O Júnior sumiu o lápis. (Gabriel – 5;4)	
Viajar Deixa eu viajar a menina. (A. - 3;9)	Vir A Luísa veio uma menina hoje aqui. (A. - 3;11)	
	Voltar Mas volta ele de novo aqui. (A.- 3;5)	

Quadro (2): Alternância de valência verbal com retirada de um argumento

ALTERNÂNCIA DE VALÊNCIA VERBAL NOS DADOS INFANTIS	
RETIRADA DE UM ARGUMENTO: O AGENTE	
Verbo transitivo → intransitivo	Verbo bitransitivo → transitivo
Derrubar Lá na festa derrubou isso aí... (= Lá na festa caiu isso aí) (A.- 3;7)	Ensinar Eu ensinei muito dever. (= Eu aprendi muito dever) (Igor - 4;9)
Esconder Mãe, eu quero comer a balinha... a balinha escondeu (= A balinha sumiu) (Igor - 3;4)	
Matar Matou em meu pé. (= Morreu em meu pé) (A.- 2;10)	
Tirar Tilou essa sujeira boba. (= Saiu) (Gabriel - 3;0)	

A seguir, ilustramos os tipos de desvios causativos produzidos por cada uma das crianças .

4.4.1 - Os dados de Anamaria

Constatamos nos dados de Anamaria que os desvios com todos os tipos de verbos se iniciam na mesma época, por volta dos 3;0 anos, e se estendem até os 5;0 anos, época em que os dados pararam de ser coletados por Figueira.

Em termos de frequência, os verbos inacusativos são os que mais ocorrem na alternância causativa. Os verbos inergativos são também observados:

- (32) Quem **saiu** este esmalte do dedo, quem? (A.- 2;11)
- (33) (A está na sala com um bebê de seis meses, brincando; a mãe deste faz menção de levá-lo para dormir ; A. protesta)
 Ah... **Fica** ele aqui. (A.- 3;2)
- (34) A mamãe vai **nascer** nenê? Outra Juliana? (A.- 4;8)
- (35) Mas, **volta** ele de novo aqui (A.- 3;5)
- (36) (A apanha uma florzinha na jardineira e dá para Elza)
 Eu vou **morrer** essa. (= Eu vou matar essa (florzinha) (A.- 4;8)
- (37) Eu quero que você me **passeia** um pouco por aí. (A.- 4;8)

O número de verbos inacusativos e inergativos que são causativizados é bem maior do que o número de verbos transitivos que viram incoativos. Dentre estes últimos, foram observados apenas “matar”, “tirar” e “derrubar”, segundo a interpretação de Figueira. O uso de tais verbos no desvio é muito limitado. Há pouquíssimos dados e a maioria deles envolve o verbo “tirar”:

(38) Já **matou** o queimado? (= morreu) (A.- 4;8)

(39) O bandaid tava **tirando** (= saindo) (A.- 4;3)

Os verbos transitivos que se causativizam são aqueles que, segundo as condições de licenciamento de Harley e Noyer (1999), conforme descrito no capítulo 2 na seção 2.4, possuem como sujeito um argumento interno, como “aprender”, “saber”, “conhecer”. Nesse grupo, incluímos ainda “aceitar”.

(40) (A. brinca de casinha; aproxima-se da mãe)

Eu trouxe uma amiga prá você conhecer. **Aceita** uma coca-cola prá ela. (= Oferece uma coca-cola prá ela) (A.- 3;11)

(41) Vamos **aprender** ele andar (A.- 3;7)

(42) (A. diz para o pai que acabara de chegar de viagem)

Sabe o que eu queria te **ver**? (= Sabe o que eu queria te mostrar?) (A.- 4;2)

(43) Eu vou **conhecer** prá todo mundo. Eu vou **conhecer** prá Alessandra.. (A.- 4;8)

(= Eu vou apresentar para Alessandra)

Pelo que foi observado dos dados, ao contrário do que sugere Figueira, os desvios do tipo 1 e 2 de Anamaria se iniciam na mesma época. De acordo com a autora, os desvios começam a diminuir quando as causativas perifrásticas se tornam mais produtivas.

Em termos de frequência, os verbos inacusativos são os que mais se causativizam. São eles: morrer, sair, sofrer, vir, ir, voltar, sumir, cair, nascer, sofrer e errar.

Os inergativos observados nos desvios são viajar, passear, ficar, tomar banho, engatinhar, subir e andar.

Os transitivos que participam das alternâncias são tirar, matar, derrubar, ver, olhar, saber, aceitar, aprender e conhecer. Com exceção dos três primeiros, os outros verbos se tornam bi-transitivos.

4.4.2 – Os dados do Igor

Os dados de Igor mostram que os desvios se iniciam por volta dos 3 anos e se estendem até 8;6 meses .

Os desvios de Igor também parecem ocorrer com todos os tipos de verbos na mesma época:

- (44) (A mãe estava deitada na cama e Igor diz para ela:)
Tira daí. **Tira** daí. (= Sai daí. Sai daí) (Igor - 3;0)
- (45) Na escolinha, a tia **sumiu** os brinquedos pra ninguém mexer (Igor - 3;1)
- (46) Mãe, **corre** ele. (Igor - 3;4)
- (47) O papai **morreu** o mosquito. (Igor - 3;9)
- (48) Quando você **nasceu** eu, o médico fez aquilo? (Igor - 4;11)
- (49) A vovó Necinha **aprendeu** algarismo romano pra mim. (= ensinar) (Igor - 5;4)

Os verbos inacusativos que aparecem nos desvios produzidos por Igor são sumir, morrer, cair e nascer. Os inergativos são tomar banho, correr, andar, dormir e pular.

O único transitivo registrado usado como incoativo foi “tirar”. O transitivo usado como bi-transitivo foi “aprender” .

4.4.3 – Os dados do Gabriel

Observamos os seguintes verbos usados nos desvios produzidos por Gabriel:

- (i) Verbos inacusativos como causativos: sumir, cair, morrer, desaparecer, nascer, aparecer, melhorar e demorar .
- (ii) Verbos inergativos: andar, rir, pular e escorregar.
- (iii) Verbos transitivos: tirar e ensinar.
- (50) **Tilou** essa sujeira boba. (= saiu) (Gabriel - 3;0)
- (51) Vou **sumir** o brinco (Gabriel - 3;2)
- (52) **Anda** o carrinho, mamãe. (Gabriel - 4;0)
- (53) Eu vou te **aprender** (Gabriel - 4;2)
- (54) Eu vou **morrer** ele. (Gabriel - 4;10)
- (55) Nenhum palhaço consegue **rir** toda a platéia. (Gabriel - 6;7)

Podemos fazer as seguintes observações acerca dos dados causativos na aquisição do PB:

(i) Todos os tipos de verbos – transitivos, inergativos e inacusativos – começam a ser empregados nos desvios causativos na mesma época. Não há, como sugerido por Figueira, uma diferença de emergência da suprageneralização de transitivos e intransitivos, nem mesmo nos dados de Anamaria. Tanto o uso de verbos intransitivos como causativos e de verbos transitivos como inacusativos é verificado, desde o início do processo de aquisição, de acordo com os dados por nós observados.

(i) Há uma tendência maior para suprageneralizar verbos inacusativos.

(ii) Os verbos transitivos que ocorrem nos desvios são em número bem menor do que os intransitivos e ocorrem com menor frequência.

(iv) As construções perifrásticas com “fazer” são observadas também na mesma época em que começam os desvios. Não são, conforme aponta Figueira, uma aquisição mais tardia. Mesmo antes dos 3 anos, já se nota o uso de “fazer” causativo:

(56) **Faz quebrar** o ovo, mamãe. (Gabriel - 2;9)

(v) Tanto com as formas lexicais quanto com as formas perifrásticas, a criança parece poder expressar causa indireta e causa direta. O exemplo acima, apesar de ser uma causativa perifrástica, foi utilizado para a expressão de causativa direta, manipulativa.

(vi) Os desvios são observados durante um longo período. Conforme aponta Pinker (1989), podem durar por mais de 6 anos.

(vii) Notamos que parece haver uma diferença entre indivíduos em termos do tipo de verbos que são usados em estruturas argumentais inapropriadas. Anamaria, por exemplo, produz um número maior de inergativos e transitivos em estruturas causativas do que Gabriel e Igor.

(viii) Os desvios são abandonados aos poucos cada qual em momentos distintos do processo de aquisição.

Na próxima seção, ilustramos mais desvios causativos através de dados de aquisição do Inglês com a finalidade de compará-los com os dados do PB.

4.5 – Comparação com dados de aquisição de causativas de outras línguas

Ao compararmos os dados de aquisição do PB com os de outras línguas, como o Inglês, verificamos que generalizações semelhantes às aquelas apresentadas acima podem ser postuladas.

Por exemplo, há certas diferenças entre os indivíduos em termos do tipo de verbos empregados nos desvios. Quando olhamos para os dados coletados por Bowerman (1974) de suas filhas - Eva e Christy - percebemos que a primeira parece produzir um maior número de verbos inergativos causativizados do que a segunda:

(56) Christy won't **cry** me. (E. - 1;11)

(57) I wanta **swim** that. (E. - 2;1)

(58) I'm **talking** my birdie (E. - 2;2)

Não se pode, porém, afirmar o padrão de preferência das crianças porque, como se trata de observação feita por meio de dados de produção espontânea, não há evidências suficientes para estabelecer a frequência dos dados.

Os verbos transitivos mais frequentes nos dados são *eat*, *drink*, *cut*:

(59) But, I can't **eat** her. (= feed) (C.- 3;3)

(60) Where's your hands? Did it **cut off**? (E.- 2;10)

(61) Can you push her mouth open to **drink** her. (C.- 3;7)

Os verbos inacusativos observados nos desvios causativos são *sit*, *hop*, *fall*, *come*, *disappear*, *bloom*, *grow*, *glow*, *ache*, *go* e *die*.

Os verbos inergativos registrados são *dance*, *stay*, *sing*, *jump*, *cry*, *swim*, *talk*, *giggle*, *talk*.

Com exceção dos transitivos (*eat* e *drink*), dos quais não temos registros em PB, todos os verbos intransitivos que ocorrem nos desvios do Inglês também parecem possíveis no PB.

Apresentamos abaixo os desvios semelhantes que ocorrem na aquisição das duas línguas:

(62) **Jump** me down (D.- 2;2)

(63) Mãe, **pula** eu. (Gabriel - 4;11)

(64) Mãe, **pula** ele! (Igor - 9;3)

- (65) I'll **disappear** them (D.- 2;8)
- (66) Você foi **desaparecer** o mico. (Gabriel - 4;11)
- (67) I'm just gonna **fall** this on her (C.- 2;9)
- (68) Vai **cair** eu . Vai **cair** a gente. (Gabriel - 3;5)
- (69) Papai do céu mora no céu. Ele **cai** as estrelas na casa da gente ou não? (Igor - 4;0)
- (70) Bottle **feels** my feet **better**. (C.- 2;3)
- (71) Deixa eu **melhorar** você. (Gabriel - 6;2)
- (72) Eva's gonna **die** it. (C.- 5;0)
- (73) Eu vou **morrer** você, mamãe. (Gabriel - 3;11)
- (74) O papai **morreu** o mosquito. (Igor - 3;9)
- (75) Let's **stay** him in the car. (B.- 2;7)
- (76) **Fica** ele aqui. (A.- 3;2)
- (77) **Go** me to the bathroom ... (C - 3;10)
- (78) O bichão **foi** meu brinquedinho daqui. (A.- 3;5)
- (79) I want to **watch** you this book. (C.- 4;3) (= show)
- (80) **Olha** eu no espelho (A.- 3;2) (= mostrar)
- (81) **Come** me out (R.- 5;5)
- (82) A Luíza **veio** uma menina hoje aqui.(A.- 3;11)
- (83) A Nice nurse **took** me a ride. (C.- 3;5)
- (84) A Elza não quer me **tomar** banho. (A.- 4;6)
- (85) A tia Mara não vai me **tomar** banho. É você que vai me **tomar** banho. (Igor - 5;1)

- (86) Will you **learn** me how to read that book? (C.- 6;3) (= teach)
- (87) Isso, eu vou **aprender** ela, mãe. (A.- 3;8) (= ensinar)
- (88) A vovó Necinha **aprendeu** algarismo romano pra mim. (Igor - 5;4)

Observe no exemplos (86-88) que verbos como “aprender” também são causativizados em Inglês. Pelo acima exposto, podemos concluir que os desvios causativos nas duas línguas ocorrem com verbos correspondentes, em termos semânticos e de estrutura argumental.

No capítulo 5, discutiremos a questão dos desvios causativos no processo de aquisição do PB, tendo como base os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída.

CAPÍTULO 5

A SUPRAGENERALIZAÇÃO DE CAUSATIVAS, SOB O OLHAR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Neste capítulo, discutiremos a questão da suprageneralização das causativas em L1 com a finalidade de apresentar uma hipótese explicativa para o fenômeno.

Com base nos dados observados, mostraremos que uma teoria como a Morfologia Distribuída parece ser a mais adequada para explicar os desvios produzidos pelas crianças em fase de aquisição.

De acordo com essa teoria morfológica, o léxico não é indiviso, como na visão tradicional, mas está distribuído em três diferentes listas, acessadas em diferentes momentos da derivação. Cada lista é constituída por elementos de naturezas distintas.

Como hipótese geral, sugerimos que as crianças na fase dos desvios, apesar de ainda não dominarem as propriedades de licenciamento dos Itens de Vocabulário, têm conhecimento dos morfemas que compõem a Lista 1. Alguns desses morfemas como Causa e Aplicativo, se combinam a raízes na formação dos verbos e são responsáveis pelo licenciamento de argumentos. Os desvios constituem pois, evidência contra a hipótese lexicalista e a favor da idéia sobre a dissociação entre conhecimento das propriedades dos verbos individuais e estrutura argumental.

Iniciaremos este capítulo com a apresentação das hipóteses sobre a aquisição da linguagem defendidas pelos lexicalistas e pelos seguidores da Morfologia Distribuída (MD).

5.1 – A aquisição da linguagem na MD

Abordagens lexicalistas sobre o processo de aquisição da linguagem, como por exemplo, a aventada por Pinker (1989), postulam que, nos estágios iniciais da aquisição, as crianças marcam os itens lexicais com traços gramaticais, como [\pm Nome], [\pm Verbo]. Essas informações ficam armazenadas nas entradas lexicais e determinam a projeção sintática das palavras.

O mesmo tipo de idéia se estende para a questão da estrutura argumental dos verbos.

Conforme aponta Borer (2004), alguns lexicalistas como Pinker (1989), assumem para a aquisição da linguagem a hipótese *Semantic Bootstrapping* que vê a semântica como auxiliar na aquisição da sintaxe. Segundo tal proposta, como vimos no Capítulo 3, o conhecimento sintático da estrutura argumental é dependente da Semântica lexical de verbos particulares, que são aprendidos dos contextos situacionais.

É a estrutura léxico-semântica que determina a estrutura argumental dos predicados. Os argumentos são, então projetados na sintaxe a partir de regras de coindexação (*linking*) universais que os associa a projeções sintáticas específicas. Em suma, é o verbo lexical que determina o tipo de argumento e a sua projeção sintática.

Em uma teoria como a MD, em que as raízes lexicais são acategorias e têm as suas categorias gramaticais determinadas na sintaxe por meio de morfemas categorizadores como *vezinho*, *enezinho* e *azinho*, a criança se utiliza de evidências sintáticas para identificar os nomes, verbos e adjetivos de sua língua.

Um das questões centrais da MD está ligada ao fato de que as raízes podem ser subespecificados em termos categoriais e em termos de valência. Uma raiz lexical pode se tornar um nome se for concatenada com o morfema *enezinho*. Pode se tornar um verbo se for concatenada com o morfema *vezinho*. Esse é o caso da raiz $\sqrt{\text{cant}}$, em “canto” (nome) e “cantar” (verbo). Também as raízes podem subespecificadas para o contexto [\pm Causa], como é o caso dos verbos “quebrar” e “abrir”, e ocorrerem em construções transitivas ou intransitivas. Uma análise que adota a subespecificação de traços gramaticais só é possível em um modelo como a MD, que propõe um léxico distribuído em várias partes da gramática e a inserção tardia dos Itens de Vocabulário.

Seguidores da MD, têm como opção para a aquisição da linguagem a hipótese da *Syntactic Bootstrapping* (Pye e Loeb, 1998; Lidz e Gleitman, 2004). Segundo essa hipótese, a criança se baseia na informação sintática não só para adquirir a categoria sintática da palavras, mas também para adquirir o significado dos verbos. É a partir da sintaxe da estrutura argumental que a criança vai adquirir o significado do verbo associado com a estrutura.

Pode-se dizer que o arcabouço sintático indica tanto a interpretação dos argumentos quanto a do verbo ali licenciado. A posição sintática e a interpretação dos argumentos é, pois, dissociada das propriedades de um verbo particular.

De acordo com Borer, uma evidência a favor da hipótese *Syntactic Bootstrapping* seria o fato de a criança passar por estágios de aquisição em que ela

demonstra ter conhecimento da sintaxe, mas desconhece o significado dos verbos particulares. Isto é, desconhece as suas entradas lexicais.

É esta argumentação que Borer oferece como evidência da *Syntactic Bootstrapping*. Segundo a investigadora, as crianças do Hebraico como L1, demonstram ter conhecimento completo da sintaxe da estrutura argumental e da estrutura funcional da oração, já que empregam corretamente a ordem, os marcadores de caso e a flexão de tempo e de concordância. Contudo, elas desconhecem as propriedades do verbo empregado em contextos sintáticos incorretos.

No capítulo 3, mostramos que as crianças pequenas são *Frame Compliance* no sentido de atribuírem uma interpretação ao verbo, de acordo com a estrutura em que é inserido e não de acordo com seu significado. Em *Noah comes the elephant to the ark*, a interpretação dada pelas crianças para *come* é a mesma que para *bring*. Já em *The elephant brings to the ark*, *bring* é interpretado como *come*. Esta foi a conclusão do experimento realizado por Naigle et al (1993).

De acordo com a MD, a criança tem de adquirir, no caso dos verbos, além de sua forma fonológica, as suas condições de licenciamento que envolvem traços morfossintáticos.

Shi (2003) sugere que nos estágios iniciais de aquisição da L1, a gramática da criança se diferencia da gramática do adulto, não devido à ausência de conhecimento sintático, mas devido a um desenvolvimento incompleto do léxico. O que faz as crianças produzirem suprageneralizações ou inserirem os verbos em contextos sintáticos inapropriados é o fato de elas ainda não terem codificado os traços morfossintáticos específicos dos verbos particulares.

Nesse modelo teórico, uma das tarefas das crianças no processo de aquisição da linguagem é aprender então as condições de licenciamento dos Itens Vocabulares, para que estes possam ser inseridos corretamente na estrutura gramatical formada na sintaxe. Em outras palavras, cabe à criança perceber quais os traços dos Itens de Vocabulário são compatíveis com os traços morfossintáticos da estrutura sintática. A criança também deve aprender as operações morfológicas e fonológicas da Forma Fonológica. Conforme destacam Embick e Noyer (2005: 12):

(...) It must be stressed that the operations that apply at PF are minimal readjustments, motivated by language-particular requirements. Unlike the syntax, which is a generative system, PF is an interpretative component, and the rules that alter syntactic structures do not apply freely. Rather, each rule is triggered by a language-specific requirement that must be learned by speakers of that language.¹

Sabe-se que crianças em fase de aquisição usam uma mesma raiz ora como nome ora como verbo, mostrando que, apesar de terem conhecimento sintático para a geração de DPs e VPs, parecem tratar a raiz lexical como subespecificada em termos categoriais. Os dados abaixo ilustram tal observação:

- (1) I'm SOUP-ing (2;4) 'Eu estou sopando'
- (2) I BROOM-ed her (2;7) 'Eu vassorei ela' (Radford, 1990)
- (3) Esta bola quica muito. Depois, vamos brincar de QUIC-a (Gabriel - 5:0)
- (4) Mãe, cê tinha que UNHA-r (= fazer as unhas) antes de passar o esmalte (A.- 3;8)
- (5) Mãe, coloca mais água na bacia. É pra ficar mais LIMPOSO. (Gabriel - 4;7)
- (6) Eu estava ESQUISITANDO que não tinha canudo. (Gabriel - 6;10)
- (7) A minha escultura tá LINDOSA. (Gabriel - 4;11)
- (8) Mais uma vez eu vou dar um APANHA nele (A.- 3;6)
- (9) Cê tá DEZIPANDO! (= fazer correr o zíper) (A.- 4;0)

Todos esses dados mostram que a criança se utiliza de uma raiz lexical acategorial que pode funcionar em diferentes categorias, de acordo com os morfemas com os quais co-ocorrer.

Além disso, a criança também mostra uma variabilidade em relação às estruturas argumentais dos verbos, conforme indicam os dados focalizados neste estudo.

Para Barner e Bale (2002), esses desvios são provenientes da subespecificação dos itens lexicais permitida pela Morfologia Distribuída e mostram que a categoria e a estrutura argumental das palavras são determinadas na sintaxe.

Segundo os lexicalistas, essa variabilidade se deriva de diferentes entradas lexicais das palavras. Os autores citam, então, o caso da palavra *water* que em Inglês pode ter os seguintes usos:

¹ “Deve-se enfatizar que as operações que se aplicam na PF são reajustamentos motivados por exigências de uma língua particular. Diferente da sintaxe, que é um sistema gerativo, PF é um componente interpretativo e as regras que alteram as estruturas sintáticas não se aplicam livremente. Ao invés disso, cada regra é engatilhada pela exigência de uma língua específica que deve ser aprendida por seus falantes”.

- (10) a. water (mass noun)
 b. water (count noun 1)
 c. water (count noun 2- kind)
 d. water-y (adjective)
 e. water (verb)

De acordo com Barner e Bale, se esse conhecimento for relegado ao léxico, o fardo da aprendizagem se torna 5 vezes maior. Se, por outro lado, as variações de *water* são criadas na sintaxe, a tarefa da criança torna-se mais leve:

The alternative, of course, is to minimize learning by allowing alternations between mass, count noun, adjective, verb to be generated in syntax. By learning once which interpretation each syntactic context imposes on a lexical root (a task required anyhow by lexicalist approaches) and leaving roots unmarked for grammatical category, the child's task in acquisition is considerably lightened. (:783)²

Com base na MD, discutiremos os dados infantis relacionados à estrutura argumental dos predicados.

Antes disso, mostraremos na próxima seção que a criança na fase dos desvios já possui um conhecimento sintático semelhante ao falante adulto.

5.2 – Sobre o conhecimento sintático da criança

Desde bem cedo, as crianças demonstram ter conhecimento de todas as projeções funcionais que constituem a arquitetura oracional, como CP, TP e vP. Evidências para este fato foram constatadas por mim e pela orientadora desta tese em minha dissertação de mestrado (*A aquisição do sintagma complementizador por crianças falantes do Português* (2001)). Nesta pesquisa, realizamos um estudo longitudinal de três crianças Igor, Gabriel e Mariana na fase de aproximadamente 1 ano e 7 meses a três anos e 10 meses³.

² “A alternativa, naturalmente, é minimizar a aprendizagem ao permitir alternâncias entre nomes contáveis e incontáveis, adjetivos, verbos para serem gerados na sintaxe. Ao aprender de uma vez qual interpretação cada contexto sintático imposto em uma raiz lexical e deixando as raízes não especificadas para a categoria gramatical a tarefa da criança na aquisição se torna bem mais leve”.

³ O *corpus* foi obtido da seguinte forma: uma parte dos dados foi extraída do *corpus* coletado por Maria Cristina Pereira (1976). Esta pesquisadora foi colaboradora do projeto Aquisição da Linguagem coordenado pela professora Cláudia Lemos do IEL, Unicamp. Este *corpus* é constituído de quatro volumes e corresponde aos dados de uma criança (Mariana) entre 1;9 e 2;11 de idade com um total de 47 gravações. A outra parte dos dados foi coletada por meio de gravações espontâneas e anotações informais realizadas nos ambientes naturais das crianças envolvidas: Igor e Gabriel. Os dados de Gabriel começaram a ser coletados aos 2;2 e se estenderam até 3;10. Já a coleta de dados de Igor se iniciou aos 1;7 e foi até 3;3.

Essas crianças já realizavam os elementos funcionais relacionados às diferentes projeções funcionais. No caso de TP, tem-se evidência para a atuação dessa categoria nas gramáticas iniciais, através da produção de verbos auxiliares e de desinências verbais, como tempo/aspecto e concordância:

- (11) Eu **tô** achando a bolachinha vovó. (Mariana - 1;9)
 - (12) Eli **tá** ogando baba (Mariana - 1;9) (=Ele está fazendo barba)
 - (13) **Atei** (= Achei) (Gabriel - 2;3)
 - (14) Tá ali... **peguei** (Igor - 1;8) (= Tá ali, peguei)
 - (15) A vovó **vai** diligi (= dirigir) (Igor - 1;8)
 - (16) **Quelo** quezu. (Igor - 1;8) (= Quero queijo)
 - (17) **Vô** guadá u carru du Igor (Igor - 1;9) (= Vou guardar o carro do Igor)
- (Neves, 2001: 59-61)
- (18) Quanto tempo eu não **ouçava**⁴ esta música! (A - 3;2)

Também as crianças parecem saber distinguir entre as duas classes dos verbos intransitivos: os inergativos e os inacusativos. Os primeiros se manifestam na ordem SV, ao passo que os segundos ocorrem nas ordens SV e VS:

- (19) a – Caiu a Mônica. (Mariana – 1;11)
- b – A bolinha caiu. (Mariana – 1;11)

- (20) a – Tá tirando o durex (= saindo) (A. – 4;6)
- b – O durex tá tirando (= saindo) (A – 4;6)

Não foram encontrados nos dados observados, verbos inergativos com a ordem VS. Tal afirmação é confirmada por Palmiere (1997, apud Lopes, 1999) que mostra que as crianças seguem as mesmas restrições verificadas na gramática do adulto em termos da manifestação pós-verbal do sujeito.

Observa-se ainda a produção de construções passivas cuja manifestação depende da presença de TP e de suas propriedades paramétricas já estabelecidas⁵:

⁴ O exemplo (18) demonstra que, apesar de a criança utilizar uma forma verbal inadequada “ouçava”, ao invés de “ouvia”, tem-se evidência para a ocorrência de traços aspectuais/temporais e de concordância.

⁵ Os dados de (21-26) foram retirados do meu Projeto de Tese, apresentado ao Departamento de Linguística da UFRJ em 2002.

- (21) Ela foi convidada pelo carro e ela entrou no carro e ela dirigiu (Igor - 3;10)
- (22) O carro foi multado pela polícia (Igor - 3;10)
- (23) Foi engolido pelo peixe. (Igor - 3;10)
- (24) Foi desculpado. (Igor - 3;10)
- (25) Onde foi furada a roupa de você? (Gabriel - 3;2)
- (26) Ele foi derrubado pela girafa. (Gabriel - 4;5)

(Neves 2002:6)

- (27) Avisa a professora que foi roubada a minha carta. (A.- 4;6)
- (28) Eu também fui pintada assim... (A.- 4;7)

Todos esses dados envolvem a presença de TP cuja posição de especificador abriga os sujeitos, inclusive os da passiva e de verbos inacusativos.

Evidências para a manifestação de CP também são encontradas desde os estágios iniciais da aquisição conforme aponta Neves (2001). Construções envolvendo CP, como clivadas, relativas, topicalização com lacuna e subordinadas, são verificadas nos dados:

- (29) Essa daqui é a historinha do gatinhu que apareceu (Igor - 2;7) – (relativa de sujeito)
- (30) U carro, foi o vovô Jorge qui deu. (Igor - 2;8) – (clivada de sujeito com topicalização)
- (31) Eu disse tchi não (Gabriel - 2;10) (= Eu disse que não) (oração subordinada)
- (32) Um lanche bem dotoso vou tomê (Gabriel - 2;10) (topicalização)
- (33) A Juliana qui é a Mônica (Igor - 3;0) (clivada)
- (34) A escova do Piu-Piu, eu quero levar (Igor - 3;2) – (topicalização com lacuna)
- (35) Eu pensei tchi joga no lixo. (Gabriel - 3;0) (oração subordinada)
- (36) Mãe, tem qui compá um coqui pra botá no seu cabelu (Igor - 3;1) (oração subordinada)
- (37) Eu falei que eu quero bolinha (Igor - 3;2) (oração subordinada)
- (38) Eu vou colocar o papá que caiu (Igor - 3;2) (relativa de objeto)
- (39) Eli é tchi vai dizê “palhaço” (Gabriel - 3;3) (clivada com inversão)

(Neves: 85-87)

Conforme indica Neves (2001), até evidências para o CP cindido, assim como proposto por Rizzi (1997), são observadas nos estágios iniciais de aquisição, como demonstra o exemplo (30). Nos exemplos abaixo, tem-se topicalização seguida de

interrogativa ou de clivada de sujeito. A ocorrência de tais estruturas na mesma oração parece revelar que há em CP, as categorias de TopP e de FocP que abrigam respectivamente o tópico e os sintagmas interrogativos:

- (40) U carru, ondi tá? (Igor - 2;2)
- (41) U carru, foi o vovô Jorge qui deu. (Igor - 2;8)
- (42) O carru, eles qui que quebô (Igor - 2;11)

(Neves: 83-86)

Outra evidência para a atuação das projeções funcionais, nas gramáticas iniciais, vem do fato de que todos os parâmetros da língua já estão fixados desde cedo: sujeito nulo, objeto nulo e [\pm movimento de QU], conforme atesta Neves (2001):

- (43) Achu cabô, mãe. (Igor - 2;1) (sujeito nulo)
- (44) Quem quebô, mamãe? (Gabriel - 2;8) (objeto nulo)
- (45) Agora esse daqui qui vai dirigi (Igor - 2;11) (objeto nulo)
- (46) Ele tem qual carro? (Igor - 2;11) (- mov. de QU)
- (47) Tá falando o quê? (Gabriel - 2;10) (- mov. de QU)
- (48) Cadê boinha? (Gabriel - 2;5) (+ mov. de QU)
- (49) O que u carru tá fazendu aqui? (Igor - 2;4) (+ mov. de QU)

(Neves: 83-84, 86 e 90)

Também já são observadas nas fases iniciais, construções complexas, envolvendo subordinação:

- (50) Achu qui eu vô brincá cum u carru (Igor - 2;4)
- (51) Eu vô fazê uma loja bunita qui ninguém vai dismanchá (Mariana - 2;8)
- (52) Eu disse tchi não (Gabriel - 2;10) (= Eu disse que não)
- (53) É a tia Anastácia qui vê se (ela) tá quebrada. (Igor - 3;2)
- (54) Mamãe acha a vovó má. (Gabriel - 3;3)

(Neves: 81, 86, 87 e 72)

- (55) Eu queria que você me dizia uma coisa. (A - 4;10)

Acreditamos que não é preciso haver uma associação um a um entre elemento funcional e categoria funcional. Muitas vezes, a criança expressa a categoria funcional de modo abstrato. Este é o caso de (54), em que a criança não produz fonologicamente o complementizador “que”.

O sistema de determinante também já está adquirido nas fases em que se observa os desvios:

- (56) Cadê **a** nona? (Mariana - 1;10)
 (57) **Um** lanche bem gostoso vou tomê. (Gabriel - 2;10)
 (58) Guada **u** carru **da** tia Edna. (Igor - 2;0)
 (59) **A** bicicleta eu já botei (Igor - 3;0)

(Neves: 60,78,85)

Enfim, todas as propriedades relacionadas às projeções funcionais que compõem a arquitetura oracional já fazem parte da gramática das crianças na época dos desvios.

Agora resta saber sobre a projeção *vP* que está ligada ao licenciamento de argumento verbais, como o argumento externo. É essa projeção funcional que interessa ao nosso tema de investigação e que trataremos a seguir. Podemos adiantar que esta é uma categoria funcional que a criança também já domina na fase dos desvios com todas as suas parametrizações.

Antes de discutirmos, porém, o fenômeno da suprageneralização das construções causativas, apresentamos um breve resumo sobre a diferença entre causativas lexicais e causativas perifrásticas, diferença essa relevante para a nossa discussão do problema relacionado à aquisição das construções causativas por crianças.

5.3 – Causativa lexical vs causativa sintática

Vimos, no capítulo 2, que a estrutura eventiva na Morfologia Distribuída, está sujeita à decomposição na sintaxe e não em uma estrutura léxico-semântica, conforme postulam os seguidores da Hipótese Lexicalista, como Pinker (1989) e Levin e Rapport-Hovav (1995). Segundo esta hipótese, o significado lexical do verbo é decomposto em predicados eventivos na Estrutura Lexical Conceptual. Regras universais de conexão associam os papéis temáticos do verbo com posições sintáticas específicas.

De acordo com uma outra abordagem, denominada na literatura de construcionista (Borer (1997 e 2004); Kratzer (1996); Marantz (1997); Folli e Harley (2002) Harley (2006); Harley e Noyer (1999)), é a estrutura funcional/aspectual que determina não só as posições em que os argumentos verbais são inseridos, mas também a interpretação da construção.

A MD é uma teoria construcionista que explica o fenômeno da alternância verbal (par causativo/incoativo) do seguinte modo: as diferentes interpretações de uma única

entrada verbal se derivam dos diferentes contextos sintáticos/funcional em que o verbo é inserido.

Segundo Harley e Noyer (1999), a alternância se deriva da subespecificação dos traços de uma determinada raiz verbal em relação ao vizinho Causa. Em ambiente [+ Causa], a raiz verbal ocorrerá com um argumento externo – o agente – exigido pelo vizinho a interpretação da construção será de Transitivo-Causativo. Em ambiente sintático [- Causa] (=Become) o verbo ocorrerá sem argumento externo e a interpretação da construção será de Intransitivo-Incoativo.

Assim como todas as categorias eventivas, o morfema Causa está sujeito à decomposição na sintaxe.

Para investigadores como Harley (2006) o morfema Causa corresponde a um vizinho que licencia um argumento externo. Já para os seguidores de Pylkkänen (2002), o morfema Causa só empresta à construção o sentido causativo. O argumento externo é licenciado por Voice, um núcleo funcional projetado acima de Causa. Essa é a idéia original de Kratzer (1996).

Para nós, fica difícil optar por uma dessas duas hipóteses referentes à relação entre causa e argumento externo porque as evidências utilizadas na literatura para decidir entre uma delas, como a ordem morfológica de elementos funcionais como Aplicativo e causativo no verbo, não se aplicam para o PB.

Nas seções abaixo, mencionaremos a nossa posição sobre este assunto.

Discutiremos a seguir os tipos de estruturas causativas existentes em PB: a causativa lexical e a causativa perifrástica⁶. Com base em Harley (2006), indicaremos as diferenças principais entre esses dois tipos de construções.

5.3.1 – A representação dos dois tipos de causativas

Para diferenciar esses dois tipos de causativas, em PB aproveitamos a proposta de Harley (2006) sobre causativas lexicais e causativas sintáticas no Japonês, ambas se utilizando do morfema *default*: *-sase*.⁷

⁶ Esses dois tipos de causativas recebem diferentes nomes na literatura. A saber: (i) Causativa lexical (=causativa sintética); (ii) Causativa perifrástica (=causativa analítica, causativa produtiva, causativa sintática).

⁷ Embora o Japonês tenha um tipo diferente de causativa, a causativa morfológica, é possível adotar a proposta de Harley para o PB.

Harley distingue em Japonês, a causativa lexical da causativa produtiva (ou sintática). Segundo a autora, ambas são derivadas na sintaxe, mas em posições sintaticamente diferentes.

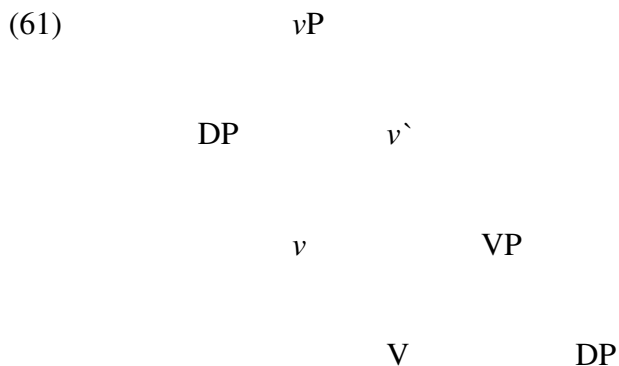
Em ambos os casos, trata-se do mesmo morfema – Causa – envolvido, que tem comportamento diferenciado, dependendo do tipo de complemento a que se associa.

A causativa lexical é derivada quando Causa seleciona uma raiz como complemento. Esta construção se comporta como uma única oração. Não é produtiva e pode receber uma leitura adversativa, assim como os verbos transitivos. Somente raízes intransitivas inacusativas podem se combinar com o morfema Causa, segundo Harley. O exemplo abaixo, ilustra uma causativa lexical do Japonês, que mostra ambigüidade entre uma leitura causativa agentiva e uma leitura adversativa:

(60) Taroo-ga yasai-o kusar-**ase**-ta
 Taroo-nom vegetal-acus. estragar-caus.-pass.

- a) ‘Taroo estragou o vegetal’
- b) O vegetal estragou e Taroo foi adversativamente afetado (leitura adversativa).

Abaixo é a representação da causativa lexical:



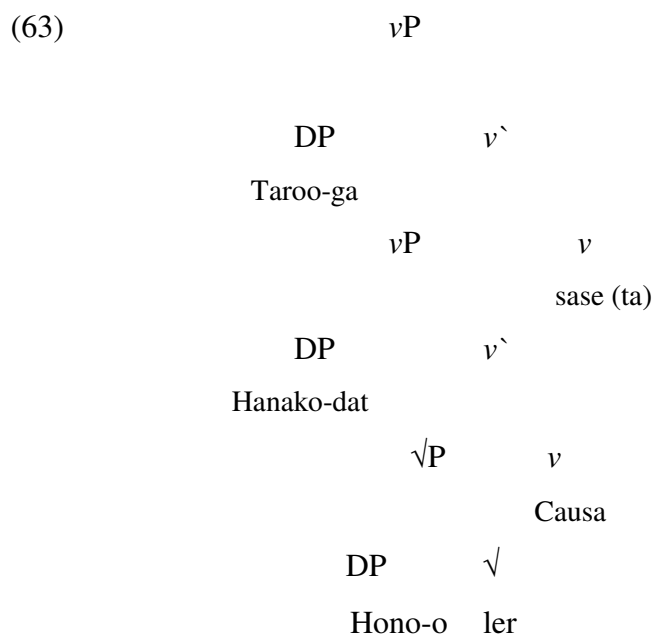
A causativa lexical codifica um único evento e pode ser empregada para a expressão de causa direta manipulativa: quando o agente causador provoca diretamente a mudança de estado ou de local no *causee*.

Testes sintáticos mostram que a causativa lexical se comporta como uma construção mono-oracional, tendo o *causee* como argumento interno no papel de Tema ou alvo (segundo Murasugi et al (2002)).

A causativa produtiva (ou sintática, de acordo com Murasugi et al) tem estatuto bi-oracional. Nela o morfema Causa toma *vP* como complemento e assim, não impõe restrições quanto ao tipo de verbo que causativiza, podendo este ser transitivo, bi-

transitivo, inergativo ou inacusativo. Sendo bi-oracional é bi-eventiva, conforme indicam as representações a seguir:

- (62) Taroo-ga Hanako-ni hano-o yom-sase-ta
 Taroo-nom. Hanako-dat. livro-acus. ler-caus.-pass.
 ‘Taroo fez Hanako ler o livro’



As causativas produtivas se comportam como bi-oracionais para efeitos de testes sintáticos. O *causee* tem estatuto de sujeito e precisa ter o traço [+animado]. Apresentam, porém, propriedades mono-oracionais em termos de marcação de caso e expressão temporal. Se referem a dois eventos: o causativo e o evento referente à estrutura que serve como seu complemento.

Enquanto a causativa lexical está imediatamente adjacente à raiz, a causativa produtiva não está. Esta ocorre adjacente a uma projeção categorial.

A causativa produtiva serve como expressão de causa indireta não-manipulativa.

Segundo Harley, em termos semânticos, a causativa produtiva expressa um evento em que o agente causador age de modo indireto para que o *causee* execute a ação ou sofra mudança de estado ou de posição.

De acordo com essa proposta de análise, a causativa lexical se equipara às construções transitivas simples que também manifestam um vezinho como núcleo (*Do* ou *Cause*, dependendo da análise). A causativa sintática corresponde à nossa causativa perifrástica com “fazer”.

Murasugi et al (2002) mostram que algumas vezes uma causativa com *-sase* é ambígua entre uma leitura lexical e uma leitura sintática, como mostra o exemplo a seguir:

- (64) Taroo-ga Hanako-ni miruku-o nom-sase-ta
 Taroo-nom. Hanako-dat. leite-acus. beber-caus.-pass.
 a) Taroo Hanako beber leite.
 b) Taroo alimentou Hanako (com) leite.

Tal constatação deixa de ser ambígua quando, Hanako é substituído pelo sintagma “a boneca”. Neste caso, o sintagma dativo só pode ser interpretado como “alvo” porque *-sase* sintático/produtivo requer um *causee* [+ animado].

- (65) Sono onnanoko-ga ningyoo-ni miruku-o
 aquela menina-nom boneca-dat leite-acus.
 nom-sase-ta
 beber-caus.- pass.
 ‘Aquele menina alimentou a boneca (com) leite’.

Existem ainda outros tipos de causativas reportadas na literatura.

Folli e Harley (2002) fazem uma distinção entre duas classes de causativas perifrásticas nas línguas românicas: *faire par* (FP) e *faire infinitiva* (FI).

Na causativa FP, o *causee* é opcional e quando se manifesta tem o estatuto de adjunto. As autoras sugerem que “fazer” nesse tipo de construção é um verbo lexical que toma como complemento um VP. Sendo assim, não pode se manifestar com *causees* na condição de argumento externo:

- (66) Gianni fare riparare la macchina da Mario.

Na causativa do tipo FI, o *causee* que aparece no caso dativo é obrigatório e tem natureza argumental. Folli e Harley assumem que “fazer”, nesses casos, é um vezinho que toma *vP* como complemento, cujo núcleo é *Do*. Este *v Do* que introduz o *causee* agente deve agir sob a sua vontade. Segundo as autoras, porém, “the only way of causing someone to act under their own volition is to oblige them to act in one way or another, the FI implies obligation. (:25)”⁸. Sendo assim, deve se referir a uma entidade

⁸ O único modo de fazer alguém agir sob sua vontade e obrigá-lo a agir de uma maneira ou de outra, o FI implica em obrigação.

que possa ser obrigada a realizar uma ação. Esta entidade deve ter o traço [+ animado]. No exemplo abaixo, o sujeito do verbo “falar” (inergativo) é capaz de realizar tal ação, mas não pode ser obrigado a fazê-lo porque é [- animado]. Sendo assim, a estrutura em (a) não pode ser encaixada como complemento da causativa FI, conforme ilustra a agramaticalidade da construção em (b):

(67) a – *La radio* ha parlato di SARS.

b -* Gianni ha fatto parlare *la radio* di SARS.

Vimos nesta seção que *Cause* quando toma uma raiz como complemento deriva uma causativa lexical. Tal tipo de causativa expressa um único evento e é mono-oracional. Em termos semânticos codifica causa direta.

O morfema *Cause* quando toma um *vP* como complemento deriva uma construção com propriedades bi-oracionais e codifica dois eventos: o evento causativo e o evento resultante. Esse tipo de causativa é usado para expressar semanticamente o que chamamos de causa indireta.

Isto é o que Harley (:5) afirma:

A productive V+ sase combination refers to an event in which an external Causer, x, acts to induce someone else, a *Causee*, to bring another event or situation about, as described by the V. The best translation equivalent of a Japanese productive causative in English involves embedding a clause headed by a bare infinitive verb under a causative matrix verb (usually “make” but sometimes “let” or “have”).⁹

Além das causativas perifrásticas simples, como as descritas por Harley (2006), há outros tipos, encontradas nas línguas românicas (mas não em PB) que impõem restrições semânticas no *causee*, como é o caso de FI.

As causativas com “fazer” em PB, do tipo perifrástica, não parecem impor exigências semânticas no *causee*:

(68) a – Eu fiz o rádio falar.

b – Eu fiz o passarinho cantar.

c – Eu fiz a boneca chorar.

São as causativas lexicais e perifrásticas produzidas pelas crianças nos estágios iniciais da aquisição que serão discutidas nas próximas seções deste capítulo.

Iniciaremos a nossa discussão com as causativas lexicais.

⁹ “A combinação V + sase produtivo se refere a um evento no qual um causador externo, x, age, para induzir alguém, o *Causee*, a realizar outro evento ou situação descritos pelo V. A melhor tradução equivalente à causativa produtiva do Japonês em Inglês envolve o encaixamento de um verbo no infinitivo sob o verbo causativo da oração principal (usualmente “fazer”, mas também “deixar” e “ter”).”

5.4 – Conhecimento dos morfemas da Lista 1

Em nossa investigação, precisamos saber o que leva a criança a produzir construções agramaticais envolvendo as estruturas argumentais do ponto de vista da gramática do adulto.

De acordo com a MD, a Lista 1 é constituída por morfemas abstratos (traços morfossintáticos), como: Tempo, Det., Complementizador, vezinhos de várias naturezas – *Causa*, *Become*, *Be* – Aplicativo, enezinho, pessoa, número, etc e por posições ocas para a inserção de raízes na Lista 2.

Alguns desses morfemas são licenciadores de argumentos, como *Causa* e *Aplicativo*. Como vimos nos capítulos anteriores, existem controvérsias quanto ao núcleo funcional que introduz o argumento externo.

Segundo a proposta de Harley e Noyer (2000), Harley (2006) e Folli e Harley (2002) o argumento externo é gerado como especificador do vezinho, em vP , sendo projetado separadamente do verbo em $\sqrt{P/LP}$.

Veziinho pode ser de vários tipos como *Cause*, *Do*, *Become* e *Be*. Somente *Cause* e *Do* licenciam argumentos externos e derivam verbos transitivos e inergativos.

A escolha de *Be* ou *Become* como núcleo de vezinho impede a ocorrência de um argumento externo em [Spec, vP] como se reflete nos verbos inacusativos.

Segundo Folli e Harley (2002), o argumento externo pode ser de dois tipos, dependendo do tipo de vezinho envolvido. Agente realmente intencional é licenciado por v *Do* que seleciona DP como complemento. v *Cause* seleciona um causador como argumento e toma como complemento uma *Small Clause*. Essa diferença entre os tipos de vezinho explica os dados a seguir:

- (69) a - * The sea ate the beach.
b – The sea ate the beach away.

A estrutura em (69a) tem um v *Do* que impõe restrições semânticas em seu argumento externo, não admitindo um DP com traços [- animado] em seu especificador. Já em (69b), o vezinho que projeta a estrutura é *Cause* que não impõe restrições de seleção em seu especificador, apenas que seja uma possível *Causa*.

Arad (2002) (cf. Okamoto, 2005) argumenta que vezinho expressa um conjunto de traços formais. A saber: verbalizador (= categorizador); semântico (agente, processo e causa) e transitivo (argumento externo). Para a autora, todos os vezinhos possuem a

propriedade verbalizadora e conteúdo semântico. O que pode diferir entre as línguas são as propriedades de transitividade do vizinho. O vizinho que forma as passivas e as estruturas reflexivas não tem a propriedade transitiva. A passiva manifesta, porém, a propriedade semântica agentiva.

Como vimos no capítulo (2), Pylkkänen (1999) e (2002) estabelece uma parametrização para os morfemas aplicativo e causativo.

Segundo a autora, o morfema aplicativo pode ser alto ou baixo. O aplicativo baixo denota uma relação de posse entre dois indivíduos e por isso, só é permitido com verbos transitivos. O aplicativo alto denota uma relação entre um indivíduo e um evento e pode se agregar a verbos inergativos.

O morfema causativo é parametrizado para o complemento que seleciona e para a posição sintática que ocupa.

Quando Causa ocupa a sua própria posição sintática, independente de Voz, a língua é do tipo *Non-Voice-Bundling*, como o Japonês e o Finlandês. Neste caso, uma construção causativa não precisa estar associada à presença de um agente.

Quando Causa ocupa a mesma posição sintática que o núcleo Voz, a presença de um agente é obrigatória. Essas línguas em que Causa se projeta junto com Voz são do tipo *Voice-Bundling*, como o Inglês. Sugerimos que o PB também seja desse tipo.

De acordo com Pylkkänen, o complemento de Causa pode ser um vP, um VP ou uma raiz. Segundo a autora, quando a língua é *Non-Voice-Bundling* e seleciona como complemento uma raiz, tanto verbos inacusativos quanto inergativos podem ser causativizados, conforme ocorre em Japonês:

- (70) Taroo-ga yasai-o kus-ase-ta
 Taroo-nom. vegetal-acus. apodrecer-Caus-pass.
 (Taroo apodreceu o vegetal/fez vegetal apodrecer)
- (71) John-ga kodomo-o nak-asi-ta
 John-nom. criança-acus. chorar-Caus-pass.
 (João fez a criança chorar)

Nestes exemplos, segundo Pylkkänen, tem-se causativas lexicais.

O Inglês é uma língua parametrizada como *Voice-Bundling* e Causa seleciona uma raiz como complemento. Sendo assim, somente verbos inacusativos podem ser causativizados lexicalmente. Não há lugar na representação para licenciar sujeitos inergativos.

Sugerimos que o morfema *Causa* em Português tenha a mesma parametrização que o Inglês em termos de posição sintática e de seleção de complemento. Por isso, somente verbos inacusativos podem ser causativizados lexicalmente.

Passaremos agora a discutir os dados infantis.

5.4.1 – A projeção de estruturas argumentais

Em estudos de aquisição de L1 (Borer (1999) e (2004)) observa-se que a criança já parece conhecer a configuração sintática dos vários tipos de verbos presentes na sua língua.

As crianças já são capazes de projetar qualquer tipo de estrutura argumental: transitiva (*Cause, Do*), bitransitiva (*Cause, Do, Be*), inergativa (*Do*) e inacusativa (*Become, Be*), apesar de desconhecerem as propriedades dos Itens de Vocabulário que podem ser licenciados naquelas configurações.

Tal constatação indica que os morfemas funcionais que compõem a Lista 1, principalmente aqueles que licenciam argumentos, bem como as suas possibilidades de parametrização (à la Pylkkänen) já estão disponíveis nas gramáticas iniciais.

Os dados abaixo, referentes às estruturas argumentais possíveis no Português Brasileiro contêm não só formas gramaticais do ponto de vista da gramática do adulto, mas também formas desviantes. Mesmo as formas desviantes estão inseridas em estruturas bem formadas. Mostraremos a seguir todas as estruturas argumentais produzidas pelas crianças sob investigação.

(i) Estrutura inacusativa: (*v = Become*)

- (72) **Caiu** o carro. (Igor - 2;0)
- (73) **Sumiu** o carro (Igor - 2;0)
- (74) A aranha **sumiu**. (Igor - 2.4)
- (75) Eu vou **cair** no chão e machucar. (Gabriel - 2;11)
- (76) Agora mesmo ele vai **cair** e vai machucar. (A.- 3;2)
- (77) [Ao chegar da escola, A encontra flores no vaso; estranha e pergunta:]
- Onde **nasceu** essa flor? (A.- 4;9)
- (78) [A mostra material escolar à mãe]
- Esse daí não pode **sumir** nunca, viu? Não pode **sumir** meu trabalho. (A.- 4;10)

Nota-se que essas estruturas se caracterizam pela ocorrência da ordem VS, tão comum na gramática do adulto com os verbos do tipo inacusativo. Tal fato indica que as crianças parecem ter a representação correta dos verbos inacusativos.

(ii) Estrutura inergativa: (*v* = *Do*)

- (79) Essa não **canta**. (Igor - 2;1)
- (80) Ele tá **andando** no bibi (Igor - 3;1)
- (81) Eu **durmo** de colcha mesmo. (A.- 3;2)
- (82) Eu **pulei** na cama elástica (Igor - 4;2)

Os verbos inergativos não representam a ordem VS, assim como os inacusativos. O que reflete o *input* do PB.

(iii) Estruturas transitivas: (*v* = *Do* ou *Cause*)

Nem todos os verbos transitivos são causativos. Sendo assim, distingui-se na literatura (Folli e Harley (2002)) entre *v Do* e *v Cause*. O primeiro tem a ver com os verbos transitivos que não têm um componente Causa, como “comer”, “beber” e “lavar”. O segundo tipo de vezinho introduz a noção de Causa, como “quebrar”, “derrubar”, “tirar” e “afundar”:

- (83) A vovó vai **diligi** o cau. (Igor - 1;8)
- (84) Vai **atropelar** o porquinho... o vovô Jorge. (Igor - 3;0)
- (85) Vou **apagar** o desenho. (A.- 4;5)
- (86) O papai **qué** gelo. (Gabriel - 2;8)
- (87) Você **trouxe** massinha amanhã (= ontem)? (Gabriel - 3;2)
- (88) Eu vou **lavar** tudo. (A - 3;8)

Todos esses dados mostram que as crianças empregam os verbos corretamente em estruturas *v Do* e *v Causa*.

Também já adquiriram regras que fazem referência à representação dos argumentos. No capítulo 1, vimos, segundo Eliseu (1984), que só verbos com argumento interno transitivos e inacusativos podem ser usados na forma de participio

em função atributiva ou predicativa. As crianças nas fases do desvio mostram que já dominam essa regra:

(89) Tá **arrumado** o quarto de eu. (Gabriel - 3;3)

As crianças usam causativas lexicais de maneira adequada, como indicam os exemplos a seguir:

(90) Qué abi (= abrir) pesenti (= presente) (Gabriel - 2;8)

(91) Eu vou desautentar a televisão. (Gabriel - 4;11)

(92) Vou apagar o desenho. (A - 4;8)

(93) Quem quebô u carru? (Igor - 2;2)

Os verbos transitivos que aparecem nas formas desviantes são também usados nos contextos transitivos apropriados:

(94) Você tilou (= tirar) papato. (= sapato) (Gabriel - 2;11)

(95) A camisa tirou o lenço. (A - 4;7)

(iv) Estruturas transitivas: (*v = Become*)¹⁰

Seguindo a sugestão de Harley e Noyer (1999), assumimos que verbos desse tipo não são introduzidos por *v Do* nem *v Cause*, mas por *v Become*. Assim, explica-se que seu sujeito não tem interpretação agentiva e nem de causa.

(96) Eu já **aprendi** o numerum dois. (A.- 4;9)

(97) Agora eu já **conheço** a Soninha. (A.- 4;8)

(98) Quando você era criança, você **aprendi** a escrever assim? Aprendeu? (Gabriel - 3;4)

(v) Estruturas bi-transitivas: (*v = Cause/Do*)

As construções bi-transitivas são verificadas desde muito cedo.

Em línguas como o Inglês, as construções bi-transitivas que envolvem *dative-shift* têm o segundo objeto introduzido por um morfema aplicativo abstrato. Este não é o caso do PB, e assim, não postulamos um morfema aplicativo para o licenciamento do segundo objeto. Este é sempre introduzido por uma preposição:

- (99) **Guardei** na garagem o carro. (Igor - 2;1)
- (100) Bamo **dá** pizenti papai. (Vamos dar o presente ao papai) (Gabriel - 2;7)
- (101) Foi a bola que o Gabriel Pereira me **deu**. (Gabriel - 4;5)
- (102) Mãe, tem qui **compá** um coqui pra botá no seu cabelo (Igor - 3;1)
- (103) U carru, foi o vovô Jorge qui **deu** (Igor - 2;8)

Nota-se a complexibilidade estrutural das estruturas acima. Em (103) tem-se uma topicalização do objeto seguido de uma clivada de sujeito. Em (101), verifica-se uma clivada de objeto e a ocorrência do clítico pronominal.

Conforme os dados acima mostram, as crianças parecem conhecer os morfemas responsáveis pelo licenciamento de argumentos e a projeção de qualquer tipo de estrutura argumental da língua.

Apesar de produzirem todas as estruturas argumentais possíveis da língua, uma questão que devemos abordar está relacionada à parametrização do morfema causativo, conforme sugerido por Pylkkänen¹¹. Será que os desvios são derivados pela não-fixação dos parâmetros do morfema *Cause* em relação ao seu complemento e à sua posição sintática?

Em relação à posição sintática do morfema Causa, parece que a criança já assume desde o início que o Português é *Voice-Bundling*, porque Causa está sempre associada à presença de um agente. Tal fato parece constituir evidência para a fixação correta, por parte da criança, do parâmetro do morfema causativo para o PB.

Quanto ao complemento de Causa assumimos também que a criança já fixou o parâmetro como na gramática do adulto. *Voice-Bundling* só admite que *Cause* tome a raiz como complemento.

Seria implausível achar que as crianças nas fases dos desvios, que são observados até os 8;6 meses de idade, ainda não tenham fixado os parâmetros relacionados ao morfema Causa de modo correto. Se todos os parâmetros envolvidos com as categorias funcionais do PB já foram fixados bem antes do início dos desvios com as formas causativas, por que somente Causa ficaria sem ter os valores de seus parâmetros adequados?

¹⁰ Segundo Harley e Noyer (1999), *Become* seleciona dois argumentos internos e não seleciona Causa.

¹¹ Não adotamos aqui a proposta de Pylkkänen para o morfema causativo. Mesmo assim, achamos que devemos mencionar os parâmetros estabelecidos pela autora para classificar o PB e os dados de aquisição dentro deles.

Então, assumimos aqui que a causa dos desvios não esteja relacionada aos morfemas da Lista 1.

Na próxima seção, apresentamos, com fins ilustrativos a questão do conhecimento da Lista 1 por crianças aprendizes de outras línguas.

5.4.2 – Evidências de outras línguas

Em estudos anteriores sobre a aquisição de causativas (Borer (1999), (2004) e Murasugi (2002)), sugere-se também que as crianças projetam a estrutura argumental, apesar de desconhecerem a entrada de vocabulário de certos verbos.

Borer afirma que os erros causativos com as formas *binyan* em Hebraico mostram que as crianças possuem conhecimento da projeção sintática dos argumentos, apesar de não dominarem as propriedades gramaticais de verbos específicos.

Ao reportar o que chama de estágio morfofonológico, a autora mostra que apesar de as crianças usarem a forma *binyan* errada, produziram a estruturação sintática correta. Usam a forma verbal intransitiva em arcabouço sintático transitivo e a forma verbal transitiva em arcabouço bitransitivo.

(104) ra`iti I` et há-ciyurim le - `aba
vi – 1ª sg. Mo os- quadros para – papai
(Eu vi os quadros para o papai) (= mostrei)

Também são encontrados erros na direção oposta. Transitivos empregados como intransitivos.

(105) Ken hu moci.V lebad (2;3)
Sim ele tirou só
(Sim ele tirou sozinho)

De acordo com Borer, a criança aprendiz do Hebraico nas fases dos desvios já é capaz de armazenar as raízes com seus significados e encaixá-las nas grades morfofonológicas corretas. Também já é capaz de projetar estruturas sintáticas as quais as formas morfossintáticas se agregam.

A criança ainda não sabe as restrições morfossintáticas associadas com as formas verbais. Não possuem conhecimento do condicionamento sintático da forma *binyan*.

Borer considera o uso de uma forma morfofonológica em mais de um contexto, como neutralização de valência e afirma que as crianças já possuem, nessa fase, todos os meios para a projeção da estrutura argumental de todos os predicados:

These data already suggest that children are capable of projecting argument structure correctly, although their knowledge of the specific vocabulary item which that structure is paired with is flawed. If, indeed, the syntactic projection of arguments is independent of information associated with specific vocabulary items, the behaviour illustrated above can be readily explained (...) some syntactic knowledge must precede full lexicalization. (:299-300)¹²

Traduzindo a afirmação de Borer em termos da MD, podemos dizer que a criança na fase dos erros causativos já adquiriu os morfemas introdutores de argumentos (vezinhos dos diferentes tipos, aplicativos) e todas as suas propriedades, podendo gerar qualquer tipo de estrutura argumental presente na língua.

Em Japonês, Murasugi mostra que a criança por ele investigada já possui, nas fases dos desvios, todas as estruturas funcionais necessárias para as projeções argumentais. Quando já domina as construções bitransitivas a criança começa a trocar formas verbais transitivas por formas verbais bi-transitivas, conforme indicam os dados a seguir:

(106) Koe ziityan-ni miyu (2;9)

Isto vovô – para ver

(Eu) verei isto para o vovô. (= mostrar)

A forma “mostrar” é também verificada.

(107) Baatyan-ni koe mityeyu (2;9)

Vovó – para isto mostrar

(Eu mostrarei isto para a vovó).

Os dois investigadores tentam mostrar que o arcabouço sintático que subjaz a todos os tipos de estruturas argumentais já existe na gramática da criança, apesar do uso inapropriado dos verbos.

¹² “Este fato sugere que as crianças são capazes de projetarem a estrutura argumental corretamente, embora seu conhecimento específico dos Itens de Vocabulário na qual a estrutura é analisada é errado. Se, a projeção sintática dos argumentos é realmente independente da informação associada com o Item Vocabular específico, o comportamento ilustrado acima pode ser explicado (...) alguns conhecimentos sintáticos devem preceder a completa lexicalização”.

Traduzindo tais observações em termos da Morfologia Distribuída, podemos dizer que as crianças de qualquer língua já dominam a Lista 1.

Vimos acima que as crianças em estágios iniciais do PB também já dominam todas as projeções das estruturas argumentais, como um indício de seu domínio dos morfemas da Lista 1 (bem como as suas parametrizações). Segundo a Morfologia Distribuída, são esses morfemas que se projetam na sintaxe, criando as configurações das estruturas argumentais.

No capítulo 4, mostramos que, assim como as crianças adquirindo outras línguas, as crianças aprendizes do PB produzem construções com desvios em termos de estruturas argumentais. Os desvios com maior frequência são aqueles relacionados à suprageneralização de causativas. Isto é, o uso de verbos intransitivos em contextos transitivos causativos e o uso de (poucos) verbos transitivos em contextos bi-transitivos.

Na próxima seção, comentaremos este fato.

5.5 – As construções desviantes em PB

Os desvios relacionados à estrutura argumental dos predicados envolvem construções inacusativas, transitivas e bi-transitivas.

(i) Estruturas inacusativas ($v = \text{Become}$)

Observamos que em PB, alguns poucos verbos de natureza transitiva podem ocorrer em contextos sintático inacusativo, como revelam os dados a seguir:

- (108) (A mãe estava deitada na cama e Igor diz para ela:)
Tira daí. **Tira** daí. (= Sai daí. Sai daí) (Igor - 3;0)
- (109) Mamãe... o lençol **tirou** todo da cama (= Saiu) (Igor - 3;4)
- (110) **Tilou** essa sujeira boba (= Saiu) (Gabriel - 3;0)
- (111) **Tirou** toda a massa com a água (= saiu) (Gabriel - 4;6)
- (112) **Tirou** (= Saiu) tudo. **Tirou** (= Saiu) toda a massa caiu a água. **Tirou** toda a espuma (= Saiu) (Gabriel - 4;6)
- (113) Mãe, pára de falar, senão as sua cordas vocal **corta**. (Gabriel - 4;10)
- (114) **Matou** (= morreu) em pé. (A.- 2;10)
- (115) O band-aid tava **tirando** (= saindo) (A.- 4;3)

- (116) Lá na festa, **derrubou** isso aí. (= caiu) (A.- 3;7)
 (117) Mãe, eu quero comer a balinha... a balinha **escondeu**. (= sumiu) (Igor - 3;4)

Os verbos que ocorrem nesse contexto inacusativo são todos causativos. Nestes casos, o que é eliminado é o sujeito agentivo.

(ii) **Estruturas transitivas (v= Cause)**

Nestas construções, parece que qualquer verbo intransitivo pode ser causativizado, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (118) Papai do céu mora no céu. Ele **cai** as estrelas na casa da gente ou não? (Igor - 4;0)
 (119) O Max Stell vai **cair** os inimigos. (Igor - 5;4)
 (120) Vai **cair** eu. Vai **cair** a gente. (Gabriel - 3;5)
 (121) Vai **cair** eu (= Derrubar) (Gabriel - 3;11)
 (122) O mar vai **cair** a barraca. O mar vai **derrubar** (Gabriel - 4;10)
 (123) Mãe, não sei se este balanço vai te **cair**. (A.- 3;8)
 (124) Deixa eu **dormir** todos os cachorrinhos na minha cama? (Igor - 5;0)
 (125) (No sítio da bisavó Conceição, Igor chama a sua mãe para brincar)
 Mamãe, (apontando para a planta dormideira) eu vou **dormir** a dormideira. (Igor - 8;1)
 Depois que encostou na planta, Igor diz:
 Eu **dormi** a dormideira. Eu **fiz** a dormideira **dormir**.
 (126) Nenhum palhaço consegue **rir** toda a platéia (Gabriel - 6;7)
 (127) **Engatinhar** ela, eu não consigo. (A.- 4;4)
 (128) Na escolinha, a tia **sumiu** os brinquedos pra ninguém mexer (Igor - 3;1)
 (129) O vovô Virgílio **sumiu** o carro e a vovó Necinha achou. (Igor - 3;3)
 (130) Eu quero saber agora, quem **sumiu** os meus gibis? (Igor - 6;2)
 (131) Vou **sumir** o brinco nesta caixinha e fazer aparecer (Gabriel - 3;2)
 (132) Eu **sumi**. Faz **sumir**. Eu vou **sumir** outra caneta. Eu agora apareceu (= Fiz aparecer). Tava escondida aqui. Apareceu aí. Tava escondida essa caneta. (Gabriel - 3;3)
 (133) O Júnior **sumiu** o lápis (Gabriel - 5;4)

- (134) O meu pai é que tá **demorando** a gente (Gabriel - 6;2)
- (135) (Igor está assistindo um parto de cesariana na televisão e pergunta para a mãe:)
Mamãe... quando você **nasceu** eu, o médico fez aquilo? (Igor - 4;11)
- (136) O papai **morreu** o mosquito. (Igor - 3;9)
- (137) Eu vou **morrer** você, mamãe. (Gabriel - 4;11)
- (138) Você foi **desaparecer** o mico (Gabriel - 4;11)
- (139) Mãe, **anda** o boneco pra mim. (Igor - 3;7)
- (140) **Anda** o carrinho, mamãe. (Gabriel - 4;0)
- (141) Deixa eu **andar** você, mãe (Gabriel - 4;2)
- (142) Mãe, **pula** ele para mim (Igor - 7;8)
- (143) Mãe, **pula** eu. (Gabriel - 4;11)
- (144) **Pula** eu, mãe. (A.- 3;9)
- (145) A tia Mara não vai me **tomar** banho. É você que vai me **tomar** banho. (Igor - 5;1)
- (146) Mãe **corre** ele. (Igor - 3;4)

São os verbos intransitivos os que ocorrem com mais frequência e com uma maior variação nos tipos empregados.

(iii) Bi- transitivos (*v Causa*)

Os verbos que ocorrem em estruturas bi-transitivas são aqueles que não selecionam *v Causa* na gramática do adulto, mas *v Become*, ou *v Be*, segundo Harley e Noyer (1999). São eles: vir, ir, voltar, aprender (= learn), ver, saber, aceitar. Os dados abaixo ilustram esse tipo de desvio:

- (147) A Luísa **veio** uma menina hoje aqui. (A.- 3;11)
- (148) O bichão **foi** meu brinquedo daqui. (A.- 3;5)
- (149) Sabe o que eu queria te **ver**? (A- 4;2)
- (150) A vovó Necinha **aprendeu** algarismo romano para mim (Igor - 5;4)
- (151) **Aceita** uma coca-cola pra ela. (A.- 3;11)
- (152) Eu queria **saber** outra para você (= contar) (A.- 4;2)

O que os dados de (147) a (153) parecem indicar é que, embora na gramática do adulto os verbos aí empregados sejam especificados em suas entradas como [- causa] e

por consequência, [- argumento externo] na gramática das crianças, tais verbos são [± causa] e assim, podem ocorrer nas duas configurações:

- (153) Você não **aprendi** a escrever assim? (Gabriel - 3;4)
- (154) Eu vou te **aprender** (= ensinar) (Gabriel - 4;2)
- (155) Eu **aprendi** algarismos romanos. (Igor - 4;8)
- (156) A vovó Necinha **aprendeu** matemática pra mim. (Igor - 5;0)
- (157) Eu vou **aprender** ele (= ensinar) como que apaga a luz aqui. (A.- 3;3)
- (158) Eu também preciso **aprender** isso, né? (A.- 4;5)

Na próxima seção, apresentamos os dados referentes à produção de causativas perifrásticas com a finalidade de discutir as representações das estruturas argumentais presentes nas gramáticas iniciais.

5.6 - O estatuto do verbo “fazer” nas causativas perifrásticas

Iniciamos a nossa análise dos desvios, a partir das construções com “fazer”, pelos motivos que colocamos a seguir: (i) embora tais construções não tenham recebido muita atenção dos pesquisadores envolvidos com a aquisição de causativas, elas podem ser reveladoras acerca das representações das estruturas argumentais; e (ii) alguns investigadores argumentam que a suprageneralização das causativas se inicia na mesma época em que começam a surgir as primeiras causativas perifrásticas. Esse é o caso de Bowerman (1974). Segundo Pinker (1989: 297): “Bowerman... notes that her children began overextending the alternation at the same time they first used periphrastic causatives such as ‘make it open’, where causation is expressed explicitly.”¹³ Marcotte (2005) e Sarkar (1998) também correlacionam o surgimento das primeiras causativas perifrásticas com o início dos desvios causativos.

Para proceder com a análise dos dados com “fazer”, adotamos a proposta de Franchi (1989) para a interpretação das causativas produzidas por Anamaria e a proposta de Harley (2006) sobre os dois tipos de causativas: lexical e produtiva (= sintática).

¹³ “Bowerman observa que as suas crianças começaram a suprageneralizar a alternância causativa na mesma época em que elas usaram as suas primeiras causativas perifrásticas, como ‘fazer abri-lo’ onde a causação é expressa explicitamente”

5.6.1 - As causativas perifrásticas iniciais

As primeiras formas causativas perifrásticas que se percebe nos dados iniciais de aquisição são aquelas com o verbo “deixar”, usadas produtivamente:

(159) Sai daqui. **Deix**’eu mimi (= dormir). (Gabriel - 2;8)

(160) **Deixa** eu enxugar com ela. (A.- 2;11)

(161) **Deixa** eu viajar a menina. (A.- 3;9)

(162) **Deixa** eu andar você. (Gabriel - 4;2)

(163) Quem **deixou** ele morrer? (A.- 4;5)

(164) **Deixa** eu melhorar você. (Gabriel - 6;2)

O emprego do verbo “fazer” nas estruturas causativas também é verificado na mesma época do surgimento das causativas com “deixar”. Acontece que as causativas com “fazer” servem não só para expressar causa indireta, mas também causa direta. Em Português, causa direta é codificada pela forma lexical.

Figueira (1985) constata ainda que as primeiras causativas com “fazer” surgem por volta dos 3 anos nos enunciados de Anamaria. Segundo a autora, os primeiros usos da causativa perifrástica estão associados à expressão de causa indireta.¹⁴

A autora observa, porém, que Anamaria emprega o verbo “fazer” para a expressão de causa direta (:298):

“... embora seja “causa indireta” o uso inicial e mais freqüente de “fazer” + V, este não é o único que se pode registrar na fala de A. Por volta dos 4;8 e daí em diante, constata-se uma incidência pequena, porém clara, de algumas ocorrências de “fazer”+ V, em que a situação causativa é direta, manipulativa. Em alguns desses casos, a forma composta pode ser substituída por um item verbal simples”.

O uso de formas perifrásticas para a expressão de causa direta nos estágios iniciais de aquisição é constatado para outras línguas. Este é o caso do Inglês. Segundo relatam Pye e Loeb (1998):

...since lexical, morphological and periphrastic constructions are equally applicable to the expression of causation, we expect to find cases where the children overgeneralize morphological and periphrastic constructions to situations where the adult would use a lexical form to describe. ... our experimental manipulation elicited many cases of children using the

¹⁴ Como veremos mais adiante, segundo a nossa observação, as causativas com “fazer” podem expressar causa direta desde o início de seu aparecimento.

periphrastic causative to describe events of “direct causation”, e.g., “You made it roll”.¹⁵

Vimos no capítulo (4) que Franchi apresenta uma análise para as causativas perifrásticas de Anamaria, segundo a qual “fazer” + V formam um único predicado complexo. Tem-se aí uma só oração.

O fato de o *causee* ocupar posição pós-verbal, refletindo a ordem SVO, parece constituir evidência para a hipótese de Franchi de que as construções causativas iniciais representam uma única oração e por isso, podem expressar causa direta:

(165) A chuva [**fazeu cair**] a amora no chão.(= derrubou) (A.- 3;9)

(166) Eu vou [**fazer tirar**] [e] (= tirar) (A.- 3;11)

(167) O resfriado [**fez entupir**] o nariz. (= entupiu) (A.- 4;11)

Franchi sugere que a caracterização da diátese verbal nesse período de aquisição se estabelece entre o núcleo verbal e o argumento interno – o tema. O argumento externo não foi ainda incorporado à diátese verbal e assim pode aparecer ou não.

O emprego de “fazer” para a expressão de causa direta é um mecanismo usado pela criança para o licenciamento do agente causador, conforme ilustra o esquema abaixo:

(168) NP [fazer + tirar/sair] NP
 cair/derrubar
 morrer/matar

A criança nessa fase, ainda não sabe que “tirar”, por exemplo, é agentivo, mas “sair” não é.

Adotamos aqui a idéia de Franchi de que as construções causativas com “fazer”, nos estágios iniciais, constituem uma única oração. Sendo assim, podem ser empregadas para expressarem causa direta. Porém, apenas algumas dessas construções podem ser assim analisadas. Há dados claros de aquisição que revelam que as causativas perifrásticas iniciais com “fazer” também podem ter natureza bi-oracional.

¹⁵ “Já que construções lexicais, morfológicas e perifrásticas são igualmente aplicáveis na expressão de causa, esperamos encontrar casos em que as crianças suprageneralizam as construções morfológicas e perifrásticas para situações em que o adulto usaria uma forma lexical para descrevê-las... nosso experimento elicitou muitos casos de crianças usando causativa perifrástica para descrever casos de causa direta, ex. “Você o fez rolar”. (= “Você o rolou”).

A nossa análise se baseia em propostas que seguem as idéias defendidas pela Morfologia Distribuída, como veremos a seguir.

5.6.1.1. - “Fazer” como expressão do morfema Causa

Traduzindo a proposta de análise oferecida por Franchi em termos da Morfologia Distribuída, podemos sugerir que a manifestação de “fazer” em algumas construções é a expressão fonológica de vezinho Causa .

Notamos, em alguns casos, que “fazer” + V parecem estar incluídos em uma única oração. Sendo assim, tem-se uma construção mono-eventiva que assim, pode ser usada para indicar causa direta.

Nesse tipo de causativa perifrástica, “fazer” se agrega ao verbo, parecendo estar com ele em uma relação afixal. O resultado é uma oração única, formada por um predicado complexo. Sugerimos aqui, então, que o verbo leve “fazer” é a expressão do vezinho causa.

Vejamos os dados que se encaixam com esta análise:

(169) **Faz quebrar** o ovo, mamãe. (= **quebra**) (Gabriel - 2;11)

No exemplo acima, a criança pede à mãe para “quebrar o ovo” com as mãos. Tem-se aí um único evento, o que dá uma leitura de causa direta. O verbo “quebrar” é usado por Gabriel de maneira convencional, do mesmo modo que na gramática do adulto, conforme mostram os dados a seguir:

(170) Mamãe que **quebrou** o copo . SVO (Gabriel - 2;7)

(171) **Quebrou** a casa da mamãe VS (Gabriel - 2;10)

Assumimos que a forma perifrástica em (169) de nada se diferencia em termos de representação e de interpretação do exemplo (170).

Vejamos outros exemplos que podem ser analisados de modo semelhante:

(172) Eu **sumi** (a caneta). Faz **sumir** (uma caneta).(= some). Eu vou **sumir** outra caneta. (Gabriel - 3;3)

Em (172), a criança parece alternar entre a forma lexical e a perifrástica para a expressão de causatividade com um verbo inacusativo não alternante. Só que nos dois casos a interpretação parece a mesma. A construção com “fazer” é empregada quando a criança pede à mãe para entrar na brincadeira de “sumir” a caneta. Dados semelhantes são também observados nos exemplos abaixo:

(173) (continuação do enunciado (152)) Eu agora **apareceu** (= apareci). Tava escondida aqui. Apareceu aí.(Gabriel - 3;3)

(174) Vou **sumir** o brinco nesta caixinha e **fazer aparecer** (=aparecer) (Gabriel - 3,2)

(175) Você foi **desaparecer** o mico. (Gabriel - 4;1)

Em (174) “fazer aparecer” tem a mesma interpretação que “eu agora apareceu (a caneta)” ou “você desapareceu o mico” nos exemplos acima. Com esses verbos inacusativos, a criança investigada, faz uso da alternância transitiva /intransitiva. Então “fazer” em (174) parece constituir também um caso de manifestação fonológica do *v* Causa.

Outro exemplo encontrado nos enunciados de Gabriel em que o uso de “fazer” parece ser supérfluo é (176). “Errar” é usado como um verbo transitivo, mas mesmo assim, co-ocorre com “fazer”. Qual seria a função de “fazer” aí? Sugerimos que se trata da expressão de *vezinho* Causa.

(176) Eu **fiz errar** (a letra) (= Eu errei a letra) (Gabriel - 6;2)

Das três crianças aqui investigadas, Anamaria é a que possui um registro com um maior número de dados com o verbo “fazer”. Destacamos, dentre eles, os exemplos que mais claramente traduzem a hipótese aqui aventada.

(177) (Mãe e filha estão num colchão; de repente A cai)

A – Doeu. Eu pisei aqui. Dei um tombo.

M – Hein?

A – Dei um tombo.

M – Quem te derrubou?

A – Foi eu que **fiz derrubar**. (= derrubei) (A.- 4;9)

(178) De noite, ao escovar os dentes, A. molha a blusa do pijama; vai trocar, mas antes justifica para a mãe)

A – Molhou essa, né? Eu vou **fazer tirar** (a blusa) (= tirar) (A.- 4;9)

(179) (Brincando com o Aquaplay, A. constata que algumas argolinhas ficaram presas no conto esquerdo)

A- (para a mãe). Eu aperto aqui e **faço sair**. (= tiro) (A.- 3;11)

(180) Foi você que me **fez molhada** (= molhou) (A.- 3;0)

Segundo Figueira, em todos os contextos acima, “fazer” + V são usados para a expressão de causa direta manipulativa. “Fazer” tem a função de introduzir um agente, sendo todos os verbos aí empregados, sub-especificados para [\pm Causa], podendo ser usados como transitivo ou como intransitivo.

Os dados acima apresentados parecem indicar claramente que estamos diante de uma única oração, mono-eventiva e, que por isso, pode ser utilizada para expressar causa direta. Além da interpretação mono-eventiva, há indícios sintáticos de que se trata de uma só oração. “Fazer” vem contíguo ao verbo, estando o suposto *causee* (quando manifesto) em posição pós-verbal, reservada ao objeto sintático.

Existe um par de dados extraídos dos enunciados de Anamaria que mostra um verbo inergativo sendo usado como transitivo. Esse mesmo verbo aparece co-ocorrendo com “fazer”. A interpretação de (b) não é que a pessoa tenha feito “a criança ir passear”, mas sim que “a pessoa levou a criança para passear”. Neste caso, tem-se uma causativa direta expressa por uma forma perifrástica com causativo “supérfluo”. Trata-se de uma única oração transitiva:

(181) a. Eu quero que você me **passeia** um pouco por aí. (A.- 4;9)

b. Ele me **fez passear** (A.- 3;8)

5.6.1.2 - A expressão de causa indireta

A construção perifrástica com “fazer” também pode ser usada para indicar causa indireta desde o seu aparecimento. Neste caso, tem-se duas orações bi-eventivas.

“Fazer” toma como complemento um vP e assim pode ocorrer com todos os tipos de verbos .

Os dados de Anamaria ilustram essa ocorrência.

(182) (A mãe chama A. para colher goiaba; enquanto isto, a empregada termina de lavar a roupa, atividade que ela (A) estava acompanhando com prazer; na volta, ouve-se uma acusação contra a mãe)

A: (brava) Cê **fez** ela **acabar** tudo lavar roupa agora! (A.- 3;11)

(183) (Na companhia da mãe, A. aponta a torneira da pia e lhe conta algo sobre a empregada)

A: Um dia a Luísa me **fazeu beber** dessa daqui. (A.- 3;11)

(184) (A mãe passa pelo lugar em que A. está brincando; sem perceber, esbarra na boneca de A; censura a criança)

M: Ah! Anamaria! Sua boneca novinha, cê põe ela no chão sujo!

A: Foi você que **fez** ela **cair**, viu! (A.- 4;0)

(185) Eu **fiz** ele **andar** . (A.- 3;0)

(186) Ele **faz** eu **sentar** com o Adidas aqui e molhou (A.- 4;9)

(187) Mãe, por que cê **fez** eu **acordar**? (A.- 4;9)

(188) Cê **fez** ela **ir** no ombo errado. (A.- 4;10)

(189) O frio **faz** o cabelo da gente **ficar bonito** (A.- 4;9)

5.6.2 - Os dois tipos de Causa

Assumimos que “fazer” é a expressão fonológica do morfema Causa, assim como o é *-sase* do Japonês, nas causativas lexicais, segundo Harley (2006).

O comportamento diferenciado dos dois tipos de construções perifrásticas aqui apresentados parece depender do local estrutural em que “fazer “ é inserido:

(i) Construção perifrástica mono-oracional

Nestes casos, a forma mono-oracional parece ter um predicado complexo. Na verdade, sugerimos aqui que “fazer” está mais baixo estruturalmente e por isso, parece ser a manifestação fonológica de *v* Causa.

Podemos afirmar então, que tais construções perifrásticas se equivalem a causativas lexicais. É como se “fazer” fosse um afixo causativo.

As crianças em fase inicial de aquisição do PB possuem nas entradas de vocabulário, duas formas para expressar *v* Causa que seleciona uma raiz como complemento: \emptyset e “fazer”.

No contexto de inserção do morfema Causa, qualquer um dos dois expoentes pode ser escolhido - \emptyset ou “fazer”, já que eles não estão em competição em termos de traços. Assim, tem-se as duas manifestações exibidas abaixo:

(190) a - Eu \emptyset - errei (a letra)

b - Eu fiz-errar (a letra)

(191) a - \emptyset -Quebra o ovo

b - Faz-quebrar o ovo.

(192) a - Eu \emptyset - sumi (o lápis)

b - Eu fiz-sumir (o lápis)

(193) a - Eu \emptyset - tirei (a blusa)

b - Eu fiz-tirar (a blusa)

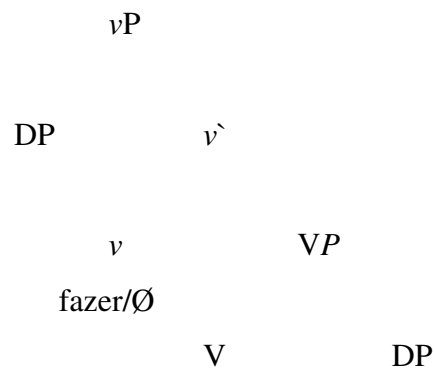
(194) a - Eu \emptyset - saio (a argolinha)

b - Eu faço sair (a argolinha)

A tarefa da criança é, então, perceber que o morfema Causa em ambiente de raiz não tem expressão fonológica no PB. Assim, deixará de produzir os desvios como “eu fiz errar (a letra)”.

A representação da causativa lexical é (195):

(195) Causativa lexical



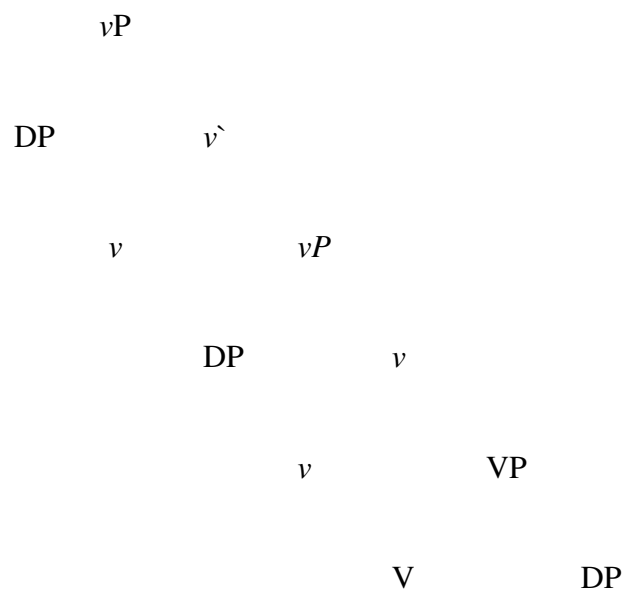
A manifestação de “fazer” nos dados infantis para a expressão de *v* Causa constitui evidência para a hipótese levantada pelos seguidores da Morfologia Distribuída de que a decomposição do significado é feita na sintaxe. Causa representa sintaticamente um núcleo funcional independente do verbo lexical e é responsável pelo licenciamento do argumento externo.

O vezinho “fazer” está intimamente associado à liberação de um argumento externo: Causa ou agente.

(ii) A construção perifrástica bi-oracional

A construção perifrástica bi-oracional tem “fazer” como *v* Cause que toma *vP* como complemento. (196) é a representação desse tipo de construção:

(196)



Como há dois vPs, a construção é interpretada como bi-eventiva, e portanto, bi-oracional. Sendo assim, pode ser empregada para a expressão de Causa indireta.

Nesse tipo de construção, além de se ter dois eventos - o da causa e o da mudança provocada pela causa - tem-se também uma estrutura sintática distinta daquela verificada nas causativas mono-oracionais. “Fazer” não precisa se manifestar contíguo ao verbo causado e o *causee* pode ocupar posição pré-verbal.

Passaremos agora para a discussão das causativas lexicais simples.

5.7 - As causativas lexicais

Pelos dados das três crianças até agora observados, percebemos que poucos verbos transitivos participam da alternância causativa.

Essa constatação é feita por um grande número de investigadores do assunto. Segundo Pye et al (1995), as crianças menores (até 4 anos) parecem ter preferência pela suprageneralização de verbos intransitivos. Já as crianças maiores, acima dos 5 anos, mostram preferência para a suprageneralização de verbos transitivos.

Pye e Loeb (1998) constatam, todavia, que a tendência maior em crianças de todas as idades é suprageneralizar os verbos intransitivos. Contudo, há diferenças individuais entre as crianças em termos da direção da alternância causativa. Segundo afirmam os autores, a estrutural argumental é independente do significado verbal e as crianças não assumem de antemão, que certos eventos devem ser expressos por verbos transitivos ou intransitivos. Esse tipo de informação, a criança vai adquirindo aos poucos por meio de evidência positiva. Então, essa é uma tarefa que deve ser aprendida do *input*.

Assim, por exemplo, um verbo como *laugh* (rir) é inergativo em Inglês e em Português. Porém, segundo Pye e Loeb, em K'iche', uma língua Mayan da Guatemala, um verbo como *laugh* é transitivo. Já um verbo como *die* (morrer), é inacusativo em Italiano, porém em Choctaw é inergativo (cf. Rosen, 1984).

Nos dados do Igor, dos verbos agentivos, verificou-se “tirar” e “esconder” em contexto intransitivo. Gabriel usa “tirar” e “cortar”. Nos dados de Anamaria, os verbos “tirar”, “matar” e “derrubar” são observados em contexto intransitivo. Para efeitos de ilustração, repetimos alguns dos exemplos com esse uso:

Tirar = sair

- (197) Mamãe, o lençol **tirou** todo da cama. (Igor - 3;4)
 (198) A florzinha **tirou**. (Gabriel - 4;5)
 (199) Tá **tirando** o meu esmalte. (A.- 4;5)

Matar = morrer

- (200) Já **matou** o queimado? (A.- 4;8)
 (A. pergunta para a mãe se a taturana que estava no jardim já tinha morrido.)

Derrubar = cair

- (201) Lá na festa, **derrubou** isso daí. (A.- 3;7)

Cortar

- (202) Mãe, pára de falar, senão as suas cordas vocal **corta**. (Gabriel - 4;10)

Esconder = sumir

- (203) Mãe, eu quero comer a balinha... a balinha **escondeu**. (Igor – 3;4)

Em PB, com verbos transitivos sem um sujeito agente, verificamos a ocorrência de construções causativizadas, conforme já mencionado no início deste capítulo. Os verbos que participam desta alternância são “aprender”, “aceitar”, “conhecer”, “saber” e “ver”. Nos dados de Igor e de Gabriel, só observamos a manifestação de “aprender”. Nos enunciados de Anamaria, verificamos o uso causativo com todos esses verbos. Todas essas construções tornam-se bi-transitivas:

Aprender = ensinar

- (204) A vovó Necinha **aprendeu** matemática para mim. (Igor - 5;0)
 (205) Eu vou te **aprender**. (Gabriel - 4;2)
 (206) Vamos **aprender** ele andar. (A.- 3;7)

Aceitar = oferecer

- (207) Eu vou **aceitar** tudo de novo para você. (A.- 4;1)

Saber = contar

(208) Eu queria **saber** outra para você. (A.- 4;2)

Ver = mostrar

(209) Sabe o que eu queria te **ver**? (A.- 4;2)

O que essas restrições de transitividade parecem revelar é que a criança evita causativizar verbos que selecionam *vezinhos* (*Cause e Do*) licenciadores de argumentos externos e só causativizam verbos transitivos que selecionam dois argumentos internos, como mostram as entradas lexicais, extraídas de Harley e Noyer (1999) para verbos como *know* e *learn*:

Verbo	Spec,vP	v	Spec,LP	V	CompV
(210) learn = aprender	∅	Become	DP	1	DP
(211) know = saber	∅	Be	DP	1	DP

Além desses verbos, também foi observado nesses tipos de causativas bitransitivas, o emprego de verbos de movimento (inacusativos) que também podem selecionar dois argumentos internos – o tema e alvo, fonte ou locativo:

(212) A Luisa **veio** uma menina hoje aqui. (A.- 3;11)

(213) O bichão **foi** meu brinquedinho daqui. (A.- 3;5)

O que se percebe dos dados acima é que a raiz verbal que seleciona dois argumentos internos pode ser causativizada se inserida em contexto de *v* Causa. Aí se deriva uma estrutura bi-transitiva. Note-se que os dois argumentos selecionados pela raiz se mantêm.

Esse fato parece indicar que as raízes lexicais podem selecionar os seus próprios argumentos, conforme sugere Deal (2007).

Pinker (1989) observa a restrição de causativização de verbos transitivos agentivos nos dados de aquisição do Inglês como L1:

(214) a - John ate the apple.

b - *I ate John the apple. (no sentido de “ I made John eat the apple”)

Para o autor, dados como os exemplificados abaixo não correspondem a estruturas causativas, mas sim a estruturas com dois objetos, do tipo *dative-shift*, permitida pela língua:

(215) You can **drink** me the milk. (J.- 3;8)

(You can “feed” me with milk . *You can make me drink the milk).

O que se nota em (215) é a presença do morfema aplicativo, liberando o segundo objeto e não a internalização do argumento externo de “drink”.

Em PB, verbos transitivos agentivos não podem ser causativos porque não há um morfema aplicativo, como em Inglês. Sendo assim, não se observa nos dados infantis estruturas como (215).

Nas três crianças observadas no presente estudo, percebe-se uma alta frequência de suprageneralização de verbos intransitivos inacusativos, do tipo que não alternam na língua-alvo:

(216) Eu vou **morrer** você, mamãe. (Gabriel - 3;11)

(217) O Papai do Céu mora no céu. Ele **cai** as estrelas na casa da gente, ou não? (Igor - 4;0)

(218) Quem **saiu** meu esmalte do dedo. Quem? (A.- 2;11)

Os verbos inergativos também aparecem como transitivos. Igor e Gabriel, porém, usam poucos desses verbos em estruturas causativas. Anamaria já suprageneraliza um número maior de verbos inergativos no contexto causativo:

(219) Agora, **engatinhar** ela, eu não consigo. (A.- 4;4)

(220) Mãe, **anda** o boneco para mim. (Igor - 3;7)

(221) Mãe, **pula** eu. (Gabriel - 4;11)

A maioria dos verbos inergativos observados se referem a movimento. Outros verbos desse tipo observados em PB são viajar, ficar, escorregar, dormir e rir.

Uma questão que se coloca em relação aos verbos inergativos tem a ver com a sua interpretação. Nos enunciados de Anamaria em que há esse tipo de verbo usado como transitivo, existe uma tradução ao lado, feita pela pesquisadora, em que sempre figura o verbo “fazer”. Essa não parece ser, porém, a interpretação dada pela criança. Em orações como (219)-(221), não há um *causee* agentivo, mas sim um tema ou alvo.

Tais construções não parecem tampouco ser a causativização de um verbo inergativo. Esses poucos verbos usados como causativos têm a mesma entrada lexical que um verbo intransitivo inacusativo.

Gabriel usa o verbo “escorregar” em contexto transitivo, como em :

(222) Isso quase me **escorregou**. (Gabriel - 4;6)

Só que dá mesma forma que a criança emprega verbos transitivos e inacusativos no participio em função atributiva ou predicativa, o que indica que tais verbos têm um argumento interno, ela também usa o verbo “escorregar” na mesma função:

(223) Tá **arrumado** o quarto de eu. (Gabriel - 3;0)

(224) Tava **escondida** essa caneta. (Gabriel - 3;3)

(225) Por que o seu pé não está **escorregado**? (Gabriel - 5;0)

A generalização que podemos fazer dos dados aqui apresentados é que nas suprageneralizações, a criança parece manter os argumentos internos das raízes verbais que ela já domina. Na intransitivização dos transitivos, o argumento tema se mantém como o sujeito. Neste caso, o argumento externo é retirado. Na causativização de transitivos, os argumentos internos se mantêm, enquanto um argumento externo é acrescentado, o que deriva uma causativa bi-transitiva. Na causativização dos intransitivos inacusativos, o tema se mantém e um argumento externo é adicionado. Já os poucos inergativos que participam da alternância parecem ter em suas entradas de vocabulário a mesma representação que os inacusativos. Sendo assim, pode-se dizer que a suprageneralização de causativos o elemento envolvido é *v* Causa que licencia um agente/causador. Quando a construção é intransitivizada, tem-se [-causa] e conseqüentemente nenhum argumento externo. Quando a construção é transitiva, tem-se [+causa] e a liberação de um argumento externo. Esta proposta se assemelha à de

Bowerman (1974)¹⁶ para os desvios causativos, segundo aponta Pinker. Para a autora, é a presença de Causa que abre um lugar para a inserção de um agente.

5.8 - O problema com a Lista 2

Para nós, o que leva a criança a fazer suprageneralizações é o seu desconhecimento das propriedades de seleção das raízes. Isto é, nesses estágios dos desvios relacionados com as construções causativas, a criança ainda não domina o tipo de vezinho selecionado pela raiz verbal. Com a emergência das estruturas causativas, parece que todos os tipos de raízes ficam sub-especificadas para [\pm Causa], conforma indica a representação de uma entrada de vocabulário a seguir. Sendo assim, derivam-se as suprageneralizações:

(226) morrer *[+/- Causa], [+v]

A tarefa da criança no processo de aquisição é pois, determinar os traços referentes a cada verbo.

A criança tem de aprender a entrada de vocabulário completa para cada verbo. E o conhecimento das propriedades gramaticais de cada verbo é adquirido um por um. Às vezes nem é completamente alcançado, como parecem indicar os dados a seguir:

(227) I dined my cousin in Milwaukee. (Pye et al, 1995)

(228) Eu vou almoçar o Andrezinho, depois eu volto. (Franchi, 1989).

Através dos dados aqui expostos, percebemos que as crianças possuem um conhecimento para a projeção de todas as estruturas argumentais possíveis em sua língua, desde o início do processo de aquisição. Na fase dos desvios, o seu conhecimento sintático é altamente sofisticado. Apenas o seu conhecimento lexical é deficiente.

Os dados dos desvios mostram claramente esse fato e fornecem evidência para a hipótese da Morfologia Distribuída de que as propriedades que antes eram atribuídas a um léxico indiviso estão distribuídas em vários componentes da gramática.

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de apresentar um diálogo entre Anamaria e sua irmã Juliana:

¹⁶ Nos dados coletados por Bowerman só foram observadas suprageneralizações com verbos intransitivos.

(229) (cai espontaneamente um objeto da estante da sala, onde estão J, A. e a mãe).

A - ai, caiu!

J - Não fui **eu que caiu**.

M - o quê, J.?

Situação - J. calada.

A - Ela falou que “não foi eu que caiu”. Não fui eu que **deixou cair**. (A.- 6;1) (J.- 2;6)

Percebe-se no diálogo que Anamaria, com 6;1, corrigi a fala da sua irmã Juliana de 2;6. O tipo de construção corrigida “Não fui eu **que caiu**” por “Não fui eu que **deixou cair**” envolve a suprageneralização de um verbo inacusativo por um verbo transitivo. Esse tipo de desvio foi bastante freqüente na dados de A. No entanto, aos 6;1, A. demonstra já dominar a entrada de vocabulário de “cair”, pois o desvio que sua irmã cometeu foi logo percebido e corrigido por ela.

6 – CONCLUSÃO

Neste trabalho, através da observação dos dados de três crianças, analisamos as suprageneralizações causativas, sob o olhar dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Marantz, (1997); Harley e Noyer (1999 e 2000); Embick e Noyer (2005); Lemle (2005); Harley (2006) e oferecemos um conjunto de dados detalhado e organizado, englobando não só os desvios causativos, mas também outras construções dominadas pelas crianças nas fases dos desvios, como interrogativas, passivas, subordinadas, e que são relevantes para a nossa investigação.

Verificamos que o fenômeno da alternância causativa recebe tratamentos diferenciados, dependendo da abordagem teórica adotada. Neste estudo, mencionamos a visão da alternância causativa sob o olhar de duas hipóteses distintas: a Hipótese Lexicalista e a Morfologia Distribuída.

Vimos então que, para os lexicalistas, a entrada lexical de um verbo determina a projeção da estrutura argumental. Para alguns pesquisadores, verbos como “quebrar” e “abrir” possuem duas entradas lexicais distintas: a transitiva e a intransitiva. Segundo outros investigadores, como Levin e Rappaport-Hovav (1995), no léxico há duas estruturas: a léxico-semântica em que o significado verbal é decomposto em primitivos semânticos e a estrutura argumental, derivada da primeira por meio de regras lexicais de coindexação. A alternância causativa engloba uma única representação léxico-semântica, mas duas estruturas argumentais distintas.

Verificamos que, segundo a Morfologia Distribuída, não há um léxico no sentido tradicional do termo. O léxico tradicional é distribuído em três listas distintas, acessadas em momentos diferentes da derivação. A Lista 1 fornece as unidades com as quais a sintaxe opera. É constituída de morfemas compostos por traços de natureza sintático-semântica, como passado, determinante, Causa, Aplicativo, etc. e de posições ocas para a inserção de raízes. Através de operações sintáticas, como concatenação e movimento, os elementos da Lista 1 se unem para formar unidades sintáticas tanto no nível da palavra quanto no nível do sintagma. Depois de formada, a estrutura é enviada para a Fonologia.

Na Fonologia, tem-se acesso à Lista 2 ou Peças de Vocabulário que vão ser inseridas no esqueleto sintático. As peças de vocabulário são de dois tipos: os

elementos funcionais e as raízes lexicais. Ambos os tipos são dotados de substância fônica (que pode ser zero) acoplada a condições de licenciamento envolvendo traços semelhantes aos dos elementos da Lista 1. Se houver compatibilidade entre os traços da estrutura e da peça de vocabulário, pode ocorrer a inserção. Assim, uma raiz com o traço [+ Causa] deve ser inserida em uma estrutura que contenha ν Causa, por exemplo.

Depois da Inserção de Vocabulário, a estrutura é enviada ao componente Enciclopédico, a Lista 3, onde é associada ao seu significado.

De acordo com Harley e Noyer (1999), a alternância causativa pode ser vista como uma questão de subspecificação dos traços da raiz lexical para o morfema Causa. Uma raiz lexical que ocorre na alternância é assim especificada: [+/- Causa].

Segundo a Morfologia Distribuída, os morfemas funcionais são licenciadores de argumentos. Existem controvérsias, contudo, em relação aos morfemas que licenciam argumentos e ao tipo de argumento que pode ser licenciado por esses morfemas.

Para alguns investigadores, como Marantz (1997) e Deal (2007), por exemplo, as raízes lexicais podem selecionar argumentos internos. Para outros, como Jelinek (1998), até os argumentos internos são introduzidos por morfemas funcionais, como pelo morfema aplicativo.

Todos concordam, porém, que o argumento externo é licenciado por um núcleo funcional. Segundo Harley e Noyer e Harley (2006), o morfema Causa licencia o argumento externo. Para seguidores de Kratzer (1996), como Pylkkanen (2002), o argumento externo é introduzido por *Voice*. Nesta proposta, Causa é apenas a manifestação de um evento.

Todos os adeptos da Morfologia Distribuída admitem que as diferentes estruturas argumentais são determinadas por diferentes configurações sintáticas e não pelos Itens de Vocabulário em si. Uma única entrada de vocabulário vai ter diferentes interpretações, dependendo da configuração em que for inserida e da posição em que os argumentos se manifestarem, como especificador ou como complemento.

O que se pode dizer sobre os desvios causativos é que as crianças mostram ter conhecimento da Lista 1, isto é, conhecimento dos morfemas que a compõem: todas as categorias funcionais, inclusive os vários tipos de vizinhos. Como não há um morfema aplicativo em PB, não são verificadas nas fases dos desvios, construções com alternância de dativo, conforme ocorre em Inglês, por exemplo.

Também, se há parametrização do morfema causativo, conforme sugere Pylkkanen, este já se encontra fixado, visto que o PB, assim como o Inglês, é uma língua do tipo *Voice-Bundling*. Assim, a causativa está sempre associada à presença de um argumento agentivo. Esta é a interpretação que se obtém dos dados infantis.

Com o conhecimento da Lista 1, a projeção de todos os tipos de estruturas argumentais já são observados desde o início: inergativas, inacusativas, transitivas e bi-transitivas.

As crianças fornecem evidências de que sabem que as raízes lexicais selecionam argumentos internos, uma vez que os mantêm nas suprageneralizações.

O que a criança parece ainda não dominar na fase das suprageneralizações são as condições de licenciamento de algumas raízes lexicais, condições essas referentes ao morfema Causa. Essas raízes parecem ser sub-especificadas para [\pm Causa] e assim, podem ocorrer em estruturas transitivas (ou bi-transitivas) e estruturas intransitivas.

Evidência para tal afirmação vem, por exemplo, de observações feitas sobre a aquisição de L2 por aprendizes adultos. Segundo alguns pesquisadores, como Okamoto (2005), esses aprendizes aceitam certas alternâncias, como *The magician disappeared the rabbit* mesmo quando estas não aceitam nem na L1 nem nos dados da língua-alvo.

Outras evidências para a subespecificação de raízes em termos de traços, vem de desvios relacionados à categorização. Nesses estágios, a criança pode usar uma mesma raiz em várias categorias, conforme ilustra o exemplo a seguir: Eu estava **esquisitando** que não tinha canudo. (Gabriel - 6;10)

As causativas perifrásticas também podem revelar a representação da estrutura argumental subjacente às sentenças produzidas pelas crianças.

Para proceder com a análise das causativas perifrásticas, adotamos a proposta de Franchi (1989) para a interpretação das causativas produzidas por Anamaria, bem como a de Harley (2006) para a diferença entre causativa lexical e causativa produtiva em Japonês.

As primeiras formas de causativa perifrástica são percebidas na época de surgimento dos desvios. As crianças fazem uso tanto de causativas com “deixar” quanto com causativas com “fazer”:

- (1) Sai daqui. **Deix** eu mimi. (Gabriel - 2;8)
- (2) **Deixa** eu pegar. (Igor - 2;9)
- (3) Ele me **fez** passear. (A. - 3;8)

O fato interessante, como bem observa Franchi, é que as causativas com “fazer” podem expressar causa direta e causa indireta. O uso da causativa perifrástica para a expressão de causa direta é verificado também em dados de aquisição do Inglês, conforme afirmam Pye e Loeb (1995).

Nos exemplos abaixo, tem-se construções com “fazer” para a expressão de causa direta:

- (4) **Faz** quebrar o ovo, mamãe (= Quebra) (Gabriel - 2;9)
- (5) Eu **fiz** errar (a letra) (= Eu errei) (Gabriel - 6;2)
- (6) Eu vou **fazer** tirar (= a blusa) (= Tirar) (A.- 4;9)

Franchi sugere, com base nos dados de Anamaria, que na expressão da causativa direta com “fazer” tem-se apenas uma oração. Segundo a autora, a caracterização da diátese verbal nesse período se estabelece entre o núcleo verbal e o argumento interno - o tema. O argumento externo ainda não foi incorporado à diátese verbal e assim, pode aparecer ou não. Ainda de acordo com Franchi, o emprego de “fazer”, nesses casos, é um mero recurso para a inserção do argumento externo.

Adotamos tal proposta de análise e sugerimos que “fazer”, na expressão de causa direta, é a manifestação fonológica do morfema Causa. Neste caso, Causa toma como complemento a raiz lexical e assim, tem-se um único evento.

Sendo assim, nessa fase, a criança possui nas entradas de vocabulário, duas formas para expressar v Caus: \emptyset e “fazer”. No contexto de inserção do morfema Causa, qualquer um dos dois expoentes pode ser escolhido, já que não competem em termos de traços.

A representação das causativas para as crianças é como (7):

- (7) Caus: \emptyset /fazer + tirar/sair/derrubar/cair/errar/quebrar

A tarefa da criança é perceber que Causa em ambiente de raiz não tem expressão fonológica em PB. Na expressão de causa indireta em que se tem dois eventos, “fazer” seleciona vP e assim, pode ocorrer com qualquer tipo de verbo.

De maneira geral, o nosso estudo alcançou as seguintes conclusões:

- (i) O argumento externo não faz parte da seleção da raiz verbal. É, na verdade introduzido por um morfema funcional, como Causa;
- (ii) As raízes selecionam argumentos internos;

- (iii) O morfema Causa é o mesmo tanto nas causativas lexicais quanto nas causativas sintáticas;
- (iv) Devido à manifestação de “fazer” como expressão de causativo lexical, podemos sugerir que a decomposição do significado parece ser feita na sintaxe, conforme advogam os proponentes da Morfologia Distribuída;
- (v) O conhecimento da estrutura argumental está dissociado do conhecimento das propriedades de verbos específicos, conforme postula a Morfologia Distribuída;
- (vi) A especificação dos traços referentes aos verbos individuais vai sendo adquirida para cada item separadamente.

Sabemos que nenhuma análise pode ser considerada como absoluta. Existem outros caminhos para se seguir, dependendo do enfoque teórico adotado pelo pesquisador. Sendo assim, acreditamos que a análise aqui oferecida possa ser considerada adequada, ou inadequada, atual ou obsoleta. Isto não importa. As análises são datadas e espelham o estágio de uma teoria em um determinado período. As análises passam. Já os dados, se coletados de modo acurado, sempre serão adequados e atuais. Os dados permanecem. Sendo assim, eles poderão ser utilizados por outros pesquisadores interessados no assunto.

7- BIBLIOGRAFIA

ALBOIN, G; BARRIE, M. *Transitivity alternation and root (non)-augmentation in Onondaga*. York University and University of Toronto, 2005.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. Oxford University Press, New York, 2004.

_____ and ANAGNOSTOPOULOU, E. Tests for unaccusativity in a language without tests for unaccusativity. *Greek Linguistics 97: Proceedings of the Third International Conference on Greek Linguistics: 23-31*, 1997.

ARAD, M. Universal features and language-particular morphemes. In Alexiadou, A. (ed.), *Theoretical approach to Universal*. Amsterdam: John Benjamins, 15-39, 2002.

_____. *On "little v"*. MIT Working Papers in Linguistics, vol. 33. Cambridge, Harvard University, 1999.

BARNER, D; BALE, A. *No nouns, no verbs: psycholinguistic arguments in favor of lexical underspecification*. McGill University, Quebec, 11 feb. 2002. Disponível em <[http:// www.elsevier.com/locate/lingua](http://www.elsevier.com/locate/lingua)>.

BORER, H. The grammar machine. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. Oxford University Press, New York, 2004, p. 288-331.

_____. *Functional Projections: at the interface of acquisition*. Ms. 1997.

_____ e WEXLER, K. The maturation of syntax. In: Roeper, T. e Williams, E. (eds.). *Parameter Setting*. Reidel, Dordrecht, 1987.

BOWERMAN, M. Evaluating competing linguistic models with language acquisition data: implications of developmental errors with causative verbs. *Semantica*, 3: I-73, 1982.

_____. *Systematizing semantic knowledge: changes over time in the child's organization of word meaning*. *Child Development* 49, 977-987, 1978.

_____. Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship of cognitive, semantic and syntactic development. *Papers and Reports in Child Language Development* 8, 142-178, 1974.

BROWN, R. *Linguistic determinism and the parts of speech*. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 55 (1), 1-5, 1957.

BUNGER, A. e LIDZ, J. Syntactic Bootstrapping and the internal structure of causative events. *Proceedings of the Annual Boston University Conference on Language Development*, Cascadilla Press: Cambridge, 2004.

BURZIO, L. *Italian Syntax: A Government and Binding Approach*. Dordrecht: D. Reidel, 1986.

_____. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Ph D. dissertation, MIT, 1981.

CABRERA, M.; ZUBIZARRETA, M. L. *The role of the L1 in the overgeneralization of causatives in L2 English and L2 Spanish*. 2004.

_____. On the acquisition of Spanish causatives structures by L1 speakers of English. In *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, ed. Juana M. Liceras et al., 24-33. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. www.lingref.com, document # 1025.

CALABRESE, A. Some remarks on the Latin case system and its development in Romance. *Theoretical Analysis of Romance Languages*, edited by E. Treviño e J. Lema, 71-126. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MIT Press, 1995

_____. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: Kenneth Hale e Samuel Jay Keyser (eds). *The view from building 20*. Cambridge, MIT Press, 1993.

_____. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York, Praeger, 1986.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology. Syntax and Morphology*, Oxford: Blackwell, 1981.

DEAL, A. R. *The asymmetry of argument structure: a view from coercion*. University of Massachusetts, 2007.

DUARTE, Y. *A hipótese inacusativa e as evidências do Português*. D.E.L.T.A. vol 9, n.1, 1993.

ELISEU, A. M. G. S.. *Verbos ergativos do Português: descrição e análise*. Trabalho para as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.

EMBICK, D. e NOYER, R. *Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface*. University of Pennsylvania, Draft of December, 9, 2005.

FANSELOW, G. *Deutsche Verbalprojektionen und die Frage der Universalität konfiguratoraler Sprachen*. Doctoral dissertation, University of Passau, 1985.

FIGUEIRA, R. A. *Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do Português por uma criança*. 1985. 384fl. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Letras – Departamento de Linguística – UNICAMP, Campinas, 1985.

FIGUEIREDO S, M. C. *A posição sujeito no Português Brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FOLLI, R.; HARLEY, H. Consuming results in Italian & English: flavors of *v*. In: KEMPCHINSKY, P.; SLABAKOVA, R. (Eds.) *Aspect Book Title*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 1-25.

FRANÇA, A. L.; LEMLE, M. *Arbitrariedade saussureana em foco*. Revista Letras n. 69. Universidade Federal do Paraná, 2006 (no prelo).

FRANCHI, C. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Tese de doutorado. IEL, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

FRANCHI, R. Sem título. Monografia final de curso. Faculdade de Letras – Departamento de Lingüística – UNICAMP, Campinas, [1989].

GLEITMAN, L. R. et al. “Similar and similar concepts”. *Cognition* 55, 321-376, 1996.

GLEITMAN, L. R. ‘When prophesy fails: how do we discard our theories of learning’? Keynote address at the 20th Annual Boston University Conference on Language Development. Boston, November, 1995.

_____. ‘The structural sources of verb meanings’, *Language Acquisition*, I: 3-56, 1990.

GREWENDORF, J. *Ergativity in German*. Dordrecht: Foris, 1989.

GRIMSHAW, J. Form, function and the language acquisition device. In C. L. Baker and J. J. McCarthy (eds.), *The logical problem of language acquisition*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1981.

_____ and PINKER, S. *Using syntax to deduce verb meaning*. Paper presented to the 15th Annual Boston University Conference on Language Development, November, 1990.

GUASTI, M.J. *Language Acquisition: the growth of grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002.

HAEGEMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. 2.ed. Oxford, Basil Blackwell, 1994.

HALE, K. e KEYSER, S. J. *On the syntactic projection of predicate argument structure*. Ms. Department of Linguistics, MIT, Cambridge, 1998.

_____. On argument structure and the lexical representation of syntactic relations. In HALE, K. e KEYSER, S. J (eds), *The view from building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, 111-176. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission [*MIT Working Papers in Linguistics 30: Papers at the Interface*], edited by B. Bruening, Y. Kang e M. McGinnis, 425-449. Cambridge, Mass.: MITWPL, 1997.

_____ e MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. *The View from Building 20*, edited by K. Hale e S. J. Keyser, 11-176. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.

HARLEY, H. *On the causative construction*. University of Arizona. MS, 2006.

_____ e NOEYER, R. *Formal versus Encyclopedic Properties of Vocabulary: evidence from nominalisations*. Ms. 2000.

_____. Distributed Morphology. *Glott International* 4: 4, 3-9, 1999.

_____. 'Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items and the encyclopaedia'. MIT Working Papers in Linguistics 32. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1998.

HARLEY, H. *Subjects, Events and Licensing*. PhD. Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1995.

HELMS-PARK, Rena. *Evidence of lexical transfer in learner syntax: the acquisition of English causatives by speakers of Hindi-Urdu and Vietnamese. Studies in second Language Acquisition*, 23, 2001.

HOEKSTRA, T. *Transitivity: grammatical relations in government-binding theory*. Dordrecht: Foris, 1984.

HYAMS, N. V2, Null Arguments and COMP Projections. In: Hoekstra T. e Schwartz, B.D. (eds.). *Language acquisition in generative grammar*. Filadélfia, John Benjamins, 1994.

_____. The theory of parameters and syntactic development. In: Roeper, T. e Williams, E. (eds.). *Parameter Setting*. Reidel, Dordrecht, 1987.

JELINEK, E. Voice and Transitivity as Functional Projections in Yaqui, in M. Butt (ed.), *Projections from the Lexicon*, CSLI, Stanford, 1998.

JUFFS, A. *Learnability and the lexicon*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

KRATZER, A. The event argument, ms., UMass Amherst, 2003.

_____. Severing the external argument from its Verb. In *Phrase structure and the lexicon*, eds. Johan Rooryck e Laurie Zaring. 109-138. Dordrecht: Klumer, 109-137, 1996.

LANDAU, B.; GLEITMAN, L. *Language and Experience*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

LEGENDRE, G. Unaccusativity in French. *Lingua*, 79: 95-164, 1989.

LEMLE, M. Mudança sintática e sufixos latinos. *Linguística*. Rio de Janeiro, n.1, p. 5-44, jun. 2005.

_____; FRANÇA, A. I. *Constraints on idiom formation* (in Brazilian Portuguese); 2004 Congresso; Lisbon Workshop on Alternative Views on Functional Categories; Departamento de Linguística/ Universidade Nova de Lisboa; Inglês; Auditório 2,

Faculdade de Ciências Humanas e sociais; Universidade Nova de Lisboa; Lisboa; PT (meio digital).

LEVIN, B. e HOVAV, M. R.. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, The Mit Press, 1995.

LIDZ, J. *Verb learning as a probe into children's grammars*. Northwest University, 2005.

_____.; e GLEITMAN, L. R. *Argument structure and the child's contribution to language learning*. Trends in Cognitive Sciences. Vol. 8 – nº 4, 2004.

_____.; GLEITMAN, H. e GLEITMAN, R. L. *Understanding how input matters: verb-learning and the footprint of universal grammar*. *Cognition*, 87, 151-178, 2003.

LIEBER, R. *Deconstructing Morphology*. University of Chicago Press, Chicago, IL, 1992.

LOPES, R. E. V. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Tese de doutoramento. UNICAMP, MS, 1999.

LÓPEZ ORNAT, S. *La adquisición de la lengua española*. Madrid: Siglo XXI, 1994.

LORD, C. Don't you fall me down: children's generalizations regarding cause and transitivity. *Papers and reports on child language development (PRCLD)* 17. Stanford, CA: Stanford University Department of Linguistics, 1979.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. IN: DIMITRIADIS, A. ; SIEGEL, L.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (Eds.) *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistic Colloquium*. Philadelphia: Penn Linguistics Club, 1997. (U Penn Working Papers in Linguistics, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

_____. Clitics, morphological merger, and the mapping to phonological structure. *Theoretical morphology: approaches in modern linguistics*, edited by M. Hammond e M. Noonan, 253-270. San Diego: Academic Press, 1988.

MARCOTTE, J. P. *Causative alternation errors in child language acquisition*. Stanford University, 2005.

_____. *Causative alternation errors as event-driven construction paradigm completions*. Stanford University, Draft of November, 27, 2004.

MATSUMOTO, Y. On the Crosslinguistic Parameterization of Causative Predicates: Implications from Japanese and other Languages, In Miriam Butt and Tracy Holloway King (eds.), *Argument Realization*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

MIOTO, C. et al. *Manual de sintaxe*. Florianópolis, Insular, 2000.

MONTRUL, S. *Transitivity alternations in second language acquisition. A crosslinguistic study of English, Spanish and Turkish*. Ph.D. dissertation, McGill University, 1997.

_____. *Causative errors with unaccusative verbs in Spanish as a second language*. *Second Language Research*, 15, 2, 1999.

_____. *The acquisition of causative and inchoative verbs in L2 Turkish*. *Language Acquisition* 9, 2001a.

_____. Causatives and transitivity in L2 English. *Language Learning*, 51, 1, 2001b.

MOORE, M. *Second language acquisition of lexically constrained transitivity alternations: acquisition of the causative alternation by second language learners of English*. Ph.D. dissertation, University of South Carolina, 1993.

MURASUGI, K.; HASIMOTO, T.; KATO, S. *On the acquisition of causatives in Japanese*. Nanzan University, 2002.

NAIGLES, L. R.; GLEITMAN, H.; GLEITMAN, L. R. "Syntactic Bootstrapping and verb acquisition. In Esther Dromi (ed.), *Cognition and Language. A Developmental Perspective*. Norwood: Ablex, 1993.

NEIDLE, C. *The role of case in Russian syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1989.

NEVES, R. L. P. V. *Os verbos inacusativos e as construções causativas na aquisição do Português: uma abordagem gerativa*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 2002. Projeto de tese.

_____. *A aquisição do sintagma complementizador por crianças falantes do Português*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 2001. 94fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Linguística.

_____. *Os verbos inacusativos e as construções causativas na aquisição do português: uma abordagem gerativa*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 2002. Projeto de Tese.

NOYER, R. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure*. New: Garland. Revised version of 1992 MIT Doctoral Dissertation, 1997.

OKAMOTO, A. *Acquisition of the Japanese transitivity alternation by L1 English speakers*, 2005.

PFAU, R. *Features and categories in language production*. Doctoral dissertation, University of Frankfurt, 2000.

PALMIERE, D. T. L. *Algumas considerações sobre a aquisição de verbos inacusativos por crianças brasileiras*. Unicamp, 1997.

PEREIRA, M. A. B e MENEZES, H. P. *Alternância causativa e verbos de uso pronominal em português*. In: ANAIS do VI Congresso da ASSEL-RIO, 1996.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Papers from the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 4: 157-89, 1978.

PESETSKY, D. *Paths and Categories*. Ph.D. dissertation, MIT, 1982.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1989.

_____. *Language learnability and language development*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

PYE, C; LOEB, D. F. *Experimenting with the Causative Alternation*. University of Kansas, 1998.

PYE, C et al. When do children acquire verbs? In: E.V. Clark (eds.) *The proceedings of the Twenty-sixth Annual Child Language Research Forum*. Stanford: Center for the study of language and information, 1995.

_____. Acquiring Lexical Constraints on Causatives in Kiche`Maya. In: *Papers and Reports on child language development*. Stanford 30, 1991.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. MIT PhD dissertation, available from MITWPL, 2002.

_____. Causation and external arguments. In L. Pylkkänen, A. van Hout e H. Harley (eds.). *Papers from the Second Penn/MIT Roundtable on Argument Structure and the Lexicon*, MITWPL 35, 1999.

RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English*. Cambridge, Massachusetts, 1990.

_____. *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge, University Press, 1997.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática*. A faculdade da linguagem. Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

_____. *A construção “União de Orações” na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento em Lingüística Portuguesa, Universidade de Lisboa, 1981.

RANDALL, J. et al. Acquiring unaccusativity: a cross-linguistic look. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. Oxford University Press, New York, 2004, p. 332-352.

RIZZI, L. *The fine structure of the left periphery*. Universidade de Genebra, MS, 1995.

ROSEN, C. *The interface between semantic roles and initial grammatical relations*. In Perlmutter and Rosen (1984: 38-77).

RUTHERFORD, W. *Second language grammar: learning and teaching*. London: Longman, 1987.

RUWET, N. *Syntax and Human Experience*. Chicago: University of Chicago Press. 1991.

SARKAR, M. *Making things move through space (and talking about it): the acquisition of the causative in early child French*. McGill University, 2003.

SIDDIQI, D. *Distributed morphology without secondary exponence: a local account of licensing thematic licensing of vocabulary items and strong verb alternations*. University of Arizona, Arizona, 2004.

SHI, L. *Writing in two cultures: Chinese professors return from the west Canadian Modern Language Review*, 59 (3), 369-391, 2003.

SHIBATANI, M. *A linguistic study of causative constructions*. Tese de doutorado. Universidade da Califórnia, Berkeley, 1975.

STORTO, L. R. *Dois classes de verbos intransitivos em Karitiana (família Arikém, tronco Tupi)*. Museu Nacional/UFRJ

TENNY, C. *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. Ph.D. dissertation, MIT, 1987.

THORNTON, Rosalind, CRAIN, Stephen. *Investigation in Universal Grammar. A Guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. Cambridge, Mass.: MIT, 1998.

TORREGO, E. Unergative-unaccusative alternations in Spanish. *MIT Working Papers in Linguistics*, IO: 253-72, 1989.

TRAVIS, L. *Event phrase and a theory of functional categories*. Paper presented at the Canadian Linguistics Association, University of Calgary, 1994.

WEXLER *et alii*. *The maturation of grammatical principles: evidence from Russian unaccusatives*. Massachusetts Institute of Technology, Microsoft Corporation, 2001.

WHITE, L. *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge, University Press, 2003.

WHONG-BARR, M. *Transfer of argument structure and morphology*. Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004), ed. Laurent Dekydtspotter et al, 269-282. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005.

8 – ANEXOS

ANEXO I

DADOS DE SUPRAGENERALIZAÇÃO NA AQUISIÇÃO DO PB COMO L1

Os enunciados de Igor – meu filho - foram registrados por mim durante o período de 1;7 até 8;6 meses de idade. Os dados foram coletados por meio de gravações e pela observação e anotação da fala espontânea, obtida no ambiente natural da criança.

A) DADOS DO IGOR

Fase de 3;0 a 3;11 anos

- (1) (A mãe estava deitada na cama e Igor diz para ela:)
Tira daí. **Tira** daí. (= Sai daí. Sai daí) (Igor - 3;0)
- (2) Na escolinha, a tia **sumiu** os brinquedos pra ninguém mexer (Igor - 3;1)
- (3) O vovô Virgílio **sumiu** o carro e a vovó Necinha achou. (Igor - 3;3)
- (4) (Igor estava brincando de carrinho com a mãe, aponta para o brinquedo e diz:)
Mãe **corre** ele. (Igor - 3;4)
- (5) Mãe, eu quero comer a balinha... a balinha **escondeu**. (= A balinha sumiu) (Igor - 3;4)
- (6) Mamãe... o lençol **tirou** todo da cama (= Saiu) (Igor - 3;4)
- (7) Mãe, **anda** o boneco pra mim. (Igor - 3;7)
- (8) O papai **morreu** o mosquito. (Igor - 3;9)
- (9) Eu me **sumi** mesmo. (Igor - 3;11)
- (10) Eu vou **morrer** você (Igor - 3;11)
- (11) (Igor está desenhando e a mãe esbarra nele sem querer)
Mamãe você me **errou**... mamãe você está me **fazendo errar**... (Igor - 3;11)

Fase de 4;0 a 4;11

- (12) Papai do céu mora no céu. Ele **cai** as estrelas na casa da gente ou não? (Igor - 4;0)

- (13) O bruxo se **sumiu** sozinho também (Igor - 4;0)
- (14) Eu **ensinei** muito dever. (= Eu aprendi muito dever - 4;9)
- (15) (Igor mostra para a mãe o que aprendeu na escola)
Olha mãe, eu **ensinei** muito dever. (Igor - 4;9)
- (16) (Igor está assistindo um parto de cesariana na televisão e pergunta para a mãe:)
Mamãe... quando você **nasceu** eu, o médico fez aquilo? (Igor - 4;11)

Fase de 5;0 até 8;0

- (17) Vamos brincar de super-heróis. Eu sou o homem-aranha, vou **correr** os bandidos do mal pra bem longe. (Igor - 5;0)
- (18) Deixa eu **dormir** todos os cachorrinhos na minha cama? (Igor - 5;0)
A vovó Necinha **aprendeu** matemática pra mim. (Igor - 5;0)
- (19) A tia Mara não vai me **tomar** banho. É você que vai me **tomar** banho. (Igor - 5;1)
- (20) O carro vai passar, **morrer** ele e ele **vai ficar morrido**. (Igor - 5;2)
- (21) O Max Stell vai **cair** os inimigos. (Igor - 5;4)
- (22) A vovó Necinha **aprendeu** algarismo romano pra mim (Igor - 5;4)
- (23) O bandido vai **morrer** ele. (Igor - 5;4)
- (24) Eu quero saber agora, quem **sumiu** os meus gibis? (Igor - 6;2)
- (25) (Igor está sentado no sofá quer se levantar, então pede ao pai:)
Me sobe (= me levanta) (Igor - 6;10)
- (26) (Igor está brincando de jogar o cachorro de pelúcia com a sua mãe. Ela segura o brinquedo e ele diz:)
Igor: Mãe, **pula** ele para mim (Igor - 7;8)
Mãe: E para fazer o quê?
Igor: Joga ele para mim.
- (27) (No sítio da bisavó Conceição, Igor chama a sua mãe para brincar)
Mamãe, (apontando para a planta dormideira) eu vou **dormir** a dormideira. (Igor - 8;1)
Depois que encostou na planta, Igor diz:
Eu **dormi** a dormideira. Eu **fiz** a dormideira **dormir**.

B) DADOS DO GABRIEL

Os enunciados de Gabriel – filho da orientadora - foram por ela registrados durante o período de 2;7 até 7;0 anos. Os dados foram coletados por meio de gravações e pela observação e anotação da fala espontânea, obtida no ambiente natural da criança.

- (1) **Faz quebrar** o ovo, mamãe. (Gabriel - 2;9)
- (2) **Tilou** essa sujeira boba (= Saiu) (Gabriel - 3;0)
- (3) Vou **sumir** o brinco nesta caixinha e fazer aparecer (Gabriel - 3;2)
- (4) Eu sumi. **Faz sumir**. Eu vou **sumir** outra caneta. Eu agora apareceu (= Fiz aparecer). Tava escondida aqui. Apareceu aí. Tava escondida essa caneta. (Gabriel - 3;3)
- (5) Vai **cair** eu. Vai **cair** a gente. (Gabriel - 3;5)
- (6) Vai **cair** eu (= Derrubar) (Gabriel - 3;11)
- (7) Mamãe, você **tá morrida**? (Gabriel - 3;11)
- (8) Eu vou **morrer** você, mamãe (Gabriel - 3;11)
- (9) Eu vou **sumir** você, mamãe. (Gabriel - 3;11)
- (10) **Anda** o carrinho, mamãe. (Gabriel - 4;0)
- (11) Deixa eu **andar** você, mãe (Gabriel - 4;2)
- (12) Eu vou te **aprender**. (Gabriel - 4;2)
- (13) A florzinha **tirou**. (= Saiu) (Gabriel - 4;5)
- (14) **Tirou** (= Saiu) tudo. **Tirou** (= Saiu) toda a massa caiu a água. **Tirou** toda a espuma (= Saiu) (Gabriel - 4;6)
- (15) Isso quase me **escorregou**. (Gabriel - 4;6)
- (16) **Faz** eu **cair**, mãe. **Cai eu**, mãe. (Gabriel - 4;7)
- (17) **Tira, tira** o meu braço (referindo-se a mãe que estava segurando-o pelo braço) (Gabriel - 4;8)
- (18) O mar vai **cair** a barraca. O mar **vai derrubar**. (Gabriel - 4;10)
(Gabriel e a mãe na praia, falando sobre o vendedor de queijo) (Gabriel - 4;10)
Mãe: Ele foi para a água.
- (19) Gabriel: Ele vai pro céu.
Mãe: Por quê? Ele vai morrer?
Gabriel: Não! Eu vou **morrer** ele. (Gabriel - 4;10)
- (20) Eu vou ser policial de trânsito para **andar** os carros. (Gabriel - 4;11)
- (21) Mãe, **pula** eu. (Gabriel - 4;11)

(22) Você foi **desaparecer** o mico. (Gabriel - 4;11)

Fase de 5;0 a 7;0

(23) Como o peixe **fez**? Como o peixe foi feito?

(24) O Júnior **sumiu** o lápis. (Gabriel - 5;4)

(25) **Anda** ele para mim. (Gabriel - 5;8)

(26) Eu vou **aparecer** o balão. (Gabriel - 6;2)

(27) Deixa eu **melhorar** você (Gabriel - 6;2)

(28) O meu pai é que tá **demorando** a gente. (Gabriel - 6;2)

(29) Nenhum palhaço consegue **rir** toda a platéia. (Gabriel - 6;7)

C) DADOS DA ANAMARIA

Os enunciados de Anamaria foram registrados por Figueira (1985) entre 2;7 e 5;0 anos. A pesquisadora coletou os dados, utilizando-se de duas fontes de coleta: (i) o Diário, feito pela mãe (a própria Figueira); (ii) sessões de audiotape.

Fase dos 3;0 aos 3;11

- (1) (A brinca com uma massinha; leva-a ao pé, como se fosse matar uma cobra)
Matou em meu pé. (= Morreu em meu pé) (A.- 2;10)
- (2) (Vendo uma das unhas da mãe sem esmalte, A pergunta, alarmada e interessada)
A. Quem apagou, quem?
Quem **saiu** este esmalte do dedo, quem? Foi eu? Foi eu? Quem apagou este esmalte daqui, quem? (A. - 2;11) (= Quem tirou o esmalte do dedo?)
- (3) Foi você que me **fez molhada**. (A.- 3;0)
- (4) (A está na sala com um bebê de seis meses, brincando; a mãe deste faz menção de levá-lo para dormir ; A. protesta)
Ah... **Fica** ele aqui. (= Faz/ deixa ele ficar aqui) (A. - 3;2)
- (5) (A mãe se lembra de que A pintara as unhas em Uberaba)
M. Será que ainda tem esmalte que a Ivone passou?
A. Não. **Tirou** tudo. (= Saiu tudo) (A. - 3;2)
- (6) (A pede à empregada para erguê-la para que ela possa se olhar no espelho do banheiro)
A. – **Olha** eu no espelho! **Olha** eu no espelho! (= Faz eu me olhar no espelho)
(A. - 3;2)
- (7) Você que tá **fazendo pisar**. (A.- 3;2)
- (8) (A está com a mãe na cama, brincando de ligar e desligar o abajur; fala sobre o nenê que vai nascer)
Eu vou **aprender** ele como que apaga a luz aqui. (= Eu vou ensinar ele como que apaga a luz aqui) (A.- 3;3)
- (9) (Falando do farmacêutico)
Eu não gosto daquele moço não.
M. Por quê?

- A . Porque ele quer **me tomar injeção**. (= Porque ele quer me dar injeção) (A - 3;3)
- (10) (A mãe explica a A que a estante é destinada a guardar brinquedos)
 A. – Meu brinquedinho não tá aqui, foi embora.
 M. Hum?
 A. O bichão **foi** meu brinquedo daqui, e o cachorro levou de ir embora. (= O bichão levou/fez ir meu brinquedinho daqui) (A.- 3;5)
- (11) (A mãe estimula A a falar sobre a festa a que fora em Franca; o vestido usado nesta ocasião tinha sido esquecido lá)
 M. Lembra que... Lembra que você pôs seu vestido longo?
 A. Masi... masi...
 M. Prá ir onde?
 A. Mas **volta** ele de novo aqui. (= Mas faz ele voltar de novo aqui)
 M. Hein?
Volta ele de novo aqui. (A.- 3;5)
- (12) (A tenta rever a foto do trator que ficara para trás no álbum que está folheando)
 A . Mas eu quero ver um trator aqui.
 M. Ah! Isso aqui é uma barca.
 A . Não! Eu vou ver um... Cadê ele? **Escondeu?** Cadê ele? **Escondeu?** (= Sumiu) (A. - 3;5)
- (13) (A toma lanche junto com a mãe; vê esta se servir de mais suco: adverte a mãe)
 Não **acaba** o suco, não! (= Não deixa/ faz acabar o suco, não) (A. - 3;6)
- (14) (A senta-se à mesa para tomar café)
 A. Já **acabou** a manteiga? (A.- 3;6)
- (15) **Quem acabou?** (= Quem deixou/ fez acabar a manteiga?) (A.- 3;6)
- (16) (Mãe e filha estão tomando leite; A não quer que a mãe termine antes dela)
 A. Não **acaba** o leite, não. (= Não deixa/ faz acabar o leite, não) (A. - 3;6)
- (17) (Mãe e filha na beirada da cama, brincando com um coelhinho)
 Vamos **aprender** ele andar. (= Vamos ensinar ele a andar) (A.- 3;7)
- (18) (A brinca com copos de refrigerante que juntara na festa de aniversário do dia anterior)
 M. Que cê falou do copo, bem? Hein?
 A . Lá na festa **derrubou** isso aí... (= Lá na festa caiu isso aí) (A. - 3;7)

- (19) (A canta “Olhos nos Olhos”; a mãe se surpreende)
 M. Quem te **ensinou**, bem? Eu não lembro de ter te ensinado...
 A. Eu que **ensinei**. (= Eu que aprendi) (A.- 3;7)
- (20) (A sai do quarto da mãe com um objeto nas mãos)
 Vou levar prá lá. Vou **sumir** ele. (= Vou fazer ele sumir, vou esconder ele) (A.- 3;7)
- (21) (A adverte a mãe, que se preparava para balançar no balanço do Parque de Diversões)
 Mãe, não sei se este balanço vai te **cair** (= Mãe, não sei se este balanço vai te derrubar) (A.- 3;8)
- (22) (A brinca com o Aquaplay)
 M- Então vamos desmanchar tudo e começar de novo.
 A. – Vamos.
 M. – Como é que faz pra desmanchar?
 A. – Cê **cai** aqui (= Cê faz cair aqui)
 M. – Hã?
 A. – Cê **cai** aqui. (A.- 3;8)
- (23) (A diz para a mãe que está com o lápis na mão)
 A. Mãe, cê **aprende** eu desenhar? (A.- 3;8)
- (24) (A mãe conversa com A sobre as coisas que esta poderá ensinar à irmãzinha)
 M. Cê pode ensinar a Juliana a andar de bicicleta. Ah! Sabe de uma coisa que também você pode ensinar ela? A aguar as plantas!
 A (entusiasmada) Ah! Isso eu vou **aprender** ela, mãe! (A.- 3;8)
- (25) (A brinca de subir no joelho do pai)
 A. **Me sobe**. É alto aqui. (A.- 3;8)
- (26) (A passeia com a mãe; passam por um lugar onde antes A tinha estado com o tio Juscelino)
 A. Mãe, eu vim um dia aqui com o tio Celino. Ele me **fez passear** (A.- 3;8)
- (27) (A põe o pezinho no prato da balança)
 A. Vou **subir** ele. (A.- 3;9)
 M. Subir o quê? O pezinho?
- (28) (A. brinca de pular da mureta ao chão; a certa altura pede ajuda à mãe)
 A. **Pula** eu mãe! (A - 3;9)

- (29) (A brinca de colocar passageiros num bondinho, para viajar)
A. Deixa eu **viajar** a menina. (A.- 3;9)
- (30) A chuva **fazeu cair** amora no chão. (A.- 3;9)
- (31) (A pede à mãe para tirá-la da cadeirinha em que está sentada)
A. **Sai** eu daqui! (= Tira eu daqui) (A.- 3;10)
- (32) De noite, a chuva **faz cair** a amora. (A.- 3;10)
- (33) (A está chupando uvas)
A. Ô pai, a Juliana não gosta de uva.
M. Ela não sabe chupar ainda, bem.
A. – Isso aqui **fica** gorda? (= Isso aqui faz ficar gorda/ engorda?) (A. - 3;11)
M. Faz ficar forte.
- (34) (A mostra para o pai o pino mais alto do Aquaplay, cheio de argolinhas que ela acabara de encaixar)
A. Olha, pai, eu **entrei** tudo. (= Olha, pai, eu enfiei tudo) (A. - 3;11)
Eu ganhei no mais difícil.
- (35) (A. conta para a mãe que a empregada trouxera uma criança para brincar com ela)
A.- A Luísa **veio** uma menina hoje aqui. (= A Luísa trouxe uma menina hoje aqui) (A.- 3;11)
- (36) (A mãe surpreende A cantando)
A. “Tá zangado, tá de mal comigo, tá querendo briga”.
M. (admirada). Nossa, que amor!
A . É a Luísa que me **aprendeu**. (A.- 3;11) (= É a Luísa que me ensinou)
- (37) (A brinca de casinha; aproxima-se da mãe)
Eu trouxe uma amiga prá você conhecer. **Aceita** uma coca-cola prá ela. (= Oferece uma coca-cola prá ela) (A.- 3;11)
- (38) Um dia, a Luísa me **fazeu beber** dessa daqui. (A.- 3;11)
- (39) Cê **fez** ela **acabar** tudo lavar roupa agora (A.- 3;11)
- (40) Eu aperto aqui e **faço sair**. (A.- 3;11)
- (41) Foi você que **fez** ela **cair**, viu? (A.- 3;11)

Fase de 4;0 a 5;0 anos

- (42) (A. observa a mãe ligar o gravador)
 A. (--) Cê vai virar isso aí?
 M. O quê?
 A. Cê/ cê vai/ cê vai **andar** isso aí? (= Cê vai fazer andar isso aí?) (A - 4;0)
 M. Se eu vou andar?
 A. Cê vai ligar isso aí?
- (43) (A manicure vai esmaltar as unhas da mãe de A; A quer ajudar tirando a mesinha lateral auxiliar)
 A. Vamos **sair** esta mesinha daqui. (Vamos tirar esta mesinha daqui) (A.- 4;0)
- (44) Cê **fez riscar** (o papel), tá vendo? (A.- 4;0)
- (45) Foi você que **fez** ela **cair**, viu? (A.- 4;0)
- (46) Eu não derrubei. Ou caiu daqui, ou foi o vento que **fez cair**. (A.- 4;0)
- (47) Mãe, **faz** ela **olhar** para mim. (A.- 4;0)
- (48) Ela vai **nascer** dente? (A.- 4;1)
- (49) (Na brincadeira de faz de conta, cai o café)
 M. Nossa Senhora, que desastre, hein? Cê ia começar a oferecer aqui prá essa nossa coleguinha.
 A. Eu vou **aceitar** tudo de novo prá você... (= Eu vou oferecer tudo de novo prá você...)
 M. Que cê disse, bem?
 A. Eu vou **aceitar** tudo de novo prá você... (Repete duas vezes) (A.- 4;1)
- (50) (A brinca de lanchonete com a mãe)
 A. Aceita um 'bacaxi. Aceita um 'bacaxi, senhora.
 M. (pensando que se tratava de um oferecimento para si). Eu já estou comendo...
 A. (percebendo a interpretação errônea). Não! **Aceita** um 'bacaxi prá mim...! (A - 4;1)
 M. Ah!
- (51) (A mãe relembra uma situação passada: um passarinho se escondera debaixo da cama)
 A. Cê sabia... do/
 M. (a mãe corta a fala de A, narrando ela própria o aparecimento do passarinho). Entrou aqui dentro e ficou lá no tapete.

- A. Eu queria **saber** outra pra você. E outro dia que foi o passarinho aqui na... na... debaixo da cama...? Debaixo da cama? (= Eu queria contar/ fazer saber outra prá você) (A.- 4;2)
- (52) (A diz para o pai que acabara de chegar de viagem)
Sabe o que eu queria te **ver**? (= Sabe o que eu queria te mostrar?) É o seguinte: minha mãe tava arrumando a gaveta. (A.- 4;2)
- (53) A chuva num **faz cair** no chão. Num derruba. (A.- 4;2)
- (54) O bandaid tava **tirando**. (= saindo) (A - 4;3)
- (55) (A brinca de pôr a bonequinha para engatinhar)
Agora, **engatinhar** ela eu não consigo. **Engatinhar** ela eu não consigo. (= Fazer ela engatinhar eu não consigo) (A - 4;4)
- M. Quem não consegue? Hum?
- A. Ela. Essa bonequinha.
- (56) Ó nenzinha! Ela tá **nascendo** dente. (A.- 4;4)
- (57) Ih, a Ju vai **nascer** dente! (A.- 4;4)
- (58) Já **matou** o queimado? (= Morreu) (A.- 4;4)
- (59) (A. vê cena de novela em que certo personagem aparece sentado numa cadeira, Com a cabeça apoiada na mesa da sala de refeição; impressionada, pergunta)
Quem **morreu** ele? Quem **deixou** ele **morrer**?(A.- 4;5)
- (60) A . Não, a Elza não quer me **tomar banho**. (= Não, a Elza não quer me dar banho) (A.- 4;6)
- (61) (A mostra à mãe que o durex que prendia o pano da boneca está saindo)
Tá **tirando** o durex, mãe. Mãe, o durex tá **tirando** (= Tá saindo o durex) (A.- 4;6)
- (62) (Mãe e filha estão na sala; a mãe se retira para o quarto; pouco depois A segue a mãe)
A. Que você vai fazer, mãe?
M. Vou dormir. Tá frio. Vem também.
A. Só que meu filho tá lá na sala.
(A vai até a sala apanhar o boneco e volta)
A. Eu vou **dormir** ele aqui. (= Eu vou fazer ele dormir aqui) (A - 4;7)
- (63) (A está dando gelatina na boca da irmãzinha; a mãe adverte)
M. – Não deixa cair, hein?
(Juliana bate a mão na colher; A fica desapontada e olha para a mãe, receosa)

- A. – Ela **caiu**. (= Ela deixou cair) (A.- 4;7)
- (64) Mãe, eu que **faço** ela **chatear**. (A.- 4;7)
- (65) Mãe, a fada **faziu** o Pinóquio **virar** gente? (A.- 4;7)
- (66) Aquele negócio esquisito **fez** ele **morrer**. (A.- 4;7)
- (67) (A apanha uma florzinha na jardineira e dá para Elza)
Eu vou **morrer** essa. (= Eu vou matar essa (florzinha) (A.- 4;8)
- (68) (A mãe de A anuncia que vai na casa da vizinha; A se anima para ir junto; pega um dos bonecos que a mãe acabara de limpar e vestir)
A. Oba! Eu **vou conhecer** (o boneco) prá todo mundo. (= Eu vou fazer conhecer/apresentar (o boneco) prá todo mundo)
- M. – Hein? Que cê disse?
- (69) A. - Eu **vou conhecer** prá todo mundo. Eu **vou conhecer** prá Alessandra.. (A.- 4;8)
- (70) (Pai e mãe conversam sobre o parto de que nascera a irmãzinha de A; A presta atenção à conversa; a certa altura, intervém)
A mamãe vai **nascer** nenê? Outra Juliana? (= A mamãe vai fazer nascer nenê?) (A.- 4;8)
- M. Não, filha. Isso que a mamãe tá falando é quando a Ju nasceu.
- (71) (A brinca na varanda; o pai a observa)
A. O minha boneca tocando piano! Eu **aprendi** ela! (= Eu ensinei ela) (A.- 4;8)
- (72) (A mãe calça A para ir à escola)
M.– Essa meia era da Ju.
A.– (rejeitando com energia). Então **sai, sai! Tira, tira!**
M.– Não, mas ela é grande pra Ju. Serve em você. (A.- 4;8)
- (73) **Matou** a pessoa.
- (74) Já **matou** o queimado. (= morreu) (A.- 4;8)
- (75) Eu quero que você me **passeia** um pouco por aí. (A.- 4;8)
- (76) Daí eu **fiz catar** (os blocos de madeira). (A.- 4;8)
- (77) É por isso que eu **faço** você **ficar** nervosa. (A.- 4;8)
- (78) Outro que cê tava lá fora cê **fez** ele **morrer**. (A.- 4;8)
- (79) Senão eu **faço** você **por** de novo. (A.- 4;8)
- (80) Cê me **faz ler**, mãe? (A.- 4;8)
- (81) Por que cê **fazeu ir** por cá? (A.- 4;8)
- (82) Toda hora tá apertado. Ocê que tá **fazendo apertado** (= tá apertando) (A.- 4;8)

- (83) Será que eu vou dormir, mãe. Esse sono **faz dormir?** (A.- 4;8)
- (84) Agora cê **faz** eu **cair**, tá? (A.- 4;8)
- (85) A subida **faz pesar** a barriga. (A.- 4;8)
- (86) Que é que **faz** ela **andar?** (A.- 4;8)
- (87) (A ouve conversa da mãe com uma amiga que afirma ter suspeita de estar grávida)
Que dia cê vai **nascer** nenê? (= Que dia cê vai fazer nascer nenê?) (A.- 4;9)
Amanhã ele vai terminar de **nascer** o nenê? (A.- 4;9)
- (88) Mãe, por que cê **fez** eu **acordar?** (A.- 4;9)
- (89) Ele **faz** eu **sentar** com o Adidas aqui e molhou (A.- 4;9)
- (90) Ele me **fez cair**. Eu escorreguei perto da pia. (A.- 4;9)
- (91) Ai, meu ouvido! Cê **fez enfiar** o dedo no meu ouvido! (A.- 4;9)
- (92) Cê **faz** eu **montar**, mãe, porque eu não sei muito bem, sabe? (A.- 4;9)
- (93) Por que ele **fez cair?** (A.- 4;9)
- (94) Quem te derrubou?
Foi eu que **fiz derrubar** (A.- 4;9)
- (95) Dessa vez, eu **fiz cair**.
Eu **fiz cair**. (A.- 4;9)
- (96) Molhou essa, não? Eu vou **fazer tirar** (a blusa). (A.- 4;9)
- (97) Sal **faz melhorar**, mãe. (A.- 4;9)
- (98) O frio **faz** o cabelo da gente **ficar** bonito. (A.- 4;9)
- (99) Então, mamãe **fez** o seu sonho **acabar?** (A.- 4;9)
- (100) Cê não **faz** eu **cair** não. Eu é que **faço cair**. (A.- 4;9)
- (101) (A mãe põe Juliana no berço; A, conivente com a irmã, promete a esta que choraminga)
Eu **saio** você do berço. (= Eu tiro você do berço) (A.- 4;10)
- (102) (Vendo na novela da televisão personagem com o rosto crispado pelo sofrimento)
A. Por que ela tá com essa cara?
M. Porque ela tá sofrendo.
A. Quem **sofreu** ela? (= Quem fez ela sofrer?) (A - 4;10)
M. Hein, bem?
A. Quem **sofreu** ela?

M. Quem **fez** ela **sofrer**?

A. É.

- (103) Cê **fez ela ir** no ombo errado. (A.- 4;10)
- (104) Eu não vou mostrar porque cê **fez por** esse biquini apertado. (A.- 4;11)
- (105) Eu que **fiz escovar** (os dentes da Ju). (A.- 4;10)
- (106) (A mãe de A tinha acabado de lhe dar uma “bronca”; para se fazer de vítima, A se aproxima da mãe lembrando que fora “agredida” pela irmãzinha, que lhe dera uma dentada; ao procurar a marca disto verifica que está desaparecendo)
- A . Tá **tirando!** Tá **tirando!**
- A. Tá **tirando** o machucado que a Ju fez. (= Tá saindo o machucado que a Ju fez) (A.- 4;11)
- (107) (A mãe chega na sala e encontra as cadeiras enfileiradas; Juliana numa delas e A atrás)
- A. – Não **sai** ela, mãe.
- M – Hein?
- A. – Nós íamos brincando de trenzinho.
- M. – Hein? Que cê pediu antes?
- A. – Não tira ela. (A.- 4;11)
- (108) Porque o frio assusta a velhinha. **Faz** a velhinha **desmaiar**. (A.- 4;11)
- (109) Resfriado **faz entupir** o nariz. (A.- 4;11)
- (110) **Faz** ela **morrer** com revólver, mãe. (A.- 4;11)

ANEXO II

DADOS DE SUPRAGENERALIZAÇÃO DE CAUSATIVAS NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO L1

Os dados de suprageneralização de causativas na aquisição do Inglês como L1, foram extraídos de Pinker (1989) e da tese de doutorado de Marcotte (2005). Estes dados foram coletados por diversos pesquisadores como Lord (1979) e Bowerman (1974).

A) DADOS DE CHRISTH¹

- (1) C. I **came** this off. (2;0)
- (2) C. Bottle **fells** my feet **better**. (2;3)
- (3) C. Let`s **stay** this open. (A porta já está aberta) (2;4)
- (4) C. Daddy **go** me around. (Quer que o pai gira ela na cadeira de balanço) (2;8)
- (5) C. I`m just gonna **fall** this on her (Derrubar folha na cabeça do pesquisador)(2;9)
- (6) C. I`m **singing** him. (Puxando a corda da caixa de música na forma de vaca) (3;1)
- (7) C. She can` t eat.
M². Just pretend, honey.
C. But I can` t **eat** her. (3;3)
- (8) C. A nice nurse lady **took** me a ride. (A enfermeira a empurrou na cadeira de rodas). (3;5)
- (9) C. I want to **stay** this rubber band **on**. (3;7)
- (10) M. Can you make it disappear?
C. Now **disappear** it again, it says. (3;7)
- (11) C. **Go** me to the bathroom, before you go to bed. (3;10)
- (12) C. Will you **have** me a lesson? (4;0)
- (13) C. And I forgot to tell. I forgot to remember. I forgot to **make** you **remember**.
I`ll try to **remember** you. (4;2)
- (14) C. I want to **watch** you this book. (4;3)

¹ Abreviação dos nomes das crianças: B = Benjy; C = Christy; D = Damon; E = Eva; H = Hilary

² M= mother

- (15) C. He **disappeared** himself . He just keeps **disappearing** himself in different places. (4;3)
- (16) C. Would you like me to **have** you some? (4;6)
- (17) C. She won't **sit** me.
- (18) C. If you want it to **die**, Eva's gonna **die** it. She's gonna **make** it **die**. (5;0)
- (19) C. Water **bloomed** these flowers. (5;10)
- (20) C. It's **rising** me! (6;8)
- (21) C. Will you please **remember** me what I came in for? (6;11)
- (22) C. But he **disappeared** the green one... (7;5)

B) DADOS DE EVA

- (23) E. Christy won't **cry** me. (1;1)
- (24) E. I **fell** it like that (derrubei) (2;0)
- (25) E. I want **swim** that (segurando um objeto no ar e o agitando como se estivesse nadando) (2;1)
- (26) E. I'm **talking** my birdie. (puxando a corda de uma caixa de música na forma de um pássaro) (2;2)
- (27) E. Don't **giggle** me. (O pai faz cócegas em Eva) (3;0)
- (28) E. I'm **staying** it in the water. (3;2)
- (29) E. Everbody **makes** me **cry**.
F. I didn't make cry
E. Yes you di, you just **cried** me. (3;2)
- (30) E. I'm gonna put the washrag in and **disappear** something under the washrag. (3;7)
- (31) Want me to **come** it **out**? (3;7)
- (32) Want me to **make** it **come** **out**? (3;7)
- (33) E. Will you **learn** me how to read that boot? (3;8)
- (34) E. Christy, you **fell** me into the car. (4;2)
- (35) No, don't **talk** her. (4;9)
- (36) E. I want to sleep with it cause they'll **stay** me warner. (5;0)
- (37) **Go** it over there. (5;1)
- (38) E. You **cried** her! (A mãe derruba a boneca de Eva e ela faz barulho) (5;3)

C) DADOS DE ROSS

- (39) R. Will you **jump** me?
 F³. Do you want me to make you jump?
 R. Yeah. Will you **make** me **jump**? (3;0)
- (40) R. They **disappeared**.
 I want them to **disappear** them again.
 F. What do you want?
 R. **Disappeared** this again. (3;2)
- (41) R. I want to **disappear** it. (3;2)
 (Ross tentou fazer o cinto desaparecer)
- (42) R. Maybe I can **fall** it **down** the stairs. (3;3)
- (43) R. And I got to get water to **make** it **go down** in my tummy.
 R. One drink.
 F. What for?
 R. To **go it down** my tummy. (3;11)
 (Tomando uma aspirina)

D) DADOS DE DAMON

- (44) D. I **go** my ball (querendo levar a bola) (2;2)
- (45) D. **Jump** me down. (2;2)
- (46) D. Johannes **falling** this downstairs
 (Johannes derrubou o brinquedo) (2;2)
- (47) D. Don't **fall** me downstairs. (2;4)
- (48) D. Don't **drop** me downstairs. (2;4)
- (49) D. I will **disappear** them. (2;8)
- (50) D. **Hop** me again. (2;8)
- (51) D. **Ski** me. (2;10)
- (52) D. Now I have to **come** them all up into a circle. (3;2)
- (53) D. I won't **make** them **lose**. (3;2)
- (54) D. I want to **grow** my arms longer.

³ F = father

E) DADOS DE BENJY

- (55) B. I did **fall** my vitamim. (Derrubou acidentalmente) (2;5)
- (56) B. I`m **dancing** Jeremy fisher. (fazendo o boneco dançar) (2;5)
- (57) B. Let`s **stay** him in the car. (Deixar o ursinho no carro) (2;7)
- (58) B. You`re bothering me! You keep on talking to her! And that **makes** me **bother**. (3;11)
- (59) B. I will make darth Vaider, and he will **faint** you. (4;4)

F) DADOS DA HILARY

- (60) H. He`s gonna **die** you, David. The tiger will como and eat David and then, he will be **died** and I won`t have a little brother any more. (4;0)
- (61) H. C`mom, mama, **take** me **a bath**. (4;0)
- (62) H. David, let`s **take** mama a **ride**. (4;0)

ANEXO III

DADOS DE AQUISIÇÃO DO PB COMO L1

Neste anexo, estamos registrando alguns enunciados de Igor e Gabriel no período de 2;0 até 3;2.¹ Os dados englobam diferentes tipos de construções já dominadas pelas crianças, nessa fase, como: interrogativas, subordinadas, relativas e outros aspectos gramaticais relevantes para pesquisas em aquisição da linguagem.

A) DADOS DO IGOR

Fase de 2;0 anos

- (1) Aqui é banco do carro.
- (2) A prima é do Igor.
- (3) Escorrega o carro.
- (4) Eu qué baina.
- (5) Carro... jogou no lixo... jogou no lixo... o carro.
- (6) Bateu o carro do papai.
- (7) Pescou o Igor.
- (8) Tá de coça (= calça) o vovô Virgílio.
- (9) É preto o carro.
- (10) Vai descer o carro.
- (11) Tá quebrado o carro.
- (12) Tá correndo o cavalo.
- (13) Tá sentado a moça... tá sentado.
- (14) Vai guardá o carro... guardá o carro... O Igor.
- (15) Vou guardá o carro do Igor.
- (16) Vai desce o caminhão.
- (17) Vai corrê o carro.
- (18) Caiu o carro.

¹ Conforme já mencionamos, os enunciados de Igor foram coletados por mim durante o período de 1;7 até 8;6 meses. Os de Gabriel foram coletados pela orientadora no período de 2;7 até 7;0 anos. Os dados

- (19) Qué bebê água.
- (20) Tava lá... a prima.
- (21) Sumiu o carro.
- (22) Mexeu o carro.
- (23) Mãe: Cadê a vovozinha?
I: Tá coçando a perna. Tá dormindo no colo da mamãe.
- (24) Quebrou o carro da tia Edna.
- (25) Guardou o carro da tia Edna.
- (26) É do moço o carro.
- (27) Bota o carro... mamãe.

Fase de 2;1 mês

- (28) Pinta o carro... mamãe.
- (29) Essa não canta.
- (30) Pega o carro.
- (31) Vai corrê o caminhão.
- (32) Acho que é o lixeiro. Acho que não é. Acho que não.
- (33) Cadê a prima?
- (34) Foi de carro do vovó.
- (35) Guardei na garagem o carro.
- (36) Cadê a revista mãe?
- (37) Pinta o volante.
- (38) Esse aqui tá parado... mãe.
- (39) Esse tá pulando a rua.
- (40) Quem será? O papai.
- (41) Passeando o avião.
- (42) Da tia Paula... o carro.
- (43) É do Igor o carro.
- (44) Quem é esse daqui?

Fase de 2;2

- (45) O vermelho é do Júnior.
- (46) Tá riscando o carro.
- (47) Abri aqui o carro novo... mãe.
- (48) O carro tá parado.
- (49) Quem quebrô o carro?
- (50) Vai pára o carro.

Fase de 2;3

- (51) Esse não abi.
- (52) Pega ali o carro... mãe.
- (53) Ele vai de carro.
- (54) Pega a colher dele.
- (55) Igor qué a moto.
- (56) É feio o carro.
- (57) Ela vai comê... ela.
- (58) Ela vai comê... ela.
- (59) É do vovô Virgílio esse carro.
- (60) Faz a janela do carro.
- (61) Esse carro é do Igor.
- (62) O carro tá aqui ... da Mônica.

Fase de 2;4

- (63) Dirigindo o carona... mamãe.
- (64) Mãe: Você ganhou muitos carros... né?
I: Vamos pegar lá um... eu vou. Vamos pegar lá.
- (65) Fugiu o carro do papai.
- (66) O que o carro tá fazendo aqui?
- (67) Cadê o lápis?
- (68) Aqui a mãe do Júnior.
- (69) Aqui estão os carros do dindinho.
- (70) Tá chorando a moça.
- (71) Foi dormir o Júnior.

- (72) O carro desceu... o carro.
- (73) A Magali vai fazê chuva.
- (74) Tá fazendo chuva a Magali. A Magali tá fazendo chuva.

Fase de 2;5

- (75) Tá tudo dormindo.
- (76) É fita dele. Essa fita dele.
- (77) Sumiu a aranha... a gente não viu.
- (78) A aranha sumiu.
- (79) Ele tá com sono não.

Fase de 2;6

- (80) A tartaluga tá de tossi.
- (81) Comprei um ventilador pra tartaluga... muito bonito.
- (82) Machuquei na casa da tia Renata... aqui.
- (83) Vai a escolinha não... ela.
- (84) Vai... vai lá no trabalho... vai vai... o médico dela.
- (85) Tem pianinho no carro do pai dela.
- (86) O carro do pai dela é esse.
- (87) O carro do pai dela vai ligar.

Fase de 2;7

- (88) Aquele é o carro do pai dele.
- (89) Desse aqui... eu quero.
- (90) Eu pinteí de rosa... essi.
- (91) Aqui está o carro banco. (= branco)
- (93) É tudo cachorro.
- (94) Ele latiu... ele latiu agora e latiu agora a mãe dele.
- (95) Esse daqui é a historinha do gatinho que apareceu.
- (96) Esse daqui é do Igor... da mamãe toma esse.
- (97) Mãe... guaraná pra você... dois.

Fase de 2;8

- (98) Papai falou não ganhava... não ganhava... é o meu.
- (99) Ali é o quarto do Igor.
- (100) Mamãe... quando a gente sair do carro... eu tô na casa.
- (101) É o coração isso.

- (102) É a casa que é malaca.
- (103) Tem que dividi.

Fase de 2;9

- (104) O que que é isso?
- (105) Aquela é a estrada... vou fazer o carro do vovô Virgílio embaixo .
- (106) A minha mãe que deu.
- (107) Onde está a sua mão.
- (108) Esse quem me deu? Bá-bão... me deu o Babão.
- (109) Eu que abi... eu que vô abi.
- (110) Eu que faço... você não.
- (111) Lá na minha casa tem piscina... lá.
- (112) Deixa eu pegar.

Fase de 2;10

- (113) Eu quero cantar.
- (114) Cadê o brinquedo?
- (115) Meu pai me deu.
- (116) contei uma historinha pra vovó Necinha.

- (117) Onde está a sua mão?
- (118) Eu tenho uma bola lá na minha escola.
- (119) Vou te bater carrinho.
- (120) Bota o Cascão na moto dele.
- (121) Eu quero ir de carro.

Fase de 2;11

- (122) O que que é isso?
- (123) Onde que tá isso da minha casa?
- (124) Onde monta minha casa?
- (125) A Juliana que me deu.
- (126) Ela tem sítio a minha vó bisá.
- (127) Onde tá o papel?
- (128) Foi o papai que me deu esse papel.
- (129) Como é que corta mamãezinha?
- (130) De que é?
- (131) Mas quem é que tá aqui? Mas quem é? Quem é?
- (132) Ela anda aonde?
- (133) Ele tem qual carro? o porquinho.
- (134) Onde que é o galeto?
- (135) Que vê que vai andá sem gasolina?
- (136) Agora esse daqui que vai dirigi.

Fase de 3;0

- (137) Aonde é que tá o carro?
- (138) Aqui qui é carro.
- (139) Agora é aqui que eu vou colar.
- (140) O balão qual é?
- (141) A bicicleta... eu já botei.
- (142) Aqui que era o Parque da Mônica.
- (143) Agora é o carro dela que vai passá.
- (144) Ela que vai lá no Parque da Mônica.

- (145) O carro da vovó tá aonde?
- (146) A bolsa dela qual é? Verde?
- (147) Esse carro foi passeá... tem que ficá aqui.

Fase de 3;1

- (148) O que que é isso daqui?
- (149) Faz ali o carro outro.
- (150) Onde é que a Minie vai ficar?
- (151) Aqui caiu todo mundo?
- (152) Eu quero desenhar esse daqui.
- (153) Mãe... quero fazer o fusquinha do tio Carlinhos.
- (154) Papai comprou.
- (155) Esse fusquinha é da Cuca.
- (156) Quero fazer a casa da D.Benta.
- (157) Mãe coloca aqui, por favor.
- (158) A Cuca vai passear lá no outro sítio.
- (159) Onde que a menina vai ficar?
- (160) Papai-noel não vai dar presente pra ela porque ela tá caindo na casa da D.Benta.
- (161) Mãe... não tá dando pra colocar a casinha do porquinho... essa daí.
- (162) Eu quero ler isso daqui.
- (163) Eu quero balinha.
- (164) Lá na escola tem lobo mal.
- (165) Aqui a fadinha... aqui a fadinha. Cadê o fadinho?
- (166) A história já terminou.
- (167) Acabou a história. A história terminou.

Fase de 3;2

- (168) Agora que vou conta história.
- (166) É aqui que é seu lugar.
- (170) Lá no fogão... tem mais pão.
- (171) Isso daí que a bolinha tem.
- (172) Na minha história tem coração.

- (173) Ela vai ter que vir.
- (174) Aonde que abri?
- (175) Esse daqui que é o lobo mau.
- (176) Eu falei que eu quero bolinha.
- (177) Segura o carro que é meu.
- (178) Na minha casa tem cachorro.
- (179) É o Caco que escorrega.
- (180) Qual é a sua história?
- (181) É a tia Nastácia que vê se tá quebrada.
- (182) Cuca... tem que esperar fazer a casa.
- (183) Aqui tem que abrir a porta.
- (184) Perto da minha mãe do céu que eu falei.
- (185) Eu vou colocar o papá que caiu.
- (186) A sua mochila... qual é?
- (187) Eu vou bater em alguém que tá dormindo.
- (188) A escova do Piu-piu... eu quero levá.
- (189) Esse é o avião que anda.
- (190) No sítio... eu vi uma barata.
- (191) Meu pai foi aonde?
- (192) É a bisá que vai me dá o patinho... a bisá.
- (193) Lá na dela tem bruxa que pega.
- (194) No aniversário dela... eu vou dá um bonecão pra ela.
- (195) Lá na minha história tem lobo mau.
- (196) Aí meu lobo mau que tá na minha história.
- (197) O patinete... ele tava andando.
- (198) Esse tem menininho que escorrega.
- (199) O menino que escorrega tá aqui.
- (200) Isso aqui que ele tá segurando.
- (201) Lá na escola que eu pintei.
- (202) Aqui Rabicó... o que eu trouxe prá você.
- (203) Tem que meu pai compá mais.
- (204) Cadê o tio Barnabé que tava aí?

B) DADOS DO GABRIEL

Fase de 2;4

- (1) A ota mão tá suja. (= A outra mão tá suja)
- (2) Tá tuta a ota mão (= Está suja a outra mão)
- (3) É teia não. (= É feia não)
- (4) Atši tenta. (= Aqui senta)
- (5) Utšinho papai deu (= Ursinho papai deu)
- (6) Totoso não. (= É gostoso não)
- (7) Tá a ua a Babu. (= Tá na rua a Zuzu)
- (8) Tá tutendo. (= Tá chovendo)

Fase de 2;5

- (9) Tšia a tawta tuta. (= Tira a calça suja)
- (10) Taiu taneta. (= Caiu a caneta)
- (11) Atei não. (= Achei não)
- (12) Taiu utšinho. (= Caiu o ursinho)
- (13) Foi tainho. (= Foi o carrinho)
- (14) A tabesa taiu. (= A cabeça saiu)
- (15) É peia a Buna. (= É feia a Bruna)
- (16) Tá pio não. (= Está frio não)

Fase de 2;6

- (17) Mamãe tabi. (= A mamãe sabe)
- (18) Té teta. (= Quero a Teca)
- (19) Tá nu šeu a pombinha. (= Tá no céu a pombinha)
- (20) Papai tedô. (= O papai chegou)
- (21) A Buta taiu. (= A bruxa saiu)
- (22) A baia abiu. (A bala abriu)
- (23) A bobó é béio (= A vovó é velha)
- (24) É dandzi não. É nininha. (É grande não. É pequeninha).

Fase de 2;7

- (25) Té issu, mamãe? (Que é isso, mamãe)
- (26) Tá tuto a tetê (= Está suja a chupeta)
- (27) Tabô o monstro. (= Acabou o monstro?)
- (28) Bamo dá pizentši papai. (= Vamos dar o presente ao papai)
- (29) A mamãe tortô (= A mamãe cortou)
- (30) Vô pô dezenho. (= Vou pôr o desenho)
- (31) Tô dši ótulus. (= Estou de óculus)
- (32) Eu quici a bóia. (= Eu esqueci a bola)
- (33) Mamãe tši tebô o topo. (= Foi a mamãe que quebrou o copo)
- (34) Faca fez dodói. (= A faca fez dodói)

Fase de 2;8

- (35) Tadê shapato meu? (= Cadê meu sapato)
- (36) Té abi pizentši (= Quero abrir o presente)
- (37) A mamãe té gelo (= A mamãe quer gelo)
- (38) Eu té tatalhau mão. (= Eu não quero bacalhau)
- (39) Vamu no totši, mamãe? (= Vamos no shopping, mamãe?)
- (40) Põe calça nele.
- (41) Tá no colo o Teteta. (= Está no colo, o Pateta)
- (42) Tšia band-aid, bobó. (= Tira o band-aid, vovó)
- (43) Foi imbóia casa deli. (= Foi embora para cada dele).
- (44) Cota to a faca, mamãe. (= Corta com a faca, mamãe)

Fase de 2;9

- (45) A Bubu comeu (= A Zuzu comeu)
- (46) Eu goto da bobó (= Eu gosto da vovó)
- (47) Mãe, mi azuda sopá. (= Mãe, me ajuda a soprar.)
- (48) Mi dá boia (= Me dá a bola)
- (49) Lápis pa desenhá. (= Lápis pra desenhar)
- (50) Tá falando o tê? (= Está falando o tê?)

- (51) Eu vou bincá de massinha (= Eu vou brincar de massinha)
- (52) Eu vou tolotá (= Eu vou colocar)
- (53) Bobó tá falando coá buxa (= A vovó tá falando com a bruxa)
- (54) Taiu em mim a tuva. (= Caiu em mim a chuva)

Fase de 2;11

- (55) Eu tato (= faço) na minha casa.
- (56) O tatu (quarto) da mamãe tá longe.
- (57) Fesa a pota (= Fecha a porta)
- (58) Porque a Bubu vai entá. (Porque a Zuzu vai entá)
- (59) Eu sô muito fotši. (= Eu sou muito forte)
- (60) Não pode caí lá embaixo não.
- (61) Eu té essi desenho não. (= Eu não quero esse desenho)
- (62) Eu vô pedi pila pá bobó. (= Eu vou pedir pilha para a vovó)
- (63) Eu vô caí no chão e machucá.
- (64) Fazeu o tê? (Fez o quê?)
- (65) Quebrô o monstrinho.
- (66) Na histólia aparece o lobo mal. (Na história aparece o lobo mal.)
- (67) Quem quebrô, mamãe?

Fase de 3;0

- (68) O tê voxê tá totando, mamãe? (O que você está cortando, mamãe?)
- (69) Voxê tá totando o tê? (Você tá cortando o quê?)
- (70) Eu pensei tchi jogá no lixo.

Fase de 3;1

- (71) Eu telo/ quello vê o menino tchi afogô na ága.
- (72) A mamãe disse tem mosta (= mosca) por atchi (= aqui)

Fase de 3;2

- (73) Tompamos o tê pá vovó? (= Compramos o que pra vovó?)
(74) Voxê deu o tê pá vovó?

Fase de 3;3

- (75) Voxê achô ela é má.
(76) Mamãe acha a vovó é má.
(77) Mamãe pensa tchi (= que) a vovó é má.
(78) Eu tô peduntando (= perguntando) ele tem ága.
(79) Té vê tchi eu vô fazê?
(80) Tê vê eu vai fazê?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)